



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

ALEXSANDRO ELEOTÉRIO PEREIRA DE SOUZA

SOCIABILIDADE E RACISMO:
OS LIMITES SOCIALMENTE IMPOSTOS AO BEM-ESTAR
DOS NEGROS EM LONDRINA

Londrina
2013

ALEXSANDRO ELEOTÉRIO PEREIRA DE SOUZA

SOCIABILIDADE E RACISMO:
OS LIMITES SOCIALMENTE IMPOSTOS AO BEM-ESTAR
DOS NEGROS EM LONDRINA

Trabalho apresentado ao programa de Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Nilza da Silva.

Londrina
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S729s Souza, Alexsandro Eleotério Pereira de.
Sociabilidade e racismo :os limites socialmente impostos ao bem-estar dos negros em Londrina / Alexsandro Eleotério Pereira de Souza. - Londrina, 2013.
125 f. : il.

Orientador: Maria Nilza da Silva.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013.
Inclui bibliografia.

1.Racismo - Teses. 2. Sociabilidade - Teses 3. Negros - Segregação - Teses. 4. Ciências sociais - Teses. 5. Discriminação racial. Teses I Silva, Maria Nilza da. II. Universidade Estadual de Londrina. \$b Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 323.118

ALEXSANDRO ELEOTÉRIO PEREIRA DE SOUZA

SOCIABILIDADE E RACISMO:
OS LIMITES SOCIALMENTE IMPOSTOS AO BEM-ESTAR DOS
NEGROS EM LONDRINA

Trabalho apresentado ao programa de Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Maria Nilza da Silva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.Dr. Fábio Lanza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Marivânia Conceição de Araújo
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Londrina, 07 de Outubro de 2013.

Dedico este trabalho aos tantos OUTROS, que ao passarem, mesmo que brevemente pela minha vida, me proporcionaram uma infinidade de experiências, que a meu ver se dividem em positivas e negativas, e que se deixaram, sem perceber, em mim, se fazendo hoje presentes pelos ensinamentos que me transmitiram, e pela falta que me fazem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora não só pela constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo, pela sua amizade, disponibilidade, afeto e perseverança em me ajudar a concluir esta etapa, que a meu ver, proporcionou uma experiência ímpar para o meu desenvolvimento, não só acadêmico, mas, sobretudo, pessoal.

Ao professor Dr. Fábio Lanza, que ao crer em minha potencialidade acadêmica, me fez crer também, e que ao participar comigo de momentos-chave em minha trajetória acadêmica, se fez mais que um coordenador dos projetos e de outros trabalhos aos quais participamos juntos, mas também um amigo, imprescindível aos significativos avanços que venho obtendo em minha vida pessoal.

À minha família, desde os mais próximos, mãe e irmãos, até os não tão próximos, tias, tios e primos, por serem minha base, minha tradição, enfim, minha raiz, sem a qual, não somente esta dissertação, mas também este Alex, que é fruto desta família, não existiria hoje.

Aos amigos, tenho o enorme prazer de dizer que são tantos, que não menciono a todos, não por medo de correr o risco de deixar alguém de fora, mas sim pelo gasto desnecessário de papel. Aqueles a quem considero amigos o sabem, a esses fica aqui o meu mais sincero agradecimento, pelas conversas, dicas, cervejas, risos, enfim, por existirem.

A Fernanda Borges, menina-mulher a quem respeitosamente tenho o prazer de chamar de minha pequena, pela ajuda irrestrita, pelo apoio, pelo afeto, pela crença. Pela disponibilidade em ler e corrigir os meus textos, mesmo que de “bico”, por suportar minhas crises pessoais, acadêmicas e profissionais, e por me ajudar na resolução dessas.

Gostaria de agradecer também a CAPES, pela bolsa de estudos concedida para a elaboração e conclusão desta dissertação, bem como aos professores do departamento de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pelos

debates e pela possibilidade de um maior aprofundamento teórico; e aos colaboradores desse departamento, pela dedicação e atenção dispensadas.

SOUZA, Alexsandro Eleotério Pereira de. *Sociabilidade e Racismo: os limites socialmente impostos ao bem-estar dos negros em Londrina*. 2013. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Londrina – UEL.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar os limites socialmente impostos à sociabilidade pelo racismo e pela discriminação racial aos negros moradores da cidade de Londrina-PR. Diante de uma sociedade brasileira estruturada sob os alicerces da desigualdade racial, que privilegia assim os brancos em detrimento dos negros, busca-se compreender como o racismo interfere nas relações sociais existentes entre esses dois grupos, em diferentes âmbitos sociais, tais como o escolar, de trabalho, de lazer, e também o âmbito familiar e afetivo. O trabalho se desenvolveu em um primeiro momento por meio de pesquisa empírica com a realização de entrevistas em profundidade, de cunho qualitativo, a fim de analisar as questões relacionadas à sociabilidade e a identificação e também quantitativo, através de dados socioeconômicos disponibilizados pelo IBGE. O relato do cotidiano destas pessoas mostra que, mesmo com significativos avanços obtidos pela população negra, sobretudo nas últimas décadas, a visão do negro como um sujeito caracterizado pela inferioridade racial é uma constante em nossa época atual.

Palavras-chave: Racismo. Sociabilidade. Limites sociais.

SOUZA, Alexsandro Eleotério Pereira de. *Sociability and Racism: the socially imposed limits to the welfare of blacks in Londrina*. 2013.118p. Dissertation (Master's degree in Social Sciences). Universidade Estadual de Londrina – UEL

ABSTRACT

This work aims to study the socially imposed limits sociability by racism and racial discrimination against black residents of the city of Londrina-PR. Faced with a Brazilian society structured under the foundations of racial inequality, which so favors whites over blacks, we seek to understand how racism interferes with existing social relations between these two groups in different social environments, such as school, work, leisure, and also the family and affective level. The work was developed at first through empirical research by carrying out in-depth interviews with qualitative approach in order to discuss matters related to sociability and identification and also quantitative, through socio-economic data provided by the IBGE. The people of these daily report shows that, despite significant progress achieved by the black population, especially in recent decades, the black view as a subject characterized by racial inferiority is a constant in our present age.

keywords: Racism. Sociability. Limit social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I UMA SOCIOLOGIA PREOCUPADA COM A SUBJETIVIDADE: A METODOLOGIA DA “ESCOLA DE CHICAGO”	16
CAPITULO II A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFERIORIDADE E A SOCIABILIDADE DO NEGRO NO BRASIL	24
2.1 O NEGRO NO BRASIL	25
2.2 A TARDIA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA	26
2.3 UM NOVO COMEÇO: EM BUSCA DE CIDADANIA	29
2.4 OS ESTUDOS SOBRE O NEGRO	31
2.5 OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS	32
2.6 SOCIABILIDADE E RACISMO: O NEGRO NUM BRASIL PARA BRANCOS	35
2.7 SOCIABILIDADE E RACISMO: O NEGRO NO MUNDO DOS BRANCOS	39
2.8 PRECONCEITO DESIGUALDADE RACIAL E RACISMO	40
2.9 AS CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO: AS DESIGUALDADES RACIAIS	43
2.10 LIMITAÇÕES AO BEM-ESTAR: IDENTIDADE VERSUS SOCIABILIDADE	45
2.11 TERRITÓRIO E RACISMO: A INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS	48
CAPITULO III LONDRINA: INVISIBILIDADE NEGRA NO SUL DO BRASIL	53
3.1 BRASIL: AS RELAÇÕES RACISTAS E SUAS DIFERENÇAS REGIONAIS	53
3.2 A PEQUENA LONDRES	56
3.3 O NEGRO EM LONDRINA	57
3.4 REALIDADE SÓCIO-RACIAL BRASILEIRA	59
CAPITULO IV VICISSITUDES DA EXISTÊNCIA: IDENTIFICAÇÃO E TRAJETÓRIA DOS ENTREVISTADOS	62

4.1	UMA REALIDADE PARADOXAL: PODER SOCIOECONÔMICO VERSUS RACISMO.....	62
4.1.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	64
4.2	RUMO AO SUL DO PAÍS: A ORIGEM DOS PAIS.....	65
4.3	SOB A MESMA PELE: A IDENTIDADE NEGRA.....	68
4.4	EM TERRITÓRIO ESTRANGEIRO: A ORIGEM SULISTA E O COMPROMETIMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS	69
4.5	A CONQUISTA DE PRESTÍGIO SOCIAL: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	72
4.6	NEGRO DESDE CRIANÇA: A TRAJETÓRIA ESCOLAR	80
CAPITULO V TERRITÓRIOS CONSOLIDADOS: UMA SOCIABILIDADE FRAGILIZADA.....		
86		
5.1	SEMPRE UMA EXCEÇÃO: O ENTORNO SOCIAL CONSTITUÍDO POR BRANCOS.....	86
5.2	UM LUGAR AO SOL: O DIA-A-DIA NO BAIRRO	91
5.3	AMIGOS NEGROS, COLEGAS BRANCOS: A MANUTENÇÃO DE LAÇOS FRÁGEIS, A FIM DE MELHOR BEM-ESTAR	98
5.4	RACISMO E AFETO: AS RELAÇÕES AFETIVAS	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS		113
REFERENCIA		115

INTRODUÇÃO

Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas (1994; 27).

Norbert Elias

Este trabalho trata dos limites socialmente impostos pelo racismo e por sua manifestação - a discriminação racial¹ - ao bem-estar dos negros² em Londrina. Por bem-estar, compreende-se o estado de satisfação das exigências do corpo e/ou do espírito humano, que como sabemos, é incapaz de se satisfazer por completo. Contudo, busca-se com este trabalho explicitar como o racismo contra o negro gera um limite social ao bem-estar, tão substancial que afeta de forma ímpar a população negra moradora em Londrina, em todos os indicadores sociais.

Diante de uma sociedade brasileira estruturada sob os alicerces da desigualdade racial, que privilegia os brancos em detrimento dos negros, fazendo com que estes dois grupos se diferenciem, em particular, pela maior renda econômica dos primeiros e o menor poder aquisitivo dos segundos (FERNANDES, 1972; HASENBALG, 1979; IBGE, 2010), surgem algumas questões sobre os limites socialmente impostos aos negros, através da influência racista, a saber: como se estruturaram e permaneceram estes limites que - nos revelam os mais diversos indicadores sociais³ – mesmo após um século da abolição da escravatura negra no Brasil continuam a proporcionar aos negros, em sua maioria, as piores posições sociais? Estes limites são internalizados por negros e brancos, ao ponto de a inferiorização social do negro ser por vezes tida pelos diferentes indivíduos com naturalidade. Como os negros desenvolvem a sua sociabilidade num contexto de

¹ Nilma Lino Gomes nos esclarece os conceitos de racismo, preconceito e discriminação racial. Segundo ela, “o preconceito é um conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos.” Já a “discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam” (GOMES, 2008, 54 - 55).

² Aqui, negros são a soma da população que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE considera como preta e parda.

³ Ver em: PAIXÃO, Marcelo [et alli] “*Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil(2009-2010)*”. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2011.

discriminação racial e de racismo? É com o objetivo de responder a estas questões que este trabalho surge.

As questões mencionadas surgiram por ocasião de uma experiência ao realizar a pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto “*Território e Segregação Urbana: o lugar da população negra em Londrina*”, coordenado pela Professora Doutora Maria Nilza da Silva⁴. Tendo por parâmetro esse projeto, elaborei um subprojeto denominado “*Território e Sociabilidade: Uma Análise do Cotidiano dos Negros em Londrina*”.

Nessa pesquisa constatou-se que, independente dos bairros habitados, da situação econômica, da trajetória social e profissional, os negros entrevistados se sentem socialmente inferiorizados. Diante deste sentimento de inferioridade, tendem a criar mecanismos individuais a fim de superar os problemas de sociabilidade causados pelo racismo e pela estratificação social. Assim, algumas vezes evitam lugares onde a discriminação é mais evidente, como locais frequentados pela maioria branca e de maior poder aquisitivo⁵ ou enfrentam os desafios e procuram desenvolver trabalhos nas funções públicas, nas quais quando do ingresso, o negro sofre menor incidência do racismo.

Para desenvolver este trabalho o primeiro passo foi a pesquisa empírica com a realização de entrevistas em profundidade, de cunho qualitativo, a fim de analisar os problemas relacionados às satisfações, as relações e a manutenção dos laços sociais dos negros em Londrina. Para tal propósito foram selecionadas pessoas que se declararam negras, logo, passíveis de serem vítimas do racismo e da discriminação racial. Outro requisito foi ter residência em um bairro de Londrina por um período entre quinze e vinte anos. Estipulou-se tal período, a fim de compreender como as relações sociais, de longa data, por vezes permeadas pelo racismo, se mantêm.

A fim de entender o racismo em maior amplitude, foram entrevistadas pessoas de diferentes bairros da cidade. É importante salientar que não houve a escolha direta dos demais bairros aos quais os entrevistados deveriam residir; buscou-se os entrevistados tendo por base a residência em bairros considerados mais consolidados, ou aqueles tidos pela população local como os

⁴ Professora do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, Paraná.

⁵ SOUZA, Alexsandro E. P. “*Sociabilidade e território: o cotidiano do negro em Londrina*”. Trabalho de Conclusão de curso, 2010, Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

melhores para se viver⁶. Como resultado, os seguintes bairros foram selecionados para as entrevistas: Jardim Claudia, Jardim Maringá e Centro.

A fim de selecionar a quantidade necessária de entrevistas, e assim captar a realidade desejada, optou-se pela utilização da estratégia “bola de neve”⁷, em consequência, foram realizadas cinco entrevistas com os moradores desses bairros. Os entrevistados foram encontrados através da indicação de colegas, professores universitários e familiares. Buscando preservar suas respectivas identidades, foram utilizados pseudônimos, a saber: Maria, Márcia, José, Vagner e Celso. Creio ser de certa importância evidenciar que todos os entrevistados assinaram Termo de Consentimento Esclarecido, permitindo assim a publicação posterior de seus depoimentos. O relato das vossas histórias, bem como do cotidiano destas pessoas, vivenciado em variados ambientes, tais como instituições de ensino, trabalho, locais de lazer, e também no âmbito familiar e afetivo, foi o norteador dos próximos passos a serem tomados.

Num segundo momento da pesquisa buscou-se uma literatura acadêmica que respondesse as questões suscitadas pela realidade encontrada. Com efeito, chegou-se à literatura sobre as relações raciais, entre outras, amparadas sob o cânone das ciências sociais, sobretudo as sociológicas, que nos forneceram o embasamento teórico necessário.

Assim, esta pesquisa foi orientada por teorias e conceitos sobre as relações étnico-raciais. Algumas das referências da sociologia neste tema foram os estudos desenvolvidos no âmbito da UNESCO⁸. Neste trabalho priorizaram-se os estudos de Florestan Fernandes e Roger Bastide, datados das décadas de 50 e 70 do século XX. Tais estudos tiveram grande importância ao evidenciar a permanência do racismo no Brasil, até então veementemente negada pelos brasileiros. Numa

⁶ Neste trabalho, denomino como bairros consolidados aqueles localizados próximos à região central da cidade ou em condomínios horizontais e/ou verticais fechados, localizados, sobretudo, na zona sul da cidade. Providos de boa infraestrutura urbana e em locais que permitem a seus moradores o rápido acesso a bens e serviços estes são economicamente mais valorizados em Londrina, daí o valor social agregado.

⁷ VALLADARES, L. D. *A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório*. Caderno CRH. Salvador, v. 3, n. 58, p.35-49, 2010, p. 18.

⁸ Após a Segunda Guerra Mundial, a UNESCO, órgão das Nações Unidas, financiou uma série de pesquisas a respeito das relações raciais no Brasil. Tal iniciativa tinha como fulcro a crença de que o país representava neste aspecto um cenário singular, onde os contatos entre brancos e negros tenderiam para a harmonização. A intenção era que, descoberto os elementos que levaram a essa neutralidade, quanto à manifestação do preconceito racial, os mesmos fossem expostos ao mundo, como sinal da possibilidade da convivência harmônica entre os diferentes (Cf.: em FERNANDES, 1972).

outra perspectiva, na década de 1970, os estudos de Carlos Hasenbalg mostraram que a utilização da teoria da estratificação social e das relações de classe seria de grande valia para uma melhor compreensão das relações raciais no Brasil. É através da utilização destas teorias que o autor chega à conclusão de que mesmo havendo um desenvolvimento socioeconômico que atingiu toda a população brasileira, em particular após o fim da segunda guerra mundial, houve ainda a manutenção das desigualdades raciais, que permanecem constantes; avançando as décadas de oitenta e noventa temos como referência o antropólogo Kabengele Munanga, que ao analisar os efeitos do racismo no imaginário social brasileiro nos possibilita um melhor entendimento sobre as atitudes e os valores empregados cotidianamente no meio urbano por brancos e negros.

No que diz respeito ao tema da sociabilidade, os trabalhos de Georg Simmel e Pierre Bourdieu foram fundamentais ao entendimento do papel exercido pelas relações humanas na constituição e no desenvolvimento pessoal dos indivíduos, bem como das interações desses em meio às exigências do cotidiano urbano no qual vivem.

No que toca a vida urbana, tomou-se como referência os trabalhos elaborados pelos sociólogos da *Escola de Chicago* - sobretudo os elaborados por Robert Park, Louis Wirth e também por seus herdeiros, Erving Goffman e Howard Becker - a fim de lançar luz sobre as questões objetivas/sociais e subjetivas/individuais que permeiam a vivência na cidade.

No tema referente a divisão social dos territórios, os trabalhos de Milton Santos sobre a constituição do cidadão, por meio dos espaços ocupados, iluminam as análises sobre a segregação racial no Brasil. Contíguo a estes foram utilizados outros referencias teóricos não menos importantes, citados na parte bibliográfica deste trabalho.

Junto ao método qualitativo, acompanhado da pesquisa teórica, trabalhou-se também com a perspectiva quantitativa, incorporando dados secundários produzidos pelo Censo 2010, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com isso, buscou-se avaliar a situação socioeconômica e geográfica da população negra no Brasil e especificamente em Londrina, com o objetivo de entender como o racismo afeta as peculiaridades econômicas, educacionais e sociais da população negra residente no sul do país.

É possível diagnosticar num primeiro momento que a história dos negros moradores da cidade de Londrina, semelhante ao restante do país, é permeada por um processo sócio-histórico que naturaliza o racismo. A essa população cabe sempre um lugar de inferioridade no convívio diário com os brancos, ou seja, negros e brancos podem vir a ocupar o mesmo espaço, desde que aquele esteja em “seu devido lugar”, subordinado ao grupo dominante branco. Esta afirmação está pautada, sobretudo, na pesquisa de campo, todavia, corroborada por Fernandes, 1972⁹; Hasenbalg, 1979¹⁰; e Munanga, 2008.

Por fim, este trabalho objetiva contribuir para dar visibilidade do racismo que restringe o acesso a bens materiais e simbólicos, aos direitos sociais e a população negra em sua totalidade, trazendo à tona as dificuldades e limitações cotidianamente enfrentadas nos diferentes ambientes sociais. Desta forma, ao analisar as relações sociais dos negros em Londrina busca-se, a exemplo da *Escola de Chicago*, compreender as condições de vida de uma parte das pessoas que vivem no espaço urbano da cidade que, segundo Louis Wirth (1938), se assemelha a “um mosaico de mundos sociais nos quais é abrupta a transcrição de um para o outro”¹¹.

Tendo como premissa a cidade como um mosaico de mundos sociais iniciamos o **capítulo I, Uma sociologia preocupada com a subjetividade: a metodologia da “Escola de Chicago”**, fazendo um apanhado sobre a *Escola de Chicago* - modelo metodológico influenciador desta pesquisa - a fim de explicitar os motivos que nos levaram a escolha metodológica e teórica deste trabalho.

No **capítulo II, A construção social da inferioridade e a sociabilidade do negro no Brasil**, abordamos as questões sócio-históricas que fizeram com que o negro passasse a ser visto como um sujeito dotado de inferioridade, sendo a cor da pele sua peculiaridade distintiva e um dos principais limitadores dos laços de sociabilidade; seguido pelos movimentos sociais e individuais de resistência que buscaram garantir a cidadania aos negros brasileiros, bem como os estudos acerca das relações raciais que tiveram maior vigor em meados do século XX.

⁹ FERNANDES, Florestan. *O Negro no Mundo dos Brancos*. Difusão Europeia do Livro, 1972.

¹⁰ HASENBALG, Carlos A. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

¹¹ WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida (1938). In: VELHO, Guilherme Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Trad. de Marina Corrêa Theuherz. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

No **capítulo III, Londrina: invisibilidade negra no Sul do Brasil**, descrevemos a formação étnico-racial e a composição atual da região sul brasileira, bem como as influências que fizeram com que, mesmo tão incipiente, Londrina se veja atrelada aos ideais racistas que perpassam as cidades brasileiras.

No **capítulo IV, Vicissitudes da existência: identificação e trajetória dos entrevistados**, analisamos as histórias e o cotidiano de vida dos 05 entrevistados, buscando compreender como o racismo afeta suas respectivas relações sociais cotidianas.

No **capítulo V, Territórios consolidados: uma sociabilidade fragilizada**, nos debruçamos sobre as relações sociais, sobretudo as de amizade, que os negros estabelecem em espaços nos quais são normalmente exceção.

Nas **Considerações finais**, procuramos alinhar os capítulos anteriores, expondo as principais conclusões e perspectivas da pesquisa.

CAPITULO I

UMA SOCIOLOGIA PREOCUPADA COM A SUBJETIVIDADE: A METODOLOGIA DA “ESCOLA DE CHICAGO”

Apesar de não ser o foco deste trabalho fazer uma genealogia detalhada da *Escola de Chicago*, nos será de grande valia o entendimento de como o surgimento e desenvolvimento desta afetou de forma ímpar as ciências sociais em todo o âmbito ocidental e como veremos, em particular, a brasileira. Ademais, é também sob a influência teórica e metodológica dos pesquisadores desta escola que se desenvolve a presente pesquisa. Assim, ao rememorar alguns conceitos, teorias e teóricos, busca-se, não somente a apresentação do progresso da referida escola, mas também deste trabalho. Em entrevista concedida ao antropólogo Gilberto Velho em 1990, Howard Becker, expoente vivo da *Escola de Chicago*, fala sobre sua constituição:

Geralmente, quando se fala numa escola como a *Escola de Chicago*, imagina-se um grupo de pessoas que compartilham certas idéias. Mas é preciso fazer uma distinção. Uma escola de pensamento é definida do exterior. Alguém, olhando de fora, nota idéias e pensamentos comuns a certas pessoas, que podem nem se conhecer, podem nunca ter tido contato entre si. Essas idéias comuns frequentemente são atribuídas ao *Geist*, ao espírito do tempo. Já uma escola de atividades é um conjunto de pessoas que realmente estão trabalhando juntas, fazendo alguma coisa. O Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, a chamada *Escola de Chicago*, era, portanto uma escola de atividades que executava, principalmente, o trabalho organizado por Park. Fazia outras coisas também, é claro. Ogburn, por exemplo, estudou os efeitos sociais do telefone e do avião. Outros fizeram estudos estatísticos sobre as transformações sociais, econômicas etc. ocorridas nos Estados Unidos (1990; 120)¹².

Fundado em 1895, três anos após a fundação da Universidade de Chicago, o departamento de sociologia da referida instituição foi uma iniciativa do sociólogo americano Albion Small. Tendo se graduado em teologia no Colby College, nos Estados Unidos, decidiu-se por dar continuação aos estudos de pós-graduação nas áreas das ciências sociais, na Leipzig University e também da Universidade Humboldt de Berlim (1879 - 1881) ambas localizadas na Alemanha. Small, familiarizado com a literatura sociológica europeia existente na época,

¹² BECKER, Howard S. *Uma entrevista com Howard S. Becker*. Estudos Históricos. Vol. 3 (5), p. 114-136. 1990.

demonstra maior afinidade com a elaborada pelo sociólogo alemão Georg Simmel, sendo fortemente influenciada pelas peculiaridades desta última, que contrariando a sociologia objetiva de Émile Durkheim e a positivista de August Comte, acredita que à sociologia cabe mais do que a definição do objeto, sendo ela também um método.

Simmel, contemporâneo de Durkheim, entende que esse último não deu conta de explicar as questões subjetivas, que ao lado das objetivas compõem o cotidiano social. Para Simmel a vida moderna é a principal responsável pela expansão da psiquê humana, bem como da diversidade de personalidades presentes nos diferentes indivíduos. É, conforme o autor, em decorrência deste fato que o indivíduo, de forma individual ou coletiva, responde e reage diferentemente ao ritmo da vida moderna. Compreender tais reações, que impassíveis às indagações objetivas e/ou científicas se aloca no campo das questões subjetivas, compostas por intencionalidades, atitudes e representações é, segundo Simmel, uma demanda a ser respondida pela sociologia (SIMMEL, 1902)¹³.

É, grosso modo, sob estas premissas e influências, que Albion Small funda o departamento de sociologia da Universidade de Chicago, que como já dito por Becker, foi responsável por criar a ciência da sociologia nos Estados Unidos. Todavia, é somente em 1914, com a entrada do sociólogo americano Robert Park nesta instituição que a *Escola de Chicago* começa a se delinear, devido ao pioneirismo em empreender uma importante tentativa de estudo dos centros urbanos, combinando conceitos teóricos e pesquisa de campo de caráter etnográfico.

Tendo, assim como Small, estudado em Berlim, Park teve como professor Georg Simmel, sendo este também sua principal influência profissional e acadêmica. Sua entrada na Universidade de Chicago se dá após longa trajetória de pesquisas e outros trabalhos realizados em continentes, tais como o africano e o asiático¹⁴. A entrada de Park na referida instituição é marcada pelo interesse pelas reformas sociais, traço que acaba por se constituir como a principal característica da *Escola de Chicago*. Influenciados por Park, estudantes daquela universidade tomam diferentes regiões da cidade de Chicago para empreenderem suas pesquisas. Sobre este fato Becker explica que:

¹³ SIMMEL, Georg, *A metrópole e a vida mental* (1902). Em VELHO, Otávio G. (org), *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

¹⁴ Cf.: em VALLADARES, L. D. *A visita do Robert Park ao Brasil, o "homem marginal" e a Bahia como laboratório*. Caderno CRH. Salvador, v. 3, n. 58, p.35-49, 2010.

Muitas das pesquisas tinham uma forte marca empírica e foram planejadas para lidar com os problemas sociais contemporâneos, tais como pobreza, imigração, assimilação dos grupos imigrantes pela cultura e a sociedade americana – ou o que quer que fosse isso (1990; 117-118).

As preocupações dos pesquisadores estavam, em maior grau, voltadas a questões como raça, eugenia, reprodução de pessoas com deficiências físicas, debilidade mental, entre outros. Tal interesse tinha como finalidade uma melhor compreensão sobre as condições de vida das pessoas que viviam na cidade de Chicago, espaço no qual, devido à rápida expansão industrial, a presença de migrantes era elevada (COULON, 1995)¹⁵. Segundo Becker o interesse em se debruçarem sobre tais questões se deve ao seguinte fato:

[...] é preciso lembrar que na minha época outra coisa muito importante estava acontecendo: o problema racial. As relações raciais tornaram-se, a meu ver, o problema-chave dos Estados Unidos. Enquanto na Europa o que mobilizava era o problema de classe, nos Estados Unidos o problema racial era o exemplo mais óbvio de injustiças. Então, todos os sentimentos e atitudes que na França ou Inglaterra envolviam a questão da classe trabalhadora, nos Estados Unidos apontavam para o problema racial (1990; 127).

A época à qual Becker se refere era a década de 1930. Todavia, desde o decênio anterior, pesquisadores como Park, Louis Wirth, Ernest Burgess, Everett Hughes entre outros, empreendiam rigorosas pesquisas, que em sintonia com a realidade social norte-americana acabaram por transformar a cidade de Chicago em um “laboratório de pesquisas”. Sobre esse último termo a socióloga Lícia do Prado Valladares nos explica que:

A cidade como laboratório foi uma das principais contribuições de Robert Park à sociologia urbana ou à ciência da cidade. A idéia primeira teria vindo de Albion Small, então chefe do Departamento de Sociologia. A imagem da cidade como laboratório foi, segundo Leclerc (1979), uma forma publicitária que Park encontrara para explorar o material rico que as cidades americanas ofereciam para que se analisassem os problemas de pobreza, da integração e das formas de organização social da sociedade. Não interessava simplesmente o estudo da cidade, mas a compreensão científica de seus problemas que, em consequência do rápido crescimento demográfico, da forte presença de imigrantes europeus, da intensificação do conflito entre capital e trabalho, que eram inúmeros (VALLADARES, 2010: 42).

¹⁵ COULON, A. *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papyrus, 1995: 25.

Louis Wirth elucida que “para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1938 in VELHO, 1979; 96). Com efeito, podemos entender que os espaços dotados com tais características, independentemente de sua localização geográfica são passíveis de análise sociológica, por meio dos métodos, conceitos e teorias disponibilizadas pelos pesquisadores da *Escola de Chicago*.

Ainda sobre esse “laboratório de pesquisas”, Park tem também a visão de que a cidade é antes de qualquer coisa um produto da natureza humana, sendo ela mais que a equação de indivíduos e instituições, mas sim “[...] um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição” (PARK, 1916 in VELHO, 1979; 26). Com efeito, para os interacionistas e pragmatistas da *Escola de Chicago*, a compreensão da sociedade moderna só se torna possível se o sociólogo obtém êxito em penetrar na alma, no seu corpo cultural, ou seja, nas subjetividades dos indivíduos que a compõe. Desta forma, a novidade que os intelectuais deste departamento trouxeram foi na maneira de se fazer pesquisa em Sociologia. Segundo Goldenberg (2007), “um de seus traços marcantes é a orientação multidisciplinar, envolvendo, principalmente, a sociologia, a antropologia, a ciência política, a psicologia e a filosofia” (GOLDENBERG, 2007, p. 25)¹⁶.

A *Escola de Chicago* foi à primeira refutação *in loco* da visão biologizante da genética, que por meio das características biológicas, tinha primazia na compreensão sobre as ações e subjetividades humanas. A referida *Escola* se contrapõe às ciências da natureza ao investigar o subjetivo ao invés da situação social, quer saber quem é o pobre, quais são suas angústias, dificuldades, disposições, atitudes, significados, ou seja, a subjetividade de que também é feita a pobreza, evidenciando desta forma o embate objetivo/subjetivo, sociedade/indivíduo, oposição superada por seus pesquisadores.

Foi sob a influência de tais ideias que o então estudante Donald Pierson, sob a orientação de Robert Park, veio ao Brasil para elaboração de sua tese de doutoramento - a qual culminou no livro *Branços e Pretos na Bahia* (1971), um clássico da literatura sobre relações raciais no país. A vinda de Pierson fez com

¹⁶ GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

que Salvador fosse “transformada” - como ocorrido em Chicago, com Park e seus discípulos - em um laboratório social, iniciado com sua estadia naquela cidade que se deu entre os anos de 1935 e 1937.

A Salvador encontrada por Pierson em 1935 não correspondia ao modelo ideal de cidade inspirado pelo caso de Chicago. O Censo realizado em 1940 demonstrara que a população era constituída por 290.443 habitantes, sendo que destes 188.146 habitantes (65% do total) eram negros. Os estrangeiros totalizavam apenas 5.439 habitantes (quase 2% da população total), e dentre estes a colônia espanhola era a mais numerosa. Desta forma, a heterogeneidade e o alto contingente populacional, característicos das metrópoles não se configuravam como marca de Salvador. Todavia, lembremos que para Park a cidade, independente de uma baixa ou alta heterogeneidade ou numero de indivíduos é, antes de tudo, um produto da natureza humana, e é neste produto que Pierson, motivado pelos trabalhos realizados por Park, detém seu foco.

Valladares, falando sobre as constatações de Park sobre a realidade social de diferentes regiões dos Estados Unidos, explica que essas só puderam ser comprovadas devido à sua vivência em tais regiões, nas quais pôde concluir que:

[...] os negros eram diferentes dos migrantes europeus que viviam nos Estados Unidos, apesar de ambos terem migrado para o novo continente. Enquanto as condições de chegada dos negros aos Estados Unidos tinha feito desaparecer todo traço da sua cultura africana de origem, os europeus a mantinham no seu novo habitat. Assim sendo, a noção de assimilação seria diferente entre os dois grupos. Os negros tiveram de reinterpretar a cultura anglo-saxã (apesar de serem isolados do mundo dos brancos), enquanto que os europeus trouxeram consigo a sua cultura e os seus valores. O contato entre raças e entre culturas era, de fato, o que interessava a Robert Park. Não por acaso seu livro póstumo, publicado em 1950 com um prefácio de Everett Huges, se chama *Race and Culture*. Não por acaso também, quando Park se aposenta pela universidade de Chicago, vai para a Universidade de Fisk, uma universidade negra (VALLADARES, 2010: 38).

Assim, o objetivo de Pierson em Salvador era, a exemplo de Park, compreender, por meio de pesquisas de tipo *survay*, como se desenvolviam as relações raciais em um espaço em que mesmo existindo pouca heterogeneidade social e no qual os nativos eram maioria havia a persistência da divisão de classes, expressa por uma divisão étnica e de ocupação do espaço urbano na sociedade baiana (PIERSON, 1971). Para o desenvolvimento do trabalho, Pierson:

‘vasculhou’ tudo o que existia à época: bibliografia científica em português, francês, inglês, alemão, notícias em jornais, material existente nas repartições públicas e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e em outros arquivos (documentos históricos). Frequentou as festas populares de Salvador, seus clubes sociais, seus inúmeros candomblés. Anotou tudo que lhe parecia importante. Empregou a técnica do questionário, mas fez também entrevistas formais e informais, pediu a algumas pessoas que elaborassem listas. Enfim, aproveitou-se da rede de relações que estabeleceu, utilizando a técnica hoje conhecida como a de ‘bola de neve’ (VALLADARES, 2010: 43).

Além do traço multidisciplinar já apontado, vale destacar duas posturas importantes para o pensamento que floresceu no departamento no qual Pierson estudou: o interacionismo simbólico, representado por George Mead; e o pragmatismo trazido por John Dewey. Desta forma, a preocupação com as *intenções*, as atitudes, as disposições, os significados que os indivíduos atribuem às suas relações sociais, tudo isso é a tônica e a busca da *Escola de Chicago*; ora, a única maneira de ter acesso a esses fenômenos é se aproximando dos indivíduos, participando do “objeto” ou do fenômeno que se quer estudar. Qual então o método de pesquisa que capta esta dimensão? As pesquisas qualitativas foram de grande valia na realização dos objetivos da *Escola de Chicago*: entrevistas, diários, documentos pessoais, e as mais diversas fontes foram utilizadas para alcançar o subjetivo dos indivíduos, é desta forma que Pierson obtêm êxito em compreender como o racismo, com sua “silenciosa” perversidade, ditava as relações sociais na cidade de Salvador¹⁷.

A fim de maior aproximação com a pesquisa de seu orientando, Park vem ao Brasil em meados de 1937. Em sua estada, que teve duração de dois meses, acompanhou atentamente a vida social e cultural de Salvador. Porém, mesmo antes de sua vinda seu trabalho já ecoava pelo país. No Brasil, as influências de Park se refletem no trabalho de intelectuais como Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Arthur Ramos e sobre a *Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*, na qual Pierson - docente de 1936 a 1959 - tentou replicar a *Escola de Chicago*.

A vinda deste eminente sociólogo ao país fez com que o Brasil passasse a ser “considerado pelos *scholars* americanos um verdadeiro ‘laboratório da civilização’, afirmaria Arthur Ramos em 1943, na introdução à primeira edição do

¹⁷ Cf. em PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*. São Paulo: Editora Nacional, (1971).

livro do livro do Donald Pierson” (VALLADARES, 2010: 42). Intelectuais europeus também passaram a ter maior interesse pela realidade brasileira¹⁸. É sobre este pano de fundo que a sociologia urbana se estabelece no Brasil, sendo as relações raciais seu fulcro. Com base nestes preceitos:

No final dos anos 1940, sociólogos da Universidade de Columbia juntaram-se com antropólogos e sociólogos brasileiros (Wagley, Charles; Azevedo, Thales de; Costa Pinto, Luiz, 1950) e desenvolveram, no estado da Bahia, o Projeto UNESCO. Originalmente sob a direção de Arthur Ramos (que faleceu quando o projeto estava prestes a iniciar-se), o estudo se voltava para as questões levantadas pela convivência de raças na formação e história do país. O Projeto se desenvolveu também em outros contextos brasileiros (em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Pernambuco). O Brasil, visto por meio da Bahia, apresentaria o país ao mundo mediante relações raciais harmoniosas. Como contraponto, o Sudeste do Brasil se fazia necessário: na região mais urbanizada e industrializada, as tensões raciais se faziam presentes (VALLADARES, 2010: 45-46).

É importante lembrar que o interesse das ciências sociais pelas relações etnicorraciais não surge apenas neste período. Segundo Roger Bastide, o convívio entre negros e brancos e os problemas relativos à inserção do negro no período pós-abolição, estão no cerne das preocupações das ciências sociais desde seu surgimento na América Latina e, especificamente no Brasil. Assim ele explica que:

La sociologia latinoamericana del siglo XX, en gran parte, es continuacion de la sociologia del siglo XIX. La abolicion del estatuto colonial, la supresión de la esclavitud y las crisis económica conseguinte – especialmene en el Brasil y en las Antillas -, asi como las dificultades que encontraron las economías locales para adaptarse al ritmo de la economía capitalista, produjeron un caos de ideas y de sentimientos (BASTIDE, 1947 in GURVITH e MOORE, 1965; 116)¹⁹.

Inferre-se, portanto, que o caos de ideias e sentimentos causados pela disparidade entre negros e brancos não constitui preocupação recente, mas antiga e cara à sociologia. Esta preocupação permanece manifesta, até a época atual, em trabalhos elaborados por importantes atores do cenário intelectual brasileiro.

Logo, a decisão de ter como ponto de partida a abordagem sociológica elaborada pela *Escola de Chicago* - o interacionismo simbólico - se deve ao fato de que essa, a nosso ver, contempla os principais objetivos desta pesquisa,

¹⁹ GURVITCH, Georges & MOORE, Wilbert E. *Sociologia del Siglo XX*. Barcelona: El Ateneo, 2. ed., 1965.

ou seja compreender como a sociedade, por intermédio de sua cultura racista, limita por meio das necessárias interações entre os indivíduos, o bem-estar dos negros. Isso se dá sustentado num elemento biológico dotado de preceitos objetivos/subjetivos: a pele negra, e a estigmatização social²⁰ imposta a ela e, por conseguinte, a seus detentores.

Desta forma erigem-se duas questões, a saber: como se iniciam as disparidades entre negros e brancos no Brasil? E, como essas se mantiveram ao longo dos séculos, chegando a nossa época atual? É no intuito de compreender os fatos sócio-históricos que culminaram na naturalização da inferioridade racial do negro no Brasil, que surge o capítulo que se segue.

²⁰ Ver em: GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

CAPITULO II

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFERIORIDADE E A SOCIABILIDADE DO NEGRO NO BRASIL

“O racismo é um sistema de poder. Os negros não têm poder em nenhum lugar no mundo. Mesmo na África, são os brancos que mandam e se os dirigentes se opõem são assassinados. O negro não tem poder de ser racista em nenhum lugar, mesmo se fosse possível. Racismo negro não é possível porque os negros não podem reinventar a história”.

Carlos Moore

Segundo Howard Becker, o modo como descrevemos determinada realidade social depende, sobretudo, do público-alvo ao qual direcionamos nossos argumentos descritivos, sendo que a base desta premissa está no fato de que os modos de representação da realidade social, elaborados pelos diferentes indivíduos, são inexoravelmente limitados. Assim, Becker explica que:

Cientistas sociais e cidadãos comuns utilizam rotineiramente não somente mapas, mas uma grande variedade de outras representações da realidade social – alguns poucos exemplos aleatórios são filmes documentários, tabelas estatísticas ou as histórias que as pessoas contam umas às outras para explicar quem são e o que estão fazendo. Todos eles assim como os mapas, fornecem um retrato parcial que é, todavia, adequado a alguma proposta. Todos eles surgem em ambientes organizacionais, que restringem o que pode ser feito e definem os objetivos a serem alcançados pelo trabalho (BECKER, 2009; 136)²¹.

Ora, na elaboração deste trabalho não se fugiu à realidade apresentada no excerto acima. Assim, o caminho escolhido para a organização deste capítulo poderia logicamente ter sido outro, contudo, tomamos o aqui apresentado por dois motivos, quais sejam: o primeiro é que sendo eu, estudante de ciências sociais, e sendo esta dissertação um produto cognitivo, sobretudo, desta

²¹BECKER, Howard S. Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social: Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2009.

área do conhecimento, teve-se como premissa, mantermo-nos o mais próximo possível de suas linhas paradigmáticas e epistemológicas. Em segundo lugar, dentro das linhas citadas optamos por uma abordagem teórico-metodológica que tende a garantir a cientificidade da pesquisa por meio de uma visão microssociológica, priorizando assim as subjetividades sociais, ou seja, as motivações, percepções, intencionalidades, expectativas, valores, etc. dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Desta forma, optou-se por uma apresentação de nossa realidade sócio-histórica que privilegia tanto os aspectos objetivos, quanto os subjetivos existentes nas relações sociais entre negros e brancos; em outras palavras, captar tanto as nuances sociais quanto as individuais que, a nosso ver, foram relevantes para a naturalização da inferioridade social do negro no contexto brasileiro.

2.1 O NEGRO NO BRASIL

Segundo dados do Censo 2010, elaborados pelo IBGE, a população negra brasileira é representada atualmente por 51% do total de habitantes. Conjuntamente às populações indígenas, representada por 0,47% da população, constituem um grupo social ao qual podemos denominar como a minoria racial brasileira – mesmo constituindo mais da metade da população. É importante salientar que o conceito racial não está como *a priori*, atrelado a bases biológicas, mas sim ao conceito social, que, sobretudo, por fatores fenotípicos, distingue os sujeitos, alocando-os em distintas posições sociais. No caso dos negros e dos índios, sua alocação se dá em uma posição social inferiorizada, em relação à população branca. Tal fato traz consigo graves consequências, desta forma, estudiosos das relações étnico-raciais, no Brasil e no Mundo, apontam o racismo e a discriminação racial como a explicação mais sólida para as desigualdades sociais que assolam este país (HASENBALG, 1979; BASTIDE e FERNANDES, 2008²²; MUNANGA, 2008²³; SKIDMORE, 2012²⁴).

²² BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. 4ª edição, Editora: Anhembi, São Paulo, 1955.

²³ MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Autêntica, Belo Horizonte, 2008.

²⁴ SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro (1870-1930)*, Companhia das Letras, São Paulo, 2012.

Esses mesmos teóricos nos levam a compreensão sobre a forma racialmente hierárquica sob a qual foi estruturada a sociedade brasileira. É com base nessa, que a população branca pôde vir a se beneficiar, mesmo que de forma inconsciente, de privilégios materiais e simbólicos - destinados em um primeiro momento aos colonizadores europeus - conquanto que negros e índios continuam a ser os mais subordinados no interior da referida estrutura.

A priori, tal estrutura emerge tendo por base o regime escravista (1530 – 1888), período no qual negros e índios foram subordinados e subjulgados com maior veemência no país. É neste mesmo período que, por fatores sociais, culturais e econômicos, estes dois grupos populacionais, ainda hoje subjulgados, assumem posições sociais diferentes na sociedade brasileira (Fausto, 2006)²⁵. Mas, é com a abolição da escravatura que as desigualdades raciais, em sua forma contemporânea, começam a se delinear (HASENBALG, 1979).

2.2 A TARDIA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Minha carta de alforria não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco, nem bigodes retorcidos.
Minha carta de alforria costurou meus passos
aos corredores da noite de minha pele.

Adão Ventura (1982)

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão do negro. Paradoxalmente, a abolição não causou melhorias na vida dos libertos, mas sim sua marginalização e repulsa. Kabengele Munanga explica que:

O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional. Ora, esta se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os ex-escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho, ainda não mudou? Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira (2008: 48, grifos nosso).

²⁵ BORIS, Fausto. *História Concisa do Brasil*, Editora Edusp, São Paulo, 2001.

O fim do sistema escravista não insere o negro no novo sistema, mas sim consolida a ideologia capitalista em nosso país impelida pelas influências liberais - advindas principalmente da Inglaterra e dos Estados Unidos - e pela consolidação do modelo de trabalho assalariado. A abolição da escravatura não ocorreu devido à tomada de consciência dos brasileiros²⁶ de que aos negros cabia a liberdade e a igualdade. O que levou o Brasil a gradativa abolição da escravatura negra - iniciada oficialmente em 1850 com o fim do tráfico negreiro e findada em 1888 com a Lei Áurea – foram as mudanças provocadas pela ação individual e coletiva dos abolicionistas²⁷, iniciada em 1825 pelo estadista José Bonifácio e em um segundo momento, com a pressão dos industriais ingleses. É importante salientar, que estas foram ações oficiais para a abolição da escravatura negra, todavia, a resistência negra se dá desde sua chegada ao Brasil, sendo os quilombos, a revolta do malês e a da chibata exemplos históricos desta resistência (NASCIMENTO, 1978; HASENBALG, 1979).

Assim, a motivação, preocupação e objetivo de ambos, abolicionistas brasileiros e industriais ingleses, não se pautavam na humanização e inserção do negro na sociedade de classes, mas sim no desenvolvimento econômico e social da nação para os primeiros, e a consolidação de uma ideologia eurocêntrica para os últimos. Com efeito, a preocupação direta para com os negros se dá após a abolição da escravatura, e essa é paradoxalmente gerida com o intuito de extingui-los do Brasil. Buscando o desenvolvimento nacional, em particular, o econômico:

os pensadores brasileiros se alimentaram, sem dúvida, do referencial teórico desenhado pelos cientistas ocidentais, isto é, europeus e americanos de sua época e da época anterior. [...] todo o arcabouço pseudocientífico engendrado pela especulação cerebral ocidental repercute com todas as suas contradições no pensamento racial da elite intelectual brasileira (MUNANGA, 2008: 47).

²⁶ Segundo Thomas Skidmore na prática, os brasileiros, no século XIX e início do XX são formados por uma pequena elite, assim o autor nos diz que: “todo membro dessa elite vivia, necessariamente, em dois mundos. Por um lado fazia parte de uma minúscula minoria educada. Suas ideias e sua formação eram europeias, moldadas pelas tradições culturais jesuítas e humanistas de Portugal, mas cada vez mais modificadas pela cultura francesa”. Com o florescimento do liberalismo, estes passam a serem influenciados principalmente pela Inglaterra e Estados Unidos “até mesmo os modelos de organização política vinham do exterior. Por outro lado, a elite vivia no Brasil, e não em Paris ou em Londres” (2012; 31-32).

²⁷ Grupo de pessoas que formando um movimento político, tinham por objetivo a abolição da escravatura e o fim do comércio de escravos no Brasil.

Desta forma, norteados pela assimilação acrítica desse “arcabouço pseudocientífico”, cuja premissa era de que a civilização europeia era a mais desenvolvida²⁸, a elite dirigente brasileira fugindo à sua responsabilidade passa a acusar a população negra pelas mazelas sociais e culturais, expressas, sobretudo, no atraso econômico atribuído pela Europa ao Brasil, daí o principal argumento para se tecer socialmente a inferioridade dos negros após o período escravocrata. Hasenbalg explica que tal acusação se dá pelo seguinte motivo:

Com a abolição do escravismo, o racismo, como construção ideológica e conjunto de práticas mais ou menos articuladas, foi preservado e em alguns casos até reforçado. A preservação do racismo, independentemente do conteúdo irracional do preconceito racial, serviu aos interesses (materiais ou não) daqueles que dele se beneficiaram. A questão é então: quem se beneficia do racismo e como? Esta questão, por sua vez, leva diretamente às relações de raça e racismo com a estrutura de classes, a estratificação e a mobilidade social (1979: 113).

Assim, guiada por seus interesses particulares e a fim de se manter hierarquicamente sobreposta aos negros, a elite dirigente vê no branqueamento²⁹ da população e na exclusão dos negros do processo de industrialização que nascia, o meio de equacionar o problema racial no Brasil ao mesmo tempo em que se mostrava desejava de civilizar-se, através dos parâmetros impostos pelos dirigentes europeus. Desta forma, o incentivo à imigração europeia - através de intensa propaganda realizada em países europeus, que demonstravam as boas condições de trabalho em um Brasil que se encontrava em franco desenvolvimento - e de subsídios do poder estatal e da iniciativa privada, disponibilizaram os recursos necessários à vinda e a manutenção dos imigrantes as terras brasileiras, vindos, sobretudo, para as regiões sul e sudeste do país (SKIDMORE, 2012: 206).

Em consequência, devido à marginalização e à falta de políticas públicas destinadas à inserção social dos ex-escravos na sociedade de classes e até mesmo com políticas de exclusão, a extinção da população negra passa a ser racionalmente arquitetada, aguardada a médio e longo prazo e até mesmo calculada. Pesquisas elaboradas por intelectuais do início do século XX, como

²⁸ Cf.: Sobre as teorias racistas nascidas na Europa e disseminadas por todo o ocidente, DIWAN, Pietra. *Raça pura: Uma História da Eugenia no Brasil e no mundo*. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

²⁹ Idem.

Martim Francisco, Edgar Roquete Pinto entre outros, previram que até o ano de 2012 a população negra estaria extinta do Brasil (SKIDMORE, 2012: 113-114).

Após a abolição, somente na segunda década do século XX - terceira década da República e período em que se deu a Primeira Guerra Mundial – que a elite dirigente brasileira começa a se autoavaliar e a analisar empiricamente a situação socioeconômica do Brasil. Intelectuais como Miguel Calmon, Gilberto Amado e Basílio de Magalhães começam a refutar a tese do arianismo, assinalando as conquistas históricas dos mestiços, sem, contudo, exaltarem os negros (Idem: 211-234).

2.3 UM NOVO COMEÇO: EM BUSCA DE CIDADANIA

É sobre este pano de fundo que os negros lutam pela possibilidade de inserção e atuação na sociedade brasileira, seguindo assim os passos antecédidos, sobretudo, por Luís da Gama³⁰, que guiado pelo direito constitucional libertou mais de 500 escravos de forma legal, ainda no período colonial. Tal perspectiva se abre, também, dando continuidade a luta de movimentos sociais que durante o período escravista atuavam, em sua maioria, na clandestinidade³¹. Os novos movimentos surgidos em fins da primeira metade do século XX foram impulsionados pela *imprensa negra*, cujo primeiro jornal, *O Menelick*, começa a circular em 1915, seguem-lhe *A Rua* (1916), *O Alfinete* (1918), *A Liberdade* (1919), *A Sentinela* (1920), *O Getulino* e *o Clarim d' Alvorada* (1924). Estes jornais possuíam como característica principal o fato de não se envolverem na cobertura dos grandes acontecimentos nacionais (os quais, cautelosamente, evitavam), voltando-se assim a conscientização da população a negra, a fim de uma possível guinada social para o fim de suas mazelas. Conforme assinala Clovis Moura, tratava-se de “uma imprensa altamente setorizada nas suas informações e dirigida a um público específico” (1989: 32)³².

Essa onda culmina, já em 1931, na criação da Frente Negra Brasileira, movimento que contou com milhares de associados e simpatizantes,

³⁰ Cf.: em BENEDITO, Mouzar. *Luiz Gama: o libertador de escravos e sua mãe libertária*, Luíza Mahin. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

³¹ A peculiaridade desses movimentos está no fato de que eles tinham um caráter radical, posto que seu principal objetivo era a libertação dos negros cativos (MOURA, 1989).

³² MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1989.

possuindo tamanho êxito – devido a sua ampla disseminação por diversas regiões do país - que em 1936 resolveu constituir-se como partido político e, nesse sentido, deu entrada na Justiça Eleitoral naquele mesmo ano. Todavia, acabou por ser extinto devido a incessante resistência da sociedade e do Estado contra as atividades desempenhadas em prol da cidadania da população negra, assim, já fragilizado, o movimento não pôde resistir à truculência imposta pela política nacional vigente a partir de 1937 - Estado Novo - o que, por conseguinte, acabou por paralisar suas ações grupais, priorizando agora o trabalho “isolado” de seus integrantes (REIS, 2004; SKIDMORE, 2012).

Não obstante, com a ausência formal de mecanismos científicos e culturais de subalternização e inferiorização da população negra, surge, com o fim do Estado Novo, movimentos sociais que se lançando em contexto nacional objetivavam o reconhecimento do negro como agente social, junto à queda de conceitos biológicos errôneos, ditos científicos. Esses, por sua vez, visavam uma guinada estrutural, buscando retirar o negro de uma posição sócio-histórica de subordinação por meio da valorização de sua autoimagem, bem como do respeito à cultura deixada pelos ancestrais africanos. Como exemplo destes movimentos tem-se a *União dos homens de cor*, criado em Porto Alegre no ano de 1943, e o *Teatro Experimental do Negro* – TEN, fundado no Rio de Janeiro em 1944, os dois são exemplos de clubes negros que nasceram em todo o país, inclusive em Londrina. É, sobretudo, a partir dos debates suscitados nestes movimentos que os debates sobre as desiguais relações entre negros e brancos tomam corpo, tornando-se objetos de pesquisa nos centros acadêmicos.

2.4 OS ESTUDOS SOBRE O NEGRO

Os estudos sobre as relações raciais no Brasil têm suas origens ainda no século XIX, com publicação do livro *A Escravidão no Brasil* (1866) do Jurista Perdigão Malheiro. Segue-lhe, ainda no mesmo século, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (1894) de Raimundo Nina Rodrigues³³. A primeira obra se evidencia pela discussão jurídica acerca da escravidão nos tempos em que esta tinha legalidade no país; já a segunda justifica a inferioridade dos negros

³³ Há o registro de outros trabalhos, todavia, estas acabaram por se tornarem as de maior evidencia.

através do estudo dos hábitos culturais e sociais dos africanos e de seus descendentes no Brasil. Verifica-se que em ambas as obras - assim como em outras publicadas ao longo da primeira metade do século XX, por teóricos, como Alberto Torres (1912) e Manoel Bomfim (1931) - não há a preocupação em aceitar e assimilar os africanos, seus descendentes e sua cultura, mas em se acelerar o desenvolvimento socioeconômico nacional.

Assim, a história nos mostra que é apenas na década de 1940, concomitante às atividades desempenhadas pelos movimentos sociais negros, que intelectuais como Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos – ambos integrantes do TEN - entre outros, realizaram pioneiras, e solitárias pesquisas que buscavam desnudar as disparidades sociais entre brancos e negros, permitindo assim que individualidades subjetivas desses segundos viessem a ser compreendidas de forma científica no Brasil. Todavia, no início da década de 1950 surge uma possibilidade para o avanço das pesquisas sobre as relações raciais no país.

Com o termino da Segunda Guerra Mundial, a UNESCO, órgão das Nações Unidas, financiou uma série de pesquisas a respeito das relações raciais no Brasil. Tal iniciativa teve como fulcro a crença de que o país representava neste aspecto um cenário singular, onde os contatos entre brancos e negros, contrario aos Estados Unidos e a África do Sul, tenderiam para a harmonização. Esta visão, segundo Bastide; Fernandes (2008) e Hasenbalg (1979), teria sido consagrada pelos trabalhos do escritor Gilberto Freyre, sobretudo, no livro *Casa Grande e Senzala* (1933)³⁴. Os estudos financiados pela UNESCO dão tônica e, por conseguinte, maior visibilidade às relações raciais no país e acabam por envolver pesquisadores de todo o cenário nacional, fortalecendo assim essa temática de pesquisa nos centros acadêmicos.

Não obstante, contrária à visão disseminada nos Estados Unidos e na Europa, os resultados das pesquisas demonstraram a existência de profundas desigualdades raciais no país, estas por sua vez, oriundas do racismo manifesto pela discriminação racial, em sua maioria, velada (BASTIDE e FERNANDES, 2008). Explicitada tal faceta de nossa sociedade, coube em um segundo momento, aos intelectuais, o entendimento de como esta desigualdade se manteve, tendo em vista

³⁴ Nesta obra Gilberto Freyre faz uma abordagem acerca das relações existentes entre senhores e escravos, chegando à conclusão de que as relações entre esses dois grupos se davam de forma harmônica, o que por sua vez, possibilitava que ambos se beneficiassem, no cotidiano em meio à propriedade rural.

que sua explicação não pôde mais ser corroborada por fatores científicos e/ou culturais.

A explicação do racismo foge do limite do contexto brasileiro, isso se deve ao fato de que a visão social de uma inferioridade racial do negro não se restringe à nação brasileira, mas a grande parte do ocidente. Desta forma, os estudos coloniais acerca dos impactos materiais (no que tange ao não acesso a bens de consumo) e simbólicos (no que diz respeito à desqualificação social empenhada aos negros) - causados tanto aos colonizadores quanto aos colonizados, adquirem relevante importância para esta compreensão.

2.5 Os Estudos Pós-Coloniais

As pesquisas elaboradas no âmbito do movimento literário intitulado *Negritude*³⁵ dão ênfase ao entendimento da nova realidade social que se forma no período pós-colonial. Devido a experiências racistas vivenciadas em território francês nas décadas de 1930 e 1940, intelectuais como Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, René Maran, entre outros, todos advindos de colônias francesas, buscam compreender e explicar as justificativas sócio-históricas que culminaram na veemente discriminação racial por eles vivida, começam desta forma a desvendar os meandros e caminhos tomados para a hegemonia ideológica da raça branca europeia. Acordam que, para se contrapor a esta ideologia onde o branco, sobretudo o europeu, tem privilégios simbólicos e materiais frente ao negro, seria necessário a constituição de uma nova ideologia, na qual o negro não estivesse subordinado ao branco, mas sim em pé de igualdade. Todavia, a constituição desta nova ideologia não atinge êxito, prevalecendo a hegemonia europeia (MUNANGA, 1988: 70-76).

Sob a influência do movimento de *Negritude*, o psiquiatra antilhano Frantz Fanon, no livro *Peles Negras, Máscaras Brancas (1952)*, faz uma análise minuciosa sobre os impactos psíquicos e sociais que a colonização europeia causou aos brancos e aos negros. Assim, ressalta que,

³⁵ Cf.: MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*, 2ª ed: Ática, São Paulo, 1988.

inicialmente o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos *como negros*. Em outras palavras, não haveria razão para as pessoas na África, na Austrália ou em outras áreas do Pacífico Sul pensarem sobre si mesmas em termos raciais. Para entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados. Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. (FANON, 2008: 15).

Foi por tais meios que a colonização europeia criou um novo mundo, assim, ao soterrar o continente africano com sua língua, ideologia, hegemonia e civilidade fez crer a estes povos, europeus e africanos, que a forma de ver e viver no mundo é um só: o modo europeu. Tal homogeneização faz com que a alteridade seja vista como inferioridade, desta forma, o outro, a população africana neste momento, é visto como o polo inferior em relação ao europeu. Cultura, fenótipos, religião, toda a sociedade africana passa a ser negada e/ou subalternizada. A alusão à inferioridade se dá principalmente pela cor da pele, assim, “o branco está fechado na brancura, e o negro na sua negrura” (FANON, 2008: 27). Fanon afirma que “A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial. [...] aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (2008: 30), utilizada para inferiorizá-lo. Tendo ciência de tais elementos, Kabengele Munanga esclarece que:

No caminho da luta pela mobilização e conscientização de seus membros, grandes vítimas da sociedade, os movimentos sociais encontram numerosos obstáculos, como a inércia e as forças das ideologias e das tradições, passadas e presentes, entre outros. Remover esses obstáculos exige a construção de novas ideologias, capazes de atingir as bases populares e convencê-las de que, sem adesão às novas propostas, serão sempre vítimas fáceis da classe dominante e de suas ideologias (MUNANGA, 2008: 13-14).

No Brasil o movimento negro busca conscientizar sua população, como já dito, ao menos desde o início do século XX, tendo obtido expressivo êxito ao longo dos anos, contudo, tendo sido o país colonizado pela hegemônica ideologia europeia, cuja influência é sentida até nossa época atual, esta tem se revelado uma dura batalha que, relacionada a algumas peculiaridades nacionais tendem a agravar a situação, já fragilizada, da população negra no país.

Após passar pelo período colonial e imperial, o Brasil chega à república em 1889, passando a usufruir de maior autonomia, sobretudo política. Contudo, autores como Celso Furtado (1964); Raimundo Faoro (1989) e Manoel Bomfim (1993), demonstram que não houve a constituição de uma genuína democracia, mas sim a tomada de poder por uma elite econômica e social. Em linhas gerais, o que era para se estabelecer como um recomeço, acaba por se compor numa continuidade e aqueles que constituíam a elite brasileira durante o período colonial e imperial são os mesmos no período republicano. Desta forma, o modelo de organização patriarcal, no qual o poder é transmitido hereditariamente aos membros da família permanece, com algumas alterações.

Tal fato implica que, como constatado por Pastore; Silva (2000)³⁶, a população negra, quando do êxito socioeconômico no país, tenha ainda uma curta mobilidade social, em comparação a elite branca cujo poder do nome familiar perpassa, por vezes, séculos, prestigiando assim seus ascendentes. Isso se deve, segundo os autores, ao fato de o *status* social dos filhos estarem diretamente ligado ao *status* dos pais, ou seja, quanto mais alta a posição social dos pais, maior será a de sua prole (2000: 96). Ora, através da análise do contexto sócio-histórico vivenciado pela população negra no país, é possível a conclusão de que esses, desde sua chegada nestas terras tão inóspitas, nunca usufruíram de alto *status* social, a não ser com raras exceções, de forma individual e no caso de mobilidade social ascendente.

Compreende-se, portanto, que a construção social da inferioridade do negro no país se constitui em dois momentos socio-históricos, tendo sua origem no período escravista (1532 -1888), com a herança herdada dos colonizadores europeus, por meio de sua ideologia eurocêntrica, e após a abolição da escravatura, período no qual, em particular por meio do patriarcalismo brasileiro, os privilégios materiais e simbólicos se mantiveram, não sendo assim distribuídos, em sua maioria, de forma democrática, mas sim pelas relações socialmente adquiridas (HASENBALG, 1979; HOLANDA, 2006; SKIDMORE, 2012).

³⁶ PASTORE, José & SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo, 2000.

2.6 SOCIABILIDADE E RACISMO: O NEGRO NUM BRASIL PARA BRANCOS

O Brasil que resultou da longa elaboração da sociedade colonial não é um produto nem da atividade isolada nem da vontade exclusiva do branco privilegiado e dominante. O fato, porém, é que a sociedade brasileira foi montada para esse branco (1972: 14).

Florestan Fernandes

A fim de melhor compreensão sobre as complexidades que envolvem as redes de relações humanas, partimos das proposições de Georg Simmel, cuja premissa é a de que a questão da sociabilidade é de suma importância para o estudo e o entendimento sobre a estrutura social. Tal conceito nos permite compreender seus princípios organizativos e o modo pelo qual se edificam; agindo diretamente na constituição de elementos objetivos e simbólicos³⁷ que permeiam o cotidiano dos sujeitos. Desta forma, Simmel afirma que sua principal preocupação se dá devido a duas proposições:

uma delas é que em qualquer sociedade humana pode-se fazer uma distinção entre seu conteúdo e sua forma. A outra proposição é que a própria sociedade em geral se refere à interação entre indivíduos. Essa interação sempre surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos. Os instintos eróticos, os interesses objetivos, os impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque, de ganho ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles, contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado por eles. A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc., a formarem uma unidade – precisamente, uma “sociedade”. Tudo que está presente nos indivíduos (que são os dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente nele de maneira a engendrar ou medir influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação (SIMMEL, 1983: 165 - 166)³⁸.

³⁷ Como exemplo, pode se citar a delimitação social entre os territórios. No Brasil nunca houve uma segregação oficial da população negra, todavia, a história nos mostra que a ocupação de territórios periféricos e marginalizados pelo contingente negro é visto com naturalidade, como se aquele fosse de fato o local designado a eles, e não uma construção social imposta. Cf.: em Silva (2006).

³⁸ SIMMEL, G. Sociologia. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

Verificamos no presente autor, uma preocupação em apreender a subjetividade daqueles que vivem em sociedade. Não perde de vista os condicionantes macro que pesam sobre estes indivíduos, porém não esquece que eles também são sujeito e tem certas disposições para agir, atitudes, sentimentos, intelectualidade. Muito longe de fazer psicologia, psicanálise, ou qualquer outra ciência particular e referente ao indivíduo somente, ele faz uma Sociologia que interage de forma micro e macro, indivíduo e sociedade, objetividade e subjetividade de uma maneira coerente e inovadora (para a época). Nesse sentido, podemos entender que, para Simmel, a sociabilidade é constituída por propósitos, interesses, impulsos, inclinações, desejos, entre outros elementos inerentes aos sujeitos e sociedade por ele constituída. Em um artigo intitulado *O conceito de Sociabilidade em Georg Simmel (2005)*³⁹, o sociólogo José Alcântara Junior nos ajuda a entender este conceito afirmando que:

Qualquer que seja o motivo acionado pela interação, ela desencadeia redes de reciprocidades, expressas nas formas sociais, delas derivando ou criando, vamos dizer assim, as associações, que se projetariam sobre o solo social. Portanto, os modos de vida são os veículos diretivos das interações sociais. A sociabilidade é resultante das condições inerentes e gestadas pelas múltiplas combinações interacionais acionadas a partir dos indivíduos, por grupos e por classes sociais, sintetizadas e cristalizadas na própria sociedade (2005: 33).

Ora, tendo o imaginário social brasileiro se cristalizado sob a imagem do negro como um sujeito inferior na cotidiana relação com os brancos, cabe-nos inferir que estas “combinações interacionais acionadas a partir dos indivíduos” são perpassadas pelo racismo, possibilitando desta forma, uma interferência no modo como os diferentes grupos, negros e brancos, vivenciam suas respectivas sociabilidades. Ainda sobre esse conceito, Baechler afirma que:

[...] a sociabilidade pode traduzir-se em agrupamentos formais e organizados. Podendo constituir unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, mas cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar juntos (1995: 82)⁴⁰.

³⁹ ALCÂNTARA, José. *O conceito de Sociabilidade em Georg Simmel*. Rev. Ciências Humanas - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005.

⁴⁰ BAECHLER, Jean. *Grupos e Sociabilidade*. In: BOUDON, Raymond (Org). *Tratado de Sociologia*. Trad. por Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Assim, vemos que a sociabilidade tem, dentre uma de suas finalidades, proporcionar aos sujeitos melhor e maior desenvolvimento pessoal, por meio da integração em determinados espaços sociais - almejados pelos sujeitos - e posterior pertencimento ao grupo que os compõe. Essa composição se dá, sobretudo, pelas afinidades ou interesses em comum, que fazem com que se reúnam. Baechler explica que:

Por um lado, a sociabilidade impede que em seu âmbito se trate de assuntos profissionais, confessionais, políticos ou outros, ainda que possam ser objeto de conversas gerais ou que seja possível encontrar a eventual solução através de conversas particulares. Por outro lado, os indivíduos devem, na medida do possível, impor silêncio a seus humores e problemas pessoais, e amenizar com tato as asperezas de sua personalidade e os traços extravagantes de seu personagem social. Cada um deve, de algum modo, oferecer-se aos outros como membro aceitável de um círculo de civilidade, o que significa que todos devem desenvolver traços comuns, que os definem como oriundos de uma determinada sociedade. É por essa razão que a civilidade se baseia na igualdade e até, em certa medida, na identidade dos participantes. Por conseguinte, os critérios de recrutamento são muito rigorosos, uma vez que só indivíduos do mesmo mundo poderão ser suficientemente semelhantes entre si para criarem seu "mundo" (1995: 82-83).

Entende-se, portanto, que para que um indivíduo adentre e atue em determinado espaço social, o mesmo tem de ser aceito pelos membros que o formam. No caso de sua não aceitação, suas expectativas se veem frustradas. Por outro lado, o indivíduo pode, por sua vez, vir a ocupar objetivamente o espaço social desejado, todavia, a ocupação ou legitimação simbólica se vê comprometida. Ora, sendo a legitimidade perante a sociedade o fator principal da sociabilidade, entende-se, portanto, que quando da ausência desta, a parte material ocupada supre uma ínfima demanda da expectativa apresentada:

Aqui, "sociedade" propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. Interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas estas sociações também se caracterizam, precisamente, por

um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência. [...] Pois a forma é a mútua determinação e interação dos elementos da associação. É através da forma que constituem uma unidade (SIMMEL, 1983: 168 - 169).

Daí a necessidade de se considerar, no caso dos negros, o problema do racismo, que dificulta sua sociabilidade, impedindo-os assim de atingir algumas metas pessoais, não por demérito, sobretudo, mas sim por uma interação entre os sujeitos socio-historicamente comprometida. As consequências desta deficiente interação entre brancos e negros se explicita, em particular, nos ambientes sociais compartilhados por ambos. Todavia, são nos espaços dotados de maior prestígio social que a limitação da sociabilidade dos negros, por meio do racismo, se deixa evidenciar. Sendo essa, por sua vez, uma realidade intrínseca à história brasileira, mesmo com significativos avanços sociais, como exemplo, a instituição de cotas raciais para negros em universidades federais - espaço altamente elitizado. Há ainda que se considerar que,

A sociabilidade surge, assim, como um capital, cuja acumulação, certamente em correlação positiva com os rendimentos, o está, sobretudo, com o diploma. Ele tem toda a aparência de um capital cultural, cuja gestão bem-sucedida depende da assimilação de uma cultura que conta a sociabilidade entre seus valores privilegiados (BAECHLER, 1995: 79).

Compreende-se, desta forma, que diante dos impedimentos sociais em se estabelecer relações que beneficiem igualmente negros e brancos, este capital, constituído pelos laços sociais, tende a se restringir, sendo acessado, em sua maioria, pela população branca.

2.7 SOCIABILIDADE E RACISMO: O NEGRO NO MUNDO DOS BRANCOS

No livro *Casa Grande e Senzala* (1933) Gilberto Freyre faz uma análise acerca da formação da sociedade brasileira, tendo em vista a miscigenação entre brancos, negros e índios. O enfoque dado à cordialidade existente entre os moradores da casa grande (casa do patriarca e seus familiares) e os da senzala (alojamento dos negros) mostra como se davam as relações sociais entre negros e brancos durante o período colonial. Ainda na década de 30, o historiador Sergio Buarque de Holanda lança o livro *Raízes do Brasil* (1936), este por sua vez, tem por

objetivo abordar os principais aspectos da história cultural brasileira. Assim, o autor destaca a importância do legado cultural deixado pelo colonizador português.

As formas e os meios pelos quais se davam as relações sociais, explícitas nestas duas obras, colaboram para a reflexão sobre o delineamento das relações sociais em nossa época atual. A subordinação dos negros aos brancos, observada em *Casa Grande e Senzala*, deixou resquícios que agora assumem outra roupagem: o racismo velado, principal agente das desigualdades raciais no país. No lugar da casa grande os bairros em que os moradores são predominantemente representantes da classe dominante, e no lugar da senzala a periferia marginalizada das grandes cidades, estes são agora, em grande maioria, os redutos de brancos e negros, respectivamente. Todavia, é importante ressaltar que tais desigualdades não se limitam aos territórios habitados e sim em todos os aspectos da vida social brasileira (BASTIDE; FERNANDES, 2008).

Há ainda a mal sucedida formação progressista, apontada por *Raízes do Brasil*, que permanece, não intocada, porém contundente; a classe rural continua a ter privilégios e poder político e as relações familiares, de forma mais aberta, continuam mais importantes e respeitadas que aquelas entre os cidadãos (HASENBALG, 1979: 34). Vê-se desta forma, que as complexidades que envolvem as relações sociais em nosso país, continuam quase que inalteradas em relação ao período colonial. Em termos de subordinação, os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos no passado continuam a caracterizá-los no presente. O machismo, o preconceito racial, a intolerância religiosa são elementos constituintes de nossa cultura (HASENBALG, 1979: 114). Temos registros oficiais da luta contra tais elementos instaurados ao longo da história brasileira, todavia, mesmo com grandes vitórias, o êxito pleno não foi capaz de atingir a nenhum dos elementos citados.

2.8 PRECONCEITO, DESIGUALDADE RACIAL E RACISMO

A discriminação racial nunca foi oficialmente institucionalizada no Brasil, todavia, as interações sociais sempre obedeceram a uma conduta hierárquica onde o negro ocupa um papel de subordinação frente ao branco. A marca dessa diferença e desigualdade perpassa toda a experiência de socialização dos

indivíduos, na casa, na escola na rua, enfim, os espaços privados, assim como os públicos são marcados pela supervalorização do branco em relação aos negros.

Guerreiro Ramos no livro *Introdução Crítica á Sociologia Brasileira* (1957), defende a tese de que devido ao racismo e ao ideal de beleza e estética branca, a população brasileira produziu significados positivos aos brancos e em detrimento significados negativos no que tange a estética e cultura relacionada aos negros. Ramos acredita que esta mesma patologia social se estende a grande parte dos intelectuais que estudaram as relações raciais no país, pois segundo ele, ao tornarem o negro um objeto de investigação destituíram-no da possibilidade de serem visto como sujeitos. Assim para o autor:

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escalpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida. O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (1955: 215).

Compreende-se, portanto, que para Guerreiro Ramos, a sociedade brasileira contribui em unísono para que as relações sociais que a permeiam, disponibilizem como única possibilidade uma sociabilidade deficiente ao negro. Desta forma, este trabalho, como já dito em outras palavras, tem por objetivo explicitar a visão do “negro-vida”, enquanto sujeito que mesmo veementemente oprimido e desrespeitado em sua singularidade busca seus direitos a fim de uma vivência harmônica junto aos demais indivíduos constituintes de nossa sociedade. Sobre essa mesma ótica, antecedida por Guerreiro Ramos, Carlos Hasenbalg assinala que:

Além dos efeitos diretos do comportamento discriminatório, uma organização social racista limita também a motivação e o nível de aspirações dos não-brancos. Quando são considerados os mecanismos sociais que obstruem a mobilidade ascendente das pessoas de cor, às práticas discriminatórias dos brancos – sejam elas abertas ou polidamente sutis – devem ser acrescentados os efeitos de bloqueio resultantes da internalização pela maioria dos não-brancos de uma autoimagem desfavorável. A forma complexa como esses dois mecanismos funcionam e se reforçam mutuamente leva normalmente negros e mulatos a regularem suas aspirações de acordo com o que é culturalmente imposto e definido como o “lugar apropriado” para as pessoas de cor (1979: 199).

É importante salientar que esse “lugar apropriado” não é, por vezes, percebido, tanto para brancos quanto para negros, isso se deve, sobretudo, a sua parte subjetiva pela qual é composta o racismo. Assim, compreender como o racismo se manifesta é um tema atual na sociedade e no mundo contemporâneo porque como afirma Michel Wieviorka o racismo “pertence ao presente da história e não somente ao seu passado” (WIEVIORKA, 2007: 11)⁴¹. Esse mesmo autor elabora um esquema teórico para a compreensão do racismo enquanto fenômeno contemporâneo, distinguindo-o em racismo científico, racismo institucional e racismo cultural, assim, explica que:

O nazismo constitui, ao mesmo tempo, o apogeu e o momento de declínio do racismo clássico, científico, segundo o qual existiram raças cujas características biológicas ou físicas corresponderiam a capacidades psicológicas e intelectuais, simultaneamente coletivas e válidas para cada indivíduo. [...] O racismo institucional aparece como um conjunto de mecanismos, não percebido socialmente e que permite manter os negros em situação de inferioridade, sem que seja necessário que os preconceitos racistas se expressem, sem que seja necessária (sic) uma ideologia racista para fundamentar a exclusão ou a discriminação. O sistema nessa perspectiva funciona sem atores, por si próprio, ele não tem necessidade de teorização para fundamentar o racismo. [...] O racismo contemporâneo funcionaria não mais imputando às suas vítimas atributos físicos ou biológicos e apoiando-se num discurso com pretensões científicas, mas denunciando particularismos culturais tão significativos, que impediriam qualquer possibilidade de conciliação com a cultura dominante, quer dizer, com o credo nacional (2006: 167-169)⁴².

Verifica-se no imaginário social brasileiro a prevalência destas duas últimas formas de racismo: o racismo institucional e o racismo cultural (CARONE E

⁴¹ WIEVIORKA, Michel. *O racismo – Uma introdução*, tradução: Fany Kon. Perspectiva, São Paulo, 2007.

⁴² WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 2006.

BENTO, 2012)⁴³. Todavia, compreender os mecanismos do racismo, não é tarefa fácil. Falando sobre as peculiaridades desse, Kabengele Munanga, no prefácio do livro *Psicologia Social do Racismo* (2012) explica que:

O preconceito racial é um fenômeno de grande complexidade. Por isso, costumo compará-lo a um *iceberg* cuja parte visível corresponderia às manifestações do preconceito, tais como as práticas discriminatórias que podemos observar através dos comportamentos sociais e individuais. [...] À parte submersa do *iceberg* correspondem, metaforicamente, os preconceitos não manifestos, presentes invisivelmente na cabeça dos indivíduos, e as consequências dos efeitos da discriminação na estrutura psíquica das pessoas (2012: 9).

Não sendo objetivamente constatada, em grande parte, pela população brasileira, a parte submersa do iceberg apontada por Munanga, correspondente aos preconceitos não manifestos, se mantém, fazendo com que a visão de inferioridade do negro se sustente de forma contínua. Contudo, esta subjetividade que resulta em um prisma de inferiorização da população negra se torna passível de observação, sobretudo, quando da análise das disparidades sociais entre negros e brancos.

2.9 AS CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO: AS DESIGUALDADES RACIAIS

Sobre essa realidade brasileira de desigualdades e discriminação racial, o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) 2005 - cujas especificidades tratavam dos índices sociais brasileiros - elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) explicita que:

No ranking do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o Brasil tem um padrão mediano — estava em 73º lugar em 2002, com um índice de 0,766. Esse número, porém, oculta uma desigualdade profunda entre brancos e negros, como demonstra o Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil 2005 — Racismo, pobreza e violência, divulgado nesta sexta-feira (18), em São Paulo, pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Se cada um desses dois grupos formasse um país à parte, a distância entre eles seria de 61 posições. A população branca teria IDH alto (0,814) e ficaria na 44ª posição no ranking mundial – semelhante à da Costa Rica e superior à da Croácia. Já a população negra (pretos e pardos) teria IDH médio (0,703) e ficaria em 105º lugar, equivalente ao de El Salvador e pior que o do Paraguai. “A distância entre brancos e negros, portanto, seria enorme”, observa o documento⁴⁴.

⁴³ Carone & M. A. Bento (Orgs.). *Psicologia Social do Racismo*. 5º Ed. Petrópolis: Vozes. 2012.

⁴⁴ Dados disponíveis em http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Brasil.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHBrasil. Visitado em 22/02/2013.

A fim de uma junção entre estes “dois brasis”, um dos negros e outro dos brancos, tem se como premissa que o acesso à educação - socialmente tida como fator ímpar para o fim das desigualdades econômicas e raciais – seja a resposta para a guinada desta realidade social, todavia, esse é dos pontos que sustenta a vulnerabilidade social da população negra. De acordo com o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, entre os brasileiros com nível superior completo há 9,8 milhões de brancos e 3,3 milhões de pardos e pretos. Já entre a população sem instrução ou que não terminou o ensino fundamental os números se invertem: são 40 milhões de pretos e pardos e 26,3 milhões de brancos. A fim de corroborar estes dados, disponibilizo os semelhantes dados elaborados por pesquisadores do Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (LAESER), que em 2008, diagnosticou que no Brasil 34,1% da população possui nível superior completo, destes, apenas 10,0% é constituído pela população negra⁴⁵.

Verifica-se, desta forma, o pano de fundo sobre o qual a personalidade de brancos e negros irá se constituir em todo o país. Acostumados a uma realidade social na qual os negros são secularmente limitados ao desenvolvimento de papéis sociais tidos como inferiores, a população brasileira – negros e brancos – acabou por naturalizar as disparidades causadas pelo racismo, passando, assim, a conceber com certa normalidade as mazelas sob as quais grande parte da população negra está submetida, dando assim continuidade a essas.

Ora, independentemente de nossa vontade nascemos e somos acolhidos em uma determinada sociedade. Essa, por sua vez, com seus valores, hábitos, costumes, enfim, padrões próprios. A nós, cabe o nascer e o adequar-se, e *a posteriori* o moldar-se, buscando sempre, por meio de estratégias coletivas e/ou individuais, a melhor forma de sociabilidade, cuja finalidade é um aumento qualitativo de nosso bem-estar diante dos limites sociais outorgados (SIMMEL, 1983).

Todavia, mesmo diante da crescente autonomia a qual os indivíduos estão submetidos, o sociólogo William I. Thomas nos lembra de que por trás dessa há o que o autor chama de complexo de experiências, assim, explica que:

⁴⁵ Idem.

Venho chamando qualquer grupo de experiências que permanecem juntos na memória, dentro da totalidade da experiência, de um complexo de experiências. A dependência desses agrupamentos de experiências em relação às nossas instituições e costumes é também evidente, mas, uma vez que as instituições são eventualmente formadas pelos desejos, é mais importante encarar este problema do ponto de vista dos desejos, não significando isso nada de freudiano, mas simplesmente o que os homens desejam. [...] a raça humana vive em grande parte da tradição, [...] nosso comportamento é condicionado historicamente, assim como contemporaneamente (THOMAS, 2001: 65-66)⁴⁶.

É a partir desse desejo de manter a tradição, reproduzindo assim alguns aspectos tão caros à nossa sociedade, que um passado caracterizado, sobretudo, por uma cultura racista tem a possibilidade de se sustentar ainda em nossa época atual. Desta forma, levantamos a seguinte questão: como se desenvolvem as relações sociais entre sujeitos cujas relações do passado lhes fazem crer na inferioridade do negro, as do presente, em grande parte, os levam à compreensão de uma igualdade entre ambos, e, no entanto, o cotidiano social mostra uma realidade paradoxalmente constituída por ambas às premissas?

2.10 LIMITAÇÕES AO BEM-ESTAR: IDENTIDADE VERSUS SOCIABILIDADE

Minha personalidade privada não era, como eu imaginava, o puro fruto de minha vontade, já que ela se formava em reação ao que me cerceava.

Todorov

Cada indivíduo, a partir de suas experiências pessoais, constrói um mundo simbólico com o qual articula o mundo real. É a partir dessa articulação que ele irá desenvolver suas referências de mundo e de si mesmo, tais como conceitos, crenças, ideias, atribuições sobre si e sobre seu meio, tornando-se capaz de reconhecer a si e ao outro. Tanto o indivíduo quanto a sua percepção de realidade são constituídos por relações interpessoais, sendo essas relações mediadas por padrões, práticas e normas previamente estabelecidas pela sociedade na qual se situa, e esta, por sua vez, reconstruída pelo próprio indivíduo, num processo contínuo de elaboração conceituada na teoria bourdiana como um *habitus* revisado.

⁴⁶ THOMAS, William I. *O problema da personalidade no ambiente urbano*. Tradução de Mário A. Eufrazio e Paulo Henrique Pereira. Rev. Plural; Sociologia, USP, S.Paulo, 8: 145-156, 2º sem. 2001.

Além de ser um *modus operandi*, que tende a orientar e organizar determina prática, Bourdieu acredita que podemos compreender o conceito de *habitus* a partir da premissa de que esses se constituem por “estruturas estruturadas” que funcionando como “estrutura estruturantes”, ou seja, ao mesmo tempo que geram e determinam os objetivos a serem alcançados e os caminhos trilhados de maneira inconsciente pelos diferentes indivíduos, normatizam suas práticas conscientes frente as complexidades do cotidiano urbana. Em linhas gerais, podemos dizer que *habitus* é uma grade de leitura que os indivíduos dispõem para ler a vida social, deste modo, agem, sentem, possuem disposições próprias e advindas desta grade. O agente deixa de ser um “apêndice” da estrutura para voltar a criar, agir, inventar, mesmo que apenas em certas condições. Outro elemento importante a ser destacado são os sistemas de classificações criados a partir do *habitus*. Ora, pode parecer que o agente se apodera de uma liberdade um tanto quanto irrestrita quando é retomada a noção de *habitus*, porém nos alerta Bourdieu de que há uma determinação antes mesmo da ação, os “esquemas generativos”; estes presidem a escolha, é a ação da estrutura na indicação de categorias de classificação que podem ser utilizadas pelo agente, “esquemas generativos” que, antecedem e guiam a ação, e são base para o outros “esquemas generativos”. Isso significa dizer que antes de um agente agir, há um leque de possibilidades para essa ação e que, ao agir, tomando como base alguma categoria deste “leque”, as próximas ações estarão sobre esta primeira escolha; um exemplo disso são os gostos, “não é visto como simples subjetividade, mas sim como ‘objetividade interiorizada’; ele pressupõe certos ‘esquemas generativos’ que orientam e determinam a escolha estética” (ORTIZ in BOURDIEU, 1983, p. 17)⁴⁷.

No caso do negro, suas construções simbólicas, muitas vezes são frutos da negação da importância da negritude⁴⁸ na identidade do brasileiro e do modelo europeu como referência, ou seja, estão quase sempre relacionadas a “esquemas generativos” relacionados a valores inferiores e negativos de si mesmo. Guerreiro Ramos diz que:

⁴⁷ ORTIZ, Renato. *A procura de uma sociologia da prática*. In: BOURDIEU, Pierre. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

⁴⁸ Ver em: MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988; LARANJEIRA, Pires. *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.

Num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores mais prestigiados e, portanto, aceitos, são os do colonizador. Entre estes valores está o da branquidão como símbolo do excelso, do sublime, do belo. Deus é concebido em branco e em branco são pensadas todas as perfeições. Na cor negra, ao contrário, está investida uma carga milenária de significados pejorativos. Em termos negros pensam-se todas as imperfeições. Se se reduzisse a axiologia do mundo ocidental a uma escala cromática, a cor negra representaria o polo negativo. São infinitas as sugestões, nas mais sutis modalidades, que trabalham a consciência e a inconsciência do homem, desde a infância, no sentido de considerar, negativamente, a cor negra. O demônio, os espíritos maus, os entes humanos ou super-humanos, quando perversos, as criaturas e os bichos inferiores e malignos são ordinariamente, representados em preto. Não tem conta as expressões correntes no comércio verbal em que se inculca no espírito humano a reserva contra a cor negra. ‘destino negro’, ‘lista negra’, ‘câmbio negro’, ‘missa negra’, ‘caldo negro’, ‘asa negra’ e tantos outros ditos implicam sempre algo execrável” (RAMOS, 1957: 193).

Com base nesses parâmetros, falando sobre a dificuldade em se construir uma identidade negra no Brasil, Kabengele Munanga nos explica que a constituição dessa e o processo de branqueamento, ocorrido em meados do século XX, são elementos intrinsecamente imbricados, pois,

apesar de o processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseado na negritude e na mestiçagem (MUNANGA, 2008; 15-16).

Ainda sobre a constituição da identidade e o processo de branqueamento, Iray Carone, no livro *Psicologia Social do Racismo* (2012), explica que:

O branqueamento poderia ser entendido, num primeiro nível, como o resultado da intensa miscigenação ocorrido entre negros e brancos desde o período colonial, responsável pelo aumento numérico proporcionalmente superior dos mestiços em relação ao crescimento dos grupos negros e brancos na composição racial da população brasileira. O branqueamento, todavia, não poderia deixar de ser entendido também como uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após Abolição da Escravatura, para que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se “integrar” (ser aceito e ter mobilidade social) na nova ordem social (2012: 14-15, grifos nosso).

Esta realidade descrita pelos autores acima é a responsável por acolher as subjetividades psíquicas e sociais dos indivíduos – brancos e negros -, que em contato com ela tenham seus primeiros constructos ainda em idade infantil, recém-chegadas à nossa sociedade racista. Uma mudança de postura e, por conseguinte, uma guinada destes primeiros constructos é obviamente possível, contudo, enquanto isso não ocorre, há a prevalência de um prisma hierárquico entre os indivíduos que ao restringir uma concepção igualitária entre brancos e negros, tendem mentalmente alocar esses últimos nas piores posições sociais, gerando-se, assim, a fragilização dos laços entre esses dois grupos.

Tais posições destinadas aos negros, marcadas pela inferioridade social, se explicitam, sobretudo, na divisão territorial dos espaços sociais, o que por seu turno, tem direta influência para a limitação das relações entre negros e brancos. Isso resulta que na presença destes primeiros em espaços cujo imaginário social os determina como sendo intrusos, os negros se veem impossibilitados de usufruírem em sua totalidade das benesses que tais espaços poderiam lhes conceder, acarretando, assim, uma restrição de maior bem-estar individual.

2.11 TERRITÓRIO E RACISMO: A INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS

Considerando o pensamento de três autores da escola sociológica francesa - Durkheim, Mauss e Halbwachs -, o espaço pode ser definido por “duas construções sociais conceituais e metodológicas que ainda hoje pode ser tidas como referência: o espaço pensado como uma representação e o espaço pensado como uma realidade material” (SILVANO, 2007: 07)⁴⁹. Sobre a realidade material do espaço, segundo Durkheim, esse só passa a desempenhar um papel quando ocupado e compartilhado socialmente. Assim, explica que:

[...] essas divisões, que lhe [ao espaço] são essenciais, de onde lhe vêm elas? Por si próprio o espaço não tem nem direita nem esquerda, nem alto nem baixo, nem norte nem sul, etc. Todas essas distinções vêm evidentemente do facto de serem atribuídos às regiões valores afectivos diferentes. E como todos os homens de uma mesma civilização representam o espaço da mesma maneira, é evidentemente necessário que esses valores afectivos e as distinções que deles dependem lhes sejam igualmente comuns; o que implica, quase necessariamente, que são de origem social (DURKHEIM, E., *Apud*. SILVANO, 2007:09).

⁴⁹ SILVANO, Filomena. *Antropologia do Espaço*. 2º Ed, Celta, Lisboa, 2007.

Entende-se, desta forma, que o espaço é dado, não sendo passível de mudanças, por meios sociais. Já sua delimitação e utilização, o constitui em territórios, ou seja, aquele que sofre, secularmente, a ação humana⁵⁰. Com efeito, cabe ao indivíduo sua adequação a determinado território. Para que tal adequação ocorra há a necessidade de que o indivíduo venha a conhecer e a aceitar as regras pré-estabelecidas no interior do território. Essas regras são denominadas pelo geógrafo Milton Santos de “modelo cívico”:

O modelo cívico forma-se, entre outros, de dois componentes essenciais: a cultura e o território. O componente cívico supõe a definição prévia de uma civilização, isto é, a civilização que se quer, o modo de vida que se deseja para todos, uma visão comum do mundo e da sociedade, do indivíduo enquanto ser social e das suas regras de convivência (SANTOS, 1987:17)⁵¹.

Sobre as regras de convivência apontada por Santos, no que tange a realidade das relações raciais entre brancos e negros no Brasil, a socióloga Maria Nilza da Silva explica que:

No Brasil [...], jamais existiu uma separação oficial como nos Estados Unidos. Mas os estudos mostram que as políticas urbanas que vêm sendo implementadas ao longo de toda a história da cidade priorizam as regiões que concentram a população com alto poder aquisitivo, em detrimento, salvo raras exceções, daquelas áreas destinadas aos pobres e notadamente aos negros que estão na base da pirâmide social (SILVA, 2006: 23).

Para Milton Santos, território, cultura, economia e política, são conceitos necessários para a compreensão do funcionamento do mundo social globalizado. Santos também acredita que o território é o único espaço no qual as pessoas têm a possibilidade de serem cidadãos. Isso se deve ao fato de que é somente nesses que os indivíduos podem reivindicar direitos sociais previamente instituídos; é quando do usufruto desses que se tornam cidadãos. Contudo, nos alerta para a seguinte problemática:

A plena realização do homem, material e imaterial, não depende da economia, como hoje entendida pela maioria dos economistas que ajudam a nos governar. Ela deve resultar de um quadro de vida, material e não material, que inclua a economia e a cultura. Ambos têm que ver com o território e este não tem apenas um papel passivo, mas constitui um dado ativo, devendo ser considerado como

⁵⁰ Cf.: em LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes. (Ed. Documenta, 1969). 1991 a.

⁵¹ SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

um fator e não exclusivamente como reflexo da sociedade. É no território, tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta. Esta, cidadania, pode ser entendida como [...] uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância (SANTOS, 1987: 18-19).

Entende-se, portanto, que é no território que o indivíduo tem a possibilidade de desenvolver suas faculdades físicas e mentais, além de se sociabilizar, estabelecendo contatos mais próximos e escolhendo os grupos sociais aos quais deseja se socializar. Todavia, é neste mesmo espaço territorial que se diferenciam cotidianamente. Sobre a segregação social urbana, Tereza P. do R. Caldeira explica que:

[...] o espaço público não mais se relaciona ao ideal moderno de universalidade. Em vez disso, ele promove a separação e a ideia de que os grupos sociais devem viver em enclaves homogêneos, isolados daqueles percebidos como diferentes. Consequentemente, o novo padrão de segregação espacial serve de base a um novo tipo de esfera pública que acentua as diferenças de classe e as estratégias de separação. [...] O principal efeito da legislação urbana inicial foi estabelecer a disjunção entre um território central para a elite (o perímetro urbano), regido por leis especiais que eram sempre cumpridas, e as regiões suburbanas e rurais habitadas pelos pobres e relativamente não legisladas, onde as leis eram cumpridas com menos rigor (CALDEIRA, 2000: 212 e 216)⁵².

Levando em consideração os dados econômicos e sociais que demonstram que os negros ocupam as piores posições⁵³ dentro das variáveis citadas; bem como da presença de um *habitus*⁵⁴ cultural racista, que tende a desqualificar os negros brasileiros, há de se entender que esses são os que mais sofrem restrições diante do acesso a territórios com maior prestígio social, segregando-os assim, a territórios socialmente desprestigiados (SILVA, 2006). Milton Santos elucidada que:

⁵² CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora34, 2000.

⁵³ Cf.: Censo IBGE 2010.

⁵⁴ Conceito de *habitus* para Bourdieu: "sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro" (BOURDIEU *in* MICELI *et al*, 1987: XL).

[...] a atividade econômica e a herança social distribuem os homens desigualmente no espaço, fazendo com que certas noções consagradas, como a rede urbana ou a de sistema de cidades, não tenham validade para a maioria das pessoas, pois o seu acesso efetivo aos bens e serviços distribuídos conforme a hierarquia urbana depende do seu lugar socioeconômico e também do seu lugar geográfico (SANTOS, 1987: 11).

A habitação em determinado território implica que o indivíduo se adeque a esse, e não o contrário. Desta forma, a realidade cotidiana vivenciada pelos sujeitos escamoteia as complexas interações sociais das quais, como já analisado por Simmel (1983), a sociedade é composta. Tal ocorrência se dá, sobretudo, pelo fato de o sujeito estar preocupado com a compreensão e com cumprimento das leis com as quais muitas vezes se defronta, não reconhecendo as subjetividades que as subjazem, dentre elas o racismo.

Alinhada a um imaginário social racista, a ação humana sobre o território aloca os sujeitos em um “espaço de embate”, no qual suas manobras dependem da compreensão das leis que perpassam este “campo social”. É importante lembrar que “campo social” é um conceito bourdiano que se refere a um espaço social caracterizado pelas relações de poder. A estrutura deste espaço está pautada numa desigualdade de distribuição de um “*quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio. Bourdieu denomina esse *quantum* de ‘capital social’” (BOURDIEU in ORTIZ, 1983, p. 21). Dois extremos surgem desta desigual distribuição: dominantes e dominados, sendo que os primeiros são aqueles que possuem maior capital social específico, e os outros um menor desses. Essa compreensão se faz necessária independentemente do território habitado, pois o microcosmo vivenciado pelos diferentes sujeitos traz traços elementares do macrocosmo e, assim, esses seriam projeções da própria sociedade. Por fim, Robert Park nos lembra de que:

Através dos tempos, todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Cada parte da cidade tomada em separado inevitavelmente se cobre com os sentimentos peculiares à sua população. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. Dentro desta vizinhança a continuidade dos processos históricos é mantida. O passado se impõe ao presente, e a, vida de qualquer localidade se movimenta com um certo movimento próprio, mais ou menos independente do círculo da vida e interesses mais amplos a seu redor (PARK, 1916: 30)⁵⁵.

Inferi-se, desta forma, que o território só passa a sê-lo a partir da interferência direta do social. Com efeito, o modelo societário mais tradicional em um determinado território, tem grandes chances de ser absorvido, total ou parcialmente, por outro território, mesmo que recentemente constituído dentro da mesma sociedade. Como veremos, eis o caso de Londrina, cidade considerada de médio porte, com 507.000 habitantes⁵⁶, se vê atrelada aos ideais racistas que perpassam as cidades brasileiras.

⁵⁵ PARK, R. E. (1916) A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano in: O fenômeno urbano Org. VELHO, O. G. – Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

⁵⁶ IBGE 2010.

CAPITULO III

LONDRINA: INVISIBILIDADE NEGRA NO SUL DO BRASIL

3.1 BRASIL: AS RELAÇÕES RACISTAS E SUAS DIFERENÇAS REGIONAIS

A região Sul Brasileira desenvolveu-se tardiamente, se comparada às regiões Norte e Nordeste. Focou-se inicialmente na agropecuária com a utilização de técnicas mais desenvolvidas, em relação as utilizadas no Nordeste, depois veio à cafeicultura e hoje é a segunda região mais industrializada do Brasil, vindo logo após do Sudeste. Segundo Carlos Hasenbalg:

1850 pode ser fixada como a data aproximada a partir da qual o Sudeste e o resto do país iniciaram trajetórias divergentes. É então que os estados do Sudeste começaram sua carreira econômica ascendente, associado primeiro à expansão da economia cafeeira e mais tarde à industrialização dos estados do Rio grande do Sul, São Paulo e o antigo Distrito Federal, do fim do século em diante (1979: 126).

Estagnadas sob um modo de produção rural arcaico, as regiões Norte e Nordeste se viram ser ultrapassadas em riqueza e desenvolvimento pelo sudeste e sul do país, respectivamente. Enriquecidos pela cana de açúcar, pelo tráfico negreiro e pela mineração, os séculos XVI, XVII e XVIII fizeram com que as primeiras regiões prosperassem do ponto de vista econômico, de forma nunca antes vista. Todavia, o liberalismo e o capitalismo trouxeram novas exigências ao crescimento econômico, não acompanhado a contento pelos patriarcas do Norte e Nordeste (HASENBALG, 1979; FAUSTO, 2001).

Sem uma forte tradição paternalista, em maior sintonia e disposta a assimilar sem qualquer restrição o modelo europeu de civilização, o sudeste e o sul prosperaram. Copiando e transplantando as teorias políticas, a filosofia e o cientificismo europeu, advindos, em particular, da França e da Inglaterra - cuja essência era a universalização de uma ideologia eurocêntrica – a elite dirigente brasileira fez com que essas regiões floresceram, sobretudo, do ponto de vista econômico e social (DIWAN, 2007; SKIDMORE, 2012).

No entanto, tal florescimento beneficiou em menor grau a população brasileira, garantindo melhores condições aos estrangeiros que

migraram e se fixaram no Brasil. Tal fato se deve à crença nas teorias eugênicas⁵⁷ e racistas⁵⁸ que guiaram as ações a serem tomadas para o desenvolvimento nacional. Assim, objetivando acelerar este desenvolvimento, a elite dirigente não hesitou em “transplantar” os próprios europeus – considerados como racialmente superiores - para o Brasil, em detrimento dos nacionais – negros e mestiços, em sua maioria.

Para se mensurar o esforço exercido pela elite dirigente brasileira, basta lembrar que, ao longo de três séculos foram trazidos quatro milhões de negros africanos ao Brasil, concentrados, particularmente, nas regiões Norte e Nordeste. Em trinta anos o número de imigrantes europeus chegou a 3,99 milhões, tais números nos levam ao entendimento que de fato o sul – região brasileira que ao longo da história foi a menos povoada pela população negra - fosse, entre 1887 e 1930, um “pedacinho da Europa”, ou seja, uma terra estrangeira. Hasenbalg explica que:

Durante o século XIX o sudeste recebeu um relevante fluxo de imigrantes europeus. Parte deles vieram para o Rio de Janeiro, outros destinaram-se aos centros de colonização do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O início do fluxo maciço de imigrantes europeus, estimulado pelos governos estaduais e mesmo subsidiado em São Paulo, coincide com a abolição. (1979: 155).

Os estados do sul e do sudeste absorveram 88% dos imigrantes estrangeiros, destes, 16% se fixaram no sul. Sendo o Paraná e Santa Catarina estados esparsamente povoados, e com uma população negra e mestiça que em fins do século XIX chegavam a no máximo 20%, os europeus e eurodescendentes tiveram maior oportunidade de dotar estas terras à semelhança das europeias. Assim, os hábitos culturais e sociais – dentre estes o racismo - puderam se manter de modo mais ou menos hermético, variando entre as regiões, ao passar das décadas. Tal processo sócio-histórico pode explicar o maior ou menor sentimento de pertença dos negros em determinadas regiões do sul na atualidade.

⁵⁷ Criada por Francis Galton, o conceito de eugenia, é concebida como a melhora de uma determinada espécie através da seleção artificial de seus indivíduos. Tendo por premissa que os europeus constituem a civilização mais desenvolvida da época, Galton postula que a estes cabe o papel de civilizadores do ocidente (Cf.: DiWAN,2007:113-114).

⁵⁸ Doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar outras (Cf.: WIEVIORKA, 2007:9).

Em consequência destes e de outros processos históricos⁵⁹, sudeste e sul são respectivamente as regiões mais avançadas e desenvolvidas do país, atuando como centros de referência para as demais regiões. Tal realidade já podia ser observada em meados do século XX, sobretudo, por meio da análise do senso de 1950, explicitada pelo sociólogo Glaucio Ary Dillon Soares:

Enquanto o Sudeste (incluindo-se o sul) apresentava algumas características de uma sociedade urbano-industrial, exibindo um contingente urbano e um proletariado consideráveis, o resto do Brasil era fundamentalmente rural e agrícola. O emprego industrial era quase inexistente, demonstrando a reduzida significação da industrialização na sua estrutura econômica [...] Neste sentido, o Sudeste está se tornando uma sociedade industrial, enquanto o Brasil subdesenvolvido, particularmente o Nordeste, permanece como sociedade predominante rural, agrícola, não-industrial (1973: 162-163)⁶⁰.

Em consequência, na atualidade a região sul se distingue das regiões Norte e Nordeste, pelos favoráveis índices sociais, impulsionados por uma forte economia. Peguemos o Estado do Paraná como exemplo, é o 5º mais rico do país, tem um grande polo econômico, cultural e político, refletido nos elevados índices sociais, tais como alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (6º melhor do país), possui o sétimo maior Produto Interno Bruto (PIB) per capita do país (R\$20. 813,00), é também a sexta região com menor índice de analfabetismo, 6,6%⁶¹.

Em nossa época atual à população negra presente nesta região é constituída pelos seguintes percentuais, conforme dados elaborados pelo Censo 2010, o Paraná é o estado com o maior contingente dessa população na região sul, contando com 24,9% do total de habitantes, o Rio Grande do Sul é o segundo menor em população negra, 18,7% e Santa Catarina é o estado com a menor proporção de negros, com 12,6%⁶² do total de habitantes. Verifica-se, portanto, que contrário ao disseminado pelo senso comum a população negra se vê representada de forma

⁵⁹ Cf, FAUSTO, 2001, HAENBALG, 1979, entre outros.

⁶⁰ SOARES, G. A. D. *Sociedade e Política o Brasil*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.

⁶¹ IBGE, 2010.

⁶² Dados produzidos pelo PNAD 2010, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pr>. Visitado em 22/02/2013.

expressiva nesta região, tendo também participado efetivamente em sua constituição sócio-histórica (CARDOSO; IANNI, 1960)⁶³.

3.2 A PEQUENA LONDRES⁶⁴

Londrina é uma cidade paranaense fundada em 1934 e conta atualmente com uma população estimada em 515,707 habitantes (IBGE 2010). Em relação às demais grandes metrópoles, esta é uma cidade nova e com um contingente populacional médio. Loteada por uma empresa privada – Companhia de Terras do Norte do Paraná⁶⁵ – a cidade foi constituída por meio da repartição de terrenos e lotes relativamente pequenos, oferecendo aos trabalhadores sem posses a oportunidade de adquirirem os pequenos lotes⁶⁶.

Os grupos migratórios de Londrina são constituídos por italianos, seguidos por portugueses, japoneses, alemães e espanhóis; outros grupos migratórios menores são os árabes, judeus, britânicos, chineses, argentinos, holandeses, poloneses, ucranianos, tchecos e húngaros; imigrantes da região sudeste, sobretudo, dos estados de Minas Gerais e São Paulo, são também expressivos. O Consulado Italiano de Londrina estima que mais de um terço da população do Norte do Paraná são descendentes de italianos, que individualmente é o maior grupo étnico da região. A comunidade japonesa de Londrina soma cerca de 25.000 indivíduos, cerca de 5% da população (entre nacionais e descendentes), a segunda maior do Brasil e uma das maiores do mundo fora do Japão⁶⁷. Em consequência, sem uma identidade cultural definida, Londrina passa a constituí-la, quando de sua fundação, assimilando assim o *habitus* nacional, junto aos de seus imigrantes.

⁶³ CARDOSO, F. H.; IANNI, O. “*Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional*”. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

⁶⁴ Significado do nome Londrina, dada em homenagem a Londres. Isso se deu ao fato de que a empresa responsável por sua colonização, a Companhia de Terras Norte do Paraná, era inglesa.

⁶⁵ Loteadora inglesa cuja sede se instalou no Paraná em 1929.

⁶⁶ CASTELNOU, Antonio Manoel N. “*Panorama geral da arquitetura londrinense*”. Monografia (Graduação de Arquitetura e Urbanismo) – CESULON, Londrina, 1996.

⁶⁷ Fonte: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) 2012. Cf.: em <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=86000>. Visitado em 03/03/13.

Em nossa época atual, é uma cidade que se vê em contínuo desenvolvimento, com elevados índices sociais possui o 10º melhor IDH do Estado – constituído por 399 municípios - e o 50º maior Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro com renda per capita de R\$ 17 533,93 segundo dados do Censo 2010.

3.3 O NEGRO EM LONDRINA

A população negra em Londrina é representada por 26,07% do total de habitantes, conforme dados do Censo/IBGE 2010. Todavia, mesmo com esse significativo contingente a história dos negros londrinenses é constantemente invisibilizada. Nos registros oficiais da cidade, nota-se a tendência em se preservar a memória dos grupos hegemônicos. Valoriza-se desta forma a memória dos ingleses e dos japoneses, considerados pioneiros, e silencia-se a memória da população negra que contribuiu, sobretudo, com o trabalho braçal para a expansão agrícola da cidade. Nesse sentido, a memória coletiva está associada ao capital financeiro, pois só se é lembrado na história oficial os grupos que contribuíram com o capital econômico na formação da cidade de Londrina.

As estratégias utilizadas para a manutenção do poder para os donos do capital e da invisibilidade dos negros em Londrina interferiram, assim como em outras cidades do país, diretamente no destino e na trajetória de toda essa população. Visto que, os desdobramentos da escravidão e os padrões tradicionalistas ainda perduram nas sociedades, perpassando constantemente as relações de discriminação e exclusão desse segmento populacional.

Em nossa época atual os “pioneiros” de nossa cidade contam com placas comemorativas, dando de empréstimo seus respectivos nomes a ruas da cidade, além de monumentos que homenageiam sua cultura, como a praça Tomi Nakagawa, inaugurada em 2008, situada na área central, em homenagem aos japoneses. Também os ingleses, apesar de reduzido número, receberam homenagens com a instalação em 2010, no Calçadão⁶⁸, de algumas cabines telefônicas em estilo londrino.

⁶⁸ Avenida Paraná, região central de Londrina.

Além destes, alguns nacionais foram homenageados ao longo da história londrinense com grandes avenidas e ruas que valorizam os algozes⁶⁹ da população negra, tais como a Avenida Bandeirantes e a Rua Jorge Velho ambas na região central. Na periferia da cidade, a rua Zumbi dos Palmares⁷⁰ e a unidade básica de saúde⁷¹ Dr. Justiano Climaco da Silva⁷² que contam com um mínimo de prestígio⁷³. Observa-se assim, que os negros continuam, mesmo quando prestigiados, na periferia londrinense.

Quando do olhar atento aos heróis nacionais e também aos pioneiros regionais, brancos e negros, nos é possível perceber a estreita relação entre o prestígio direcionado aos “heróis” e “pioneiros” brancos, donos do capital financeiro empregado na fundação de Londrina, em contrapartida, os desprestigiados espaços reservados a um ou outro herói e pioneiro negro, como Zumbi e Doutor Climaco, subjugados e vítimas do racismo brasileiro.

Ainda sobre os negros moradores de Londrina, a vivência empírica nos leva a percepção de que os referido contingente populacional está significativamente em menor representação nas regiões centrais e em maior concentração nas regiões periféricas da cidade. Segundo Maria Nilza da Silva:

O lugar urbano e social que o negro ocupa não é o mesmo do branco. A separação é evidente, embora haja um permanente controle para que possa parecer que todos têm o mesmo tipo de acesso a algo de interesse (2006: 70).

A percepção de que brancos e negros não têm o mesmo tipo de acesso material e imaterial é algo escamoteado pelo cotidiano, sobretudo, pela inexistência de meios oficiais de segregação racial e pela negação do racismo no Brasil. Todavia, quando a exemplo dos sociólogos e antropólogos da *Escola de Chicago*, realizamos uma análise acerca do cotidiano da cidade, caminhando por diferentes regiões, tal realidade facilmente se explicita. No centro, nas lojas, *shoppings*, restaurantes, bancos, etc. os negros são encontrados de forma

⁶⁹ Homens cujo papel durante o período colonial era o de penetrar nos sertões brasileiros em busca de riquezas minerais, sobretudo a prata, indígenas e negros para escravização além de serem responsáveis pelo extermínio de quilombos.

⁷⁰ Líder do quilombo dos palmares, o mais emblemático dos quilombos brasileiros. Esta rua se localiza no Jardim União da Vitória, periferia da zona sul de Londrina.

⁷¹ Localizada no Conjunto Habitacional Vivi Xavier, periferia da zona norte de Londrina.

⁷² Médico e primeiro deputado estadual Londrinense Cf.: em PANTA, Mariana; SILVA, Maria Nilza da. *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina*: UEL, 2010.

⁷³ Zumbi foi homenageado por ser uma referência de resistência do povo negro, e Dr Clímaco por ser um pioneiro negro, e o primeiro deputado negro eleito por Londrina.

desproporcional ao seu número de habitantes e quando encontrados estão, em sua grande maioria, exercendo funções de trabalho tidas como socialmente inferiores⁷⁴ e não usufruindo das benesses de tais espaços.

3.4 REALIDADE SÓCIO-RACIAL BRASILEIRA

É importante ressaltar que esta realidade, que visa escamotear o racismo, se contrapondo a um entendimento social factual de desigualdades econômicas suscitadas - sobretudo, pela discriminação racial - têm suas raízes ainda na primeira metade do século XX, quando em uma busca cega pelo desenvolvimento social a elite dirigente brasileira se rendeu – obviamente sem ingenuidade - às premissas racistas da ideologia europeia.

A ideologia racista, fortemente disseminada pela Europa e, por conseguinte, por suas colônias, se desenvolveu com certas peculiaridades nos diferentes países nos quais prevaleceu. No Brasil, após a abolição da escravatura, a repressão por meio da violência física aos negros se manteve, contudo, essa, segunda a visão de inúmeros intelectuais brasileiros da época, em comparação a sofrida pelos negros na Europa e nos Estados Unidos foi mais amena. É com base em tais fatos que a elite dirigente brasileira, referenciada, em particular, nas teorias freyrianas, sobre as boas relações raciais existentes entre brancos e negros no Brasil⁷⁵, conclui que devido à suposta ausência de discriminação e também pelos “bons” tratos dados aos negros, o Brasil não poderia ser tido como um país racista. Tal conclusão faz com que se vejam, e sejam vistos por outros países, como moralmente superiores, diante de países tecnologicamente mais avançados, como França, Inglaterra e Estados Unidos, cuja prática sistemática de discriminação racial era mais intensa (SKIDMORE, 2012: 287-289). Sobre a possível ideia de um racismo mais ou menos brando, Frantz Fanon nos explica que:

⁷⁴ Estas se constituem, sobretudo, por trabalhos cuja cobrança de nível educacional se restringe ao ensino médio e/ou na qual a realização do trabalho braçal.

⁷⁵ Cf.: FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala; formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. São Paulo: Global, 51^o edição, 2007.

Uma sociedade é racista ou não o é. Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas. Dizer, por exemplo, que o norte da França é mais racista do que o sul, que o racismo é obra de subalternos, o que, por conseguinte, não compromete de modo algum a elite, que a França é o país menos racista do mundo, é do feitio de homens incapazes de pensar corretamente (FANON, 2008: 85).

Ora, no Brasil o racismo não foi menos intenso do que nos demais países, foi **racismo**. Este, por sua vez, causa à população negra, em nossa atualidade, desvantagens semelhantes e até maiores do que em países nos quais o racismo foi mais desolador. Basta lembrar, que devido à naturalização da marginalização, bem como do papel de marginal que tem o negro em nossa sociedade, o Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (CEBELA) diagnosticou que em oito anos – entre os anos de 2002 e 2010 - **272.422** jovens negros foram vítimas de homicídio em nosso país - 89% do total de jovens mortos - sem, contudo, causar relevante desconforto social quando da publicação destes dados, em novembro de 2012.

É a fim de uma maior compreensão sobre este racismo à Brasileira, cuja peculiaridade está em se desenvolver, sobretudo, por meio de uma manifestação implícita, disfarçada e de difícil discussão, que se decidiu pela realização de entrevistas em profundidade buscando o entendimento desse por meio de dados da realidade social.

De modo a concluir este capítulo, um exemplo dos efeitos do racismo à brasileira é a falta de percepção de sua existência, diagnosticada pela pesquisa do Datafolha, realizada em 1995, na qual constatou-se que 89% dos entrevistados, ao serem indagados disseram reconhecer que no Brasil havia preconceito de cor em relação aos negros, todavia, paradoxalmente a este diagnóstico 88% dos mesmos entrevistados afirmaram que não tinham preconceito em relação aos negros⁷⁶. Exemplo semelhante foi constatado em 2003, em pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, que colheu que 91% dos entrevistados reconheciam que existia preconceito de cor em desfavor dos negros, porém 96% negaram que eram preconceituosos em relação aos negros⁷⁷.

⁷⁶ PAULO, Folha de São. *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. Editora Ática São Paulo, 1995: p. 11.

⁷⁷ Cf.: em www.fpa.org.br, visitado em 15/02/2013.

Desta forma, após a apresentação da discussão teórica que parcialmente nos apresentam a realidade vivenciada pela população negra, a análise dos depoimentos sobre a realidade social dos negros moradores em Londrina, vivenciada em diferentes ambientes sociais e, constituída por laços com indivíduos cujas mais remotas peculiaridades os distinguem, nos permite o entendimento de como o racismo à brasileira se exprime cotidianamente na vida desses negros, roubando-lhes uma melhor sociabilidade, independente de outras variáveis.

CAPITULO IV

VICISSITUDES DA EXISTÊNCIA: IDENTIFICAÇÃO E TRAJETÓRIA DOS ENTREVISTADOS

Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.

Jurandir Freire Costa
(Psicanalista)

4.1 UMA REALIDADE PARADOXAL: PODER SOCIOECONÔMICO VERSUS RACISMO

Este item busca analisar como, mesmo distintos em suas profissões, locais de nascimento, estado civil, quantidade de filhos e, diante da imprevisibilidade dos caminhos tomados, todos os cinco entrevistados - que têm a seu favor boas condições socioeconômicas⁷⁸ - acabam por se assemelharem não só pelo tom da pele e pela escolaridade, mas também pelos limites impostos à suas respectivas sociabilidades: evocado pelo racismo e pela discriminação racial sofrida.

Desta forma, nos debruçaremos sobre seus depoimentos, a fim de uma melhor compreensão sobre suas respectivas vivências cotidianas. Como veremos na tabela I, esses têm como ponto em comum a escolaridade: nível superior completo. É, sobretudo, este dado que os distingue, disponibilizando-os, assim, relativa vantagem socioeconômica em comparação a maioria da população negra brasileira, que em grande parte conta com menor acesso aos bancos escolares - um dos principais motivos causador da desvantagem econômica e social dos negros no Brasil⁷⁹.

⁷⁸ No Brasil, aqueles que obtêm renda mensal per capita acima de R\$ 1020,00, segundo o governo federal, se enquadram na classe econômica alta, contudo, nessa pesquisa não levo em conta apenas a renda, mas também as variáveis educacionais e de qualidade de vida, diagnosticado por meio do espaço urbano ocupado, sendo este caracterizado como melhor ou pior de acordo com as condições de sua infraestrutura urbana e social.

⁷⁹ PAIXÃO, Marcelo & CARVANO, Luiz (orgs) (2008) – Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; Rio de Janeiro, 2007-2008.

A formação em nível superior – acessada três vezes mais pela população branca em relação à população negra - coloca os cinco negros entrevistados em proximidade, no que tange aos anos de estudo, à classe média branca. Segundo José Pastore e Nelson do Valle Silva (2000)⁸⁰, desde a década de 50, do séc. XX, a população brasileira, como um todo, passa por uma constante mobilidade social. Fatores como a forte industrialização e a crescente qualificação de mão de obra, são tidos como propulsores desta. Contudo, um dos fatores, que segundo os autores retarda a mobilidade social da população negra é a baixa qualidade educacional, pois “o núcleo duro da desvantagem que pretos e pardos sofrem se localiza no processo de aquisição educacional” (PASTORE; SILVA, 2000: 96).

Assim, distintos em outras variáveis, a distinção econômica e a territorial, nos permitem separar os entrevistados, para fins desta pesquisa, em dois grupos, o que por sua vez, nos concede o entendimento de como o racismo em sua amplitude os afeta nos diferentes ambientes e contextos sociais vivenciados. Desta forma, buscamos visualizar pelo prisma empírico sociológico, como o cotidiano dos negros, com melhores condições socioeconômicas em Londrina esbarra, inexoravelmente, no racismo que, como veremos, subjaz as respectivas trajetórias de todos os entrevistados.

⁸⁰ PASTORE, José; SILVA, Nelson. do Valle. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo, Macron Books, 2000.

Perfil dos entrevistados

Nome	Cor Auto-declarada	Idade	Origem	Profissão	Casa Própria ou Alugada	Estado Civil	Escolaridade	Filhos
Márcia	Negra	43	PR	Professora e Atleta	Própria	Solteira	Nível Superior	1
Maria	Negra	53	PR	Editora	Própria	Viúva	Nível Superior	1
José	Negro	26	PR	Advogado e Empresário	Própria	Solteiro	Nível Superior	2
Vagner	Negro	60	RN	Professor Universitário Aposentado	Própria	Casado	Nível Superior	0
Celso	Negro	51	BA	Polícia Federal Aposentado, Atleta e Fotografo	Alugada	Casado	Nível Superior	3

4.2 RUMO AO SUL DO PAÍS: A ORIGEM DOS PAIS

O Nordeste é poesia,
 Deus quando fez o mundo
 Fez tudo com primazia,
 Formando o céu e a Terra
 Cobertos com fantasia.
 Para o Sul deu a riqueza,
 Para o Planalto a beleza
 E ao Nordeste a poesia.

Patativa do Assaré

Os pais dos cinco entrevistados são nascidos em diferentes Estados das quatro extremidades do país. Têm como pontos comuns a pele negra, a profissão de trabalhadores rurais e um histórico de limitações financeiras, sendo o pai de José uma exceção, distinto pela profissão de advogado e pelas melhores condições socioeconômicas.

Os pais de Vagner são do Rio Grande do Norte, os de Celso do interior da Bahia, os de Márcia do interior de Minas Gerais e os de José e Maria, paranaenses. Tanto no caso de José, quanto no de Maria - cujos pais são paranaenses - são os avós de ambos que vieram de outras regiões, Ceará e Pernambuco, respectivamente. Estes, pais e avós, residentes agora no estado do Paraná, vivem em cidades interioranas, vivendo ainda como trabalhadores rurais ou já aposentados, vindo, assim, esporadicamente visitar os filhos e netos em Londrina.

Verifica-se que a origem de todos os entrevistados está diretamente ligada a regiões com menor dinamismo industrial, em relação aos estados do sul e sudeste, e nas quais a escravidão negra esteve mais concentrada (HASENBALG, 1979). Com efeito, essas origens - como todas as origens - têm relevante influência nas trajetórias, tanto dos pais quanto nas dos entrevistados. Carlos Hasenbalg explica que:

Como decorrência de mais de três séculos de escravidão, no momento da abolição final (1888) a grande maioria de negros e mulatos estava concentrada nas regiões mais estagnadas e subdesenvolvidas do país, enquanto que os brancos concentravam-se desproporcionalmente no Sudeste em desenvolvimento. A política de estímulo à imigração europeia implantada até 1930 reforçou ainda mais o padrão de segregação geográfica dos dois grupos raciais inicialmente condicionado pela escravidão. A concentração acentuada da população não-branca nas regiões subdesenvolvidas do país - e decorrente escassez de oportunidades econômicas e educacionais - é assinalada como uma das principais causas das desigualdades raciais contemporâneas (HASENBALG, 1979: 23).

Entendemos, portanto, que a distribuição territorial ocasionou, ao longo da história, um obstáculo ao desenvolvimento de melhores condições de vida, em particular, da população negra que até os dias atuais, como constatado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística através do censo 2010, tem 75% dos seus integrantes nas regiões Norte de Nordeste do país. Inseridos numa região que se desenvolve a passos lentos, a imigração é vista como um passo fundamental à ampliação de melhores condições socioeconômicas, através do acesso à saúde, à educação, ao trabalho, enfim, das relações sociais.

Contudo, os entrevistados relatam, que mesmo após migrarem, seus pais, sem as “ferramentas” necessárias à sobrevivência numa região economicamente mais desenvolvida - qualificação profissional - se viram impedidos de se elevarem a postos de trabalho que lhes permitissem maior inserção social, e, por conseguinte uma ampliação de seu bem-estar.

Porém, os depoimentos mostram que esses, pais, passaram a contar com a possibilidade de propiciar aos filhos melhores condições de vida, por meio da ampliação de oportunidades, disponibilizadas pelo aumento das relações sociais em um meio com maior desenvolvimento urbano. Ora, poderíamos questionar o porquê de a geração anterior aos pais dos entrevistados não terem propiciado tais condições a seus filhos, e assim, ao menos uma geração anterior teria sido favorecida?

Após a abolição da escravatura em 1888, a população negra se viu deixada à própria sorte, a falta de políticas públicas para inserção dos negros na nova sociedade de classes e a preferência pelo trabalhador europeu agravou ainda mais a já fragilizada situação socioeconômica dos negros brasileiros. Como mencionado por Hasenbalg, “a política de estímulo à imigração europeia implantada até 1930 reforçou ainda mais o padrão de segregação geográfica dos dois grupos

raciais inicialmente condicionados pela escravidão” (1979: 23). Com efeito, é só após 1930, com o fim das migrações que o negro passou a contar com a possibilidade de usufruir, em maior quantidade, das melhores condições de vida, existentes no sudeste e no sul do país. Não obstante, “mesmo após 1930, a relação hierárquica entre os grupos branco e não-branco não foi alterada drasticamente” (HASENBALG, 1979; 161).

Levando-se em conta que as idades de quatro dos cinco entrevistados se dão entre 43 e 60 anos podemos observar que após a década de trinta os limites impostos à sociabilidade dos negros se desvaneceram, possibilitando a esses, mesmo que em menor proporção em relação à população branca, melhores condições de vida. Outro ponto, como pontuado no início deste subitem, é que o pai de José também é advogado e igualmente nascido em Londrina. Veremos no decorrer deste trabalho, que o fato de José e de seu pai usufruírem simultaneamente de melhores condições de vida, fará com que esse primeiro apareça como exceção positiva - pelo fato de usufruir desde tenra de estável situação socioeconômica - em algumas variáveis; como exemplo o fato de ter estudado do ensino fundamental ao final do ensino médio em colégios particulares⁸¹, conquanto que os outros quatro entrevistados estudaram em colégios públicos. Tal fato será decisivo para que José seja uma exceção dentre os demais, pois tendo o pai de José estudado, como os outros entrevistados em colégios públicos as semelhanças das trajetórias seriam maiores.

O fato de José, mesmo como uma exceção, ser um destaque entre os negros que já estão em uma situação socioeconômica estável nos permite lançar luzes sobre um futuro mais digno a população negra, em particular, por meio do acesso a educação de qualidade. Compreende-se, desta forma, que estamos diante de uma realidade social na qual já há a viabilidade de que duas gerações de elementos da população negra usufruam simultaneamente de uma melhor sociabilidade, resultando em melhores condições de vida - cada vez mais acessada por integrantes da população negra (SILVA, 2006).

⁸¹ No Brasil a principal diferenciação entre as escolas públicas e privadas se dá pela deficiente infraestrutura da primeira, e as melhores condições estruturais da segunda. Todavia, estudos mostram que, devido a maior cobrança por resultados nas escolas particulares, o aprendizado nessas se mostra mais eficaz, sendo tal eficácia medida por avaliações oficiais do Estado e, sobretudo, pela aprovação em institutos de ensino superior (Cf.: DEMO, 2007).

Por fim, constata-se que o deslocamento entre cidades, promovido pelos pais, tanto nos estados de origem, como depois da chegada ao Paraná, marca a trajetória de todos os entrevistados. A busca por melhores condições de vida é o que explica estes deslocamentos que, por sua vez, culminaram em melhores oportunidades de desenvolvimento dos laços sociais dos entrevistados, em relação aos pais.

4.3 SOB A MESMA PELE: A IDENTIDADE NEGRA

A diferença de idade entre José e Vagner é de trinta e quatro anos, no entanto, esta diferença é amenizada pela análise da trajetória pessoal de ambos. Como já dito, neste trabalho o ponto nodal entre os entrevistados se dá pelo fato de serem negros, todavia, este fato foi objeto de certa resistência quando verbalizado, tendo em vista o maior ou menor grau - dos entrevistados - de dificuldade em se declararem negros quando questionados.

Contrária às prontas respostas anteriores, quando indagados sobre, nome, idade, quantidade de filhos entre outros, ao questioná-los sobre a cor autodeclarada, ainda no início da pesquisa, todos os entrevistados titubearam, hesitando por alguns segundos em se intitular negros. Qual o motivo desta hesitação? E, se tal titulação os constrange por que a usam? Não os questionei sobre essas duas últimas.

Como já analisado por Ramos (1957), Munanga (2008) e Carone (2012), ainda nos dias atuais somos influenciados pelos ideais de branqueamento vigentes na primeira metade do século XX, assim, por tais ideias, assumir-se negro é semelhante ao se assumir como uma anomalia em meio ao social. Como consequência, podemos compreender que o que leva os entrevistados a responderem prontamente, questões como nome, idade, número de filhos entre outros, e a titubear quando da resposta, e, por conseguinte, intitulação de sua cor autodeclarada se deve a construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro.

Mesmo passados 125 anos da abolição da escravatura do negro no Brasil, o imaginário coletivo – de negros e brancos – guarda significativas semelhanças com o modo com que o negro era visto nos três séculos em que foi

duramente escravizado, neste que foi o último país do mundo abolir a escravidão do negro (HASENBALG, 1979). É este mesmo imaginário que tende a minar a sociabilidade dos negros.

Simmel nos lembra “que mesmo a sociabilidade mais primitiva, desde que de alguma importância ou duração, dá tanta ênfase à *forma*, à ‘boa forma’. [...] é através da forma que constituem uma unidade” (1983; 169)⁸². Tendo sido o estereótipo do negro veementemente estigmatizado ao longo da história no Brasil, e dando a sociabilidade primazia à *forma*, entende-se que, sobretudo, os indivíduos negros tenham uma sociabilidade restrita, dado que, por vezes, a *forma*, ou seja, a pele em si, toma a frente das relações sociais cotidianas.

Em decorrência dos elementos citados, a cor da pele é vista, por negros e brancos, como um fator limitante à sociabilidade dos negros em nossa sociedade, logo, mesmo não se sentindo totalmente à vontade ao se declararem como negros, a cor de suas peles torna tal fato inegável - diante a despretensão monetária que tem essa entrevista – levando-os a se identificarem como de fato o são. Outro fato que salienta suas negritudes, é que a presença negra no sul do país é marcada por 25% da população, com efeito, perceber-se como diferente, diante dos demais 75%, se torna comum aos negros dessa região (SOUZA, 1983)⁸³.

4.4 EM TERRITÓRIO ESTRANGEIRO: A ORIGEM SULISTA E O COMPROMETIMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

O negro é mais negro nas regiões onde os brancos são a maioria e é mais claro nas regiões onde os brancos são minoria.

Guerreiro Ramos (1957)

Dos cinco entrevistados, Márcia, Maria e José são paranaenses, Vagner é potiguar⁸⁴ e Celso é baiano. Sobre esses dois últimos, o primeiro veio para o sul aos nove anos de idade e o segundo ainda em tenra idade, aos dois anos de

⁸² SIMMEL, G. *Sociologia*. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

⁸³ SOUZA, N. S. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

⁸⁴ Denominação dada aos nascidos no estado do Rio Grande do Norte.

vida. Em consequência do longo período residindo em Londrina, constatou-se, durante as entrevistas, que todos têm amplo conhecimento empírico sobre a região sul, tendo vivenciado as realidades não só do Paraná, mas também as dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No decorrer das entrevistas, a menção aos estrangeiros aparece inúmeras vezes. Alemães, poloneses, italianos e espanhóis são as nacionalidades mencionadas. Tais menções ocorriam sempre que os entrevistados falavam sobre as experiências vivenciadas em outras cidades da região sul. Falando sobre a temporada que passou na cidade de Cascavel-Pr, Márcia lembra que ao saber de sua ida para a referida cidade, seus familiares e amigos ficaram preocupados, pois segundo estes, nos dizeres de Márcia:

por ser uma cidade de descendentes de Alemães, Italianos e aquele povo tudo branco e lá, por ser próximo da fronteira, quando eu fui pra lá o pessoal já falava que o pessoal lá é muito racista (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Vagner também disponibiliza outro exemplo sobre a presença estrangeira. Falando sobre os estudos universitários, relata que estudou em:

União da Vitória, sul do Paraná, uma região que tem as suas raízes nas antigas colônias alemãs, polonesas, italianas (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Como postulado pelos entrevistados, o sul do país é lembrado, em âmbito nacional, pelo alto contingente de população branca, entre outras singularidades. Descendentes de povos europeus são maioria no sul, enquanto que no conjunto da população os negros chegam 51%⁸⁵. Com efeito, a alta taxa de população branca aliada aos altos índices sociais, incomum a algumas regiões do

⁸⁵ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Censo 2010 demonstra que a população negra – somatória de pretos e pardos – é constituída por 51% da população total.

país, faz com que a região sul seja facilmente compreendida como uma região estrangeira em relação ao contexto nacional (CARDOSO e IANNI, 1960)⁸⁶.

Vê-se, desta forma, que os entrevistados têm sua origem, ou estão presentes em uma região na qual há a predominância da população branca. Essa, por sua vez é uma das que disponibiliza as melhores oportunidades sociais, econômicas e culturais do país, sendo assim uma região imprescindível aos que objetivam um melhor desenvolvimento de suas faculdades individuais. Não obstante, é importante salientar que o acesso a tais oportunidades sofre intermédio do capital econômico e cultural, sendo a ampliação das redes sociais extremamente necessária a esta inter-relação (BAECHLER, 1995) e, nesse sentido, os negros estão em desvantagem. Todavia, é preciso lembrar que, assim como no restante do país, os laços sociais nesta região é particularmente afetada por dois fatores dicotômicos e intrínsecos à realidade brasileira: a pobreza e a discriminação racial, explicitadas, sobretudo, no mercado de trabalho (CARDOSO; IANNI, 1960).

A região sul não é uma exceção nos diagnósticos elaborados pela PNAD – que demonstra que a realidade socioeconômica dos negros é inferior aos dos brancos. Todavia, devido à baixa, mas significativa taxa de negros, os entrevistados são considerados pelo imaginário popular como sujeitos duplamente “estrangeiros” nesta região, primeiro por serem negros e residirem no sul, segundo, por serem negros e usufruírem de boa situação socioeconômica, o que por seu turno faz com que se evidenciem e sejam, por vezes, tratados como estrangeiros, em um ambiente no qual estão imersos por brancos em melhores condições econômicas. Daí a incisiva menção aos brancos e estrangeiros, já que os espaços sociais vivenciados pelos entrevistados, distintos em sua maioria pelo prestígio social, são majoritariamente frequentados por aqueles primeiros. Tal fato faz com que se afetem em suas percepções, intenções e perspectivas sobre a realidade social vivenciada, pela possibilidade que os acontecimentos citados têm de se imporem tanto sobre seus respectivos inconscientes quanto suas ações práticas.

Com efeito, o local de trabalho, bem como a função desempenhada, podem ser utilizados como ferramenta sociológicas, a fim de se mensurar o êxito individual, de brancos e negros, mas, em particular os desses últimos, que pelas

⁸⁶ Cf.: em CARDOSO, F. H; IANNI, O. “*Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional*”. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

adversidades sociais, têm maior dificuldade em acessar as melhores vagas. Essas por sua vez, normalmente, atingidas através da sociabilidade, ou seja, pelas boas relações no entorno social (FERNANDES, 2008) ⁸⁷.

Sendo os postos de trabalho diretamente atingidos pelas qualificações de maior ou menor prestígio social, os de maior prestígio acabam por serem os mais cobiçados, e, por conseguinte, os com maior dificuldade de se alcançar, com efeito, podemos entender que os ocupantes destes postos são os que obtiveram maior êxito pessoal independentemente de outras variáveis.

4.5 A CONQUISTA DE PRESTÍGIO SOCIAL: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A discriminação racial no mercado de trabalho é um tipo de mecanismo dentre um complexo conjunto de práticas racistas. O efeito cumulativo dessas práticas é o de reproduzir as posições sociais inferiores dos negros.

Carlos Hasenbalg (1979)

Como visto na tabela I, as profissões dos entrevistados se diferenciam, tendo relativa proximidade as de Márcia e Vagner, ambos professores. Todavia, a primeira leciona no ensino básico, e o segundo no ensino superior. Com efeito, mesmo tendo ambos uma profissão cujo radical é comum, a segunda, como sabido, carrega consigo maior prestígio social que a primeira. Fatores como a exigência de maiores títulos acadêmicos, a elitização histórica do espaço universitário, e um salário relativamente mais alto, faz com que a profissão de professor universitário tenha maior prestígio frente à similar profissão de professor do ensino básico, desprestigiada, sobretudo, por uma política educacional historicamente deficiente (FERNANDES, 1966)⁸⁸. Com efeito, Márcia prefere ressaltar sua profissão de atleta, como uma corredora de sucesso, o que por sua vez lhe proporcionou um melhor rendimento financeiro, junto a um maior prestígio social e não a de professora, explicitado no trecho que se segue:

⁸⁷ FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. Ática, São Paulo, 2008.

⁸⁸ Cf.: em FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. Dominus/Edusp, São Paulo, 1966.

Eu sou uma atleta, e fui graças a Deus uma atleta de bastante destaque, e por isso mesmo eu nunca sofri preconceito nenhum (Márcia, 43 anos, Atleta e Professora).

A carreira pública é de modo geral muito prestigiada, os altos salários, em relação aos pagos nas empresas privadas, e a estabilidade profissional são tidos como os maiores atrativos ao ingresso nessa. O acesso a estes postos ocorre normalmente, por uma ampla concorrência pública, que tende a selecionar aqueles que atendem aos critérios objetivos, previamente definidos, por meio de testes que abrangem desde os conhecimentos mais genéricos aos mais específicos. Com efeito, os que detêm maior conhecimento sobre os cânones acadêmicos acabam por se privilegiar com estas vagas de trabalho. Assim, a observação de que quatro dos cinco entrevistados são funcionários públicos e que José é advogado e empresário, nos leva ao entendimento de que todos se encontram em posições socialmente prestigiadas, bem como da obtenção de êxito individual.

Tais entendimentos foram também observados nas falas de todos os entrevistados, quando questionados sobre qual o sentimento sobre suas respectivas funções de trabalho, vejamos alguns depoimentos:

Gosto, me sinto muito realizada, gosto muito. (Maria, 53 anos, Editora).

Eu me sinto um espelho, até por trabalhar com educação física que esta extremamente próxima do esporte, e pela trajetória que eu tive, então eu vejo que os meus alunos almejam o sucesso, almejam ser como eu, almejam correr bem, almejam realmente alavancar a vida com garra, com determinação que são características próprias do esporte (Márcia, 43 anos, Atleta e Professora).

Eu me sinto bem, eu faço o que eu gosto e além da advocacia, eu tenho uma empresa de confecção e em ambos eu me relaciono e me sinto muito bem, faço o que eu gosto (José, 26 anos, Advogado e Empresário).

Compreende-se pelos excertos acima, que há de fato um sentimento de realização pessoal. Assim, tendo ultrapassado uma “barreira” que como já dito restringe, sobretudo, a população negra, poderíamos concluir, erroneamente, que

esses conseguiram se furtar dos limites que o racismo e a discriminação racial impõem a suas sociabilidades e, por conseguinte, ao êxito pessoal. Não obstante, além do gargalo que restringe o acesso a bons postos de trabalho à maioria dos negros, tem-se, quando do acesso a estes postos, outras limitações, suscitadas, sobretudo, pelo racismo, como explicitado por nossos entrevistados, e também pela literatura sobre as relações étnico-raciais. Segundo Hasenbalg:

Embora a educação no Brasil tenha sido o principal canal de ascensão social para a população de cor, há boas razões para acreditar que quanto maior for o nível educacional atingido por uma pessoa de cor, maior será a discriminação experimentada por ela no mercado de trabalho (1979: 181).

Vitoriosos ao ultrapassarem a barreira da educação, suas “lutas” passam a se pautar na manutenção dos postos de trabalho conquistados, bem como na ascensão profissional no interior desses. Como já dito por Hasenbalg, “no Brasil o dinheiro clareia” (1979; 71), todavia, tal clareamento social se dá, como veremos adiante, sobretudo, quando o que está em jogo é o acesso a bens e serviços, restringindo-se assim os bens simbólicos – *status* e poder -, ainda não acessados em sua totalidade por valores monetários e bens materiais (BOURDIEU, 2012)⁸⁹.

Tal fato faz com que as relações sociais destes negros sofra sérias limitações. Essas por sua vez impulsionadas pelo racismo e pela discriminação racial, observadas no decorrer das entrevistas. Quando questionados sobre o sentimento de racismo ou de alguma forma de discriminação racial no ambiente de trabalho, obtivemos respostas que auxiliam a entender como a hierarquização “racial” afeta a socialização dos entrevistados. Falando sobre o cotidiano no escritório, no fórum e em sua empresa José afirma que:

não que tenha sido vítima fatal, mas em alguns casos, em algumas audiências em algumas coisas se você não se portar de uma maneira diferente, eu já vi olhares, e pode ser que eu esteja enganado mas eu já vi alguma coisa sim, mas nada que me afetasse profissionalmente. Mas no dia-dia realmente você tem (se referindo a ele mesmo) que mostrar por meio dos seus atos que você é bom profissional, que a sua cor não influencia, que sua idade não influencia, não preconceito só pela cor também por eu ser muito novo e não tem como determinar se esse tipo de preconceito foi racial ou se

⁸⁹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

foi pela idade, mas alguns preconceitos a gente já encontro pela frente (José, 26 anos, Advogado e Empresário).

Vagner, contextualizando sua profissão na universidade Estadual de Londrina, nos explica que:

Bom, são dois momentos, quando eu me aposentei em julho de 2003 no meu departamento encontrei, e até hoje eu sou discriminado, até hoje, até hoje, a gente sente ai nos projetos, qualquer trabalho que tenha remuneração eu fico de fora, mas quando é um trabalho não remunerado, ai eles vão até lá em casa me convidar. Assim, quer dizer eles colocam a minha competência em duvida, mas a gente sabe que se você olhar lá no departamento praticamente só tem uma professora de origem negra, e acho que mais ninguém. Não tem duas, duas são de origem negra os demais não. Quer dizer em um departamento de quase 40 pessoas, 40 professores, pra você ter uma ideia nesse caso. Agora aqui (trabalho desenvolvido em outro departamento, também na UEL) não, aqui eu to como bolsista, é um trabalho que eu que estou fazendo, quer dizer, eu que estou desenvolvendo, to criando tudo, não existia. Eu fui chamado para construir e fazer um trabalho chamado de consultoria, pra fazer articulação na área, dos atores envolvidos com a cadeia produtiva do leite, então obstáculo aqui até agora eu não senti nenhum, muito pelo contrario, agora durante a minha vida acadêmica aqui (UEL) de 1983 até hoje eu ainda sou discriminado no meu antigo departamento (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Podemos observar, a partir destes dois depoimentos, que mesmo tendo transposto de forma contundente a barreira educacional - visto que José possui duas graduações universitárias, a saber, Direito e Filosofia e Vagner, é detentor da titulação acadêmica de pós-doutor em geografia - ambos entrevistados se defrontam com um racismo cuja objetividade se explicita ao colocar suas respectivas competências profissionais em “xeque”.

Bourdieu, falando sobre o espaço social, explica que “é preciso construir o espaço social como uma estrutura de posições diferenciadas, definidas, em cada caso, pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital” (BOURDIEU, 1996; 29)⁹⁰. Com efeito, imersos num espaço social - local de

⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

trabalho - no qual o capital cultural lhes oportuniza o capital econômico, o jogo, inerente à estrutura social, faz com que a “luta”, entre os entrevistados – negros – e os colegas de trabalho – majoritariamente brancos – se dê, em particular, numa esfera social, na qual há a predominância do poder simbólico, “capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia” (BOURDIEU, 2012: 15).

Desta forma, num campo social, no qual o *habitus*, que condiciona o posicionamento dos indivíduos, atribui aos detentores de pele negra um *status* subalterno, os negros, mesmo lançando mão dos principais capitais a serem usados, a saber, o econômico e o cultural, são preteridos sem maiores explicações objetivas, pela ação perversa do racismo e da discriminação racial, como visto nos depoimentos anteriores.

Conscientes de uma realidade que segrega a população negra às piores vagas de trabalho, os entrevistados têm a percepção de que mesmo enfrentando o racismo e a discriminação no interior das instituições nas quais desempenham ou desempenharam suas funções profissionais, não o sofreram quando da seleção e ingresso nessas – momento no qual houve a prevalência do capital cultural e também da objetividade burocrática. Indagados sobre o sentimento de racismo ou preconceito racial para conseguir trabalho, Márcia, Maria e Celso, respectivamente relatam que:

Eu creio que ainda existe no mercado de trabalho principalmente a preferência pelo branco, o dono de uma empresa entre um candidato negro e um branco, ele pode partir de um ponto até antes de analisar a qualidade profissional dos dois, mas, meramente por que é branco ele vai achar que fica mais bonito na empresa dele um cara branco. (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Antes de trabalhar na UEL, foi assim bem complicado, era bem difícil, foi bem difícil antes de entrar na UEL. Porque, na época em que eu entrei na UEL, em 1977, eu tava no segundo ano do ensino médio e era bem complicado pra encontrar trabalho, pelo racismo mesmo, ai eu entrei na UEL, era através de concurso, daí eu fiz o concurso (Maria, 53anos, editora).

Respondendo a mesma pergunta, Celso afirma que:

Não, não até porque quando eu, eu passei no concurso público eu era bem jovem, então minha vida profissional toda já foi dentro duma escala, de certa forma assim, funcionário público federal, já tinha outra situação. Então profissionalmente eu não senti isso, talvez se fosse pra eu arrumar emprego, correr atrás de um monte de coisas, mas eu não tive esse desprazer. (Celso, 51 anos, policial federal aposentado e atleta).

Podemos concluir, com base nos depoimentos, que o ingresso em postos de serviços cuja seleção se dá por meio de um processo seletivo com critérios objetivos restringe a possibilidade de que os negros possam ser preteridos devido ao racismo negro no momento da seleção, contudo, é preciso lembrar que para se obter êxito em tais processos, a obtenção de capitais específicos, neste caso, sobretudo, o cultural, é de extrema importância, todavia, não acessado a contento pela população negra, sendo esse limitado, em grande parte, pelo racismo.

Como já dito, o emprego público traz consigo, na maioria das vezes, relevante prestígio e *status* social, esses, por sua vez, são utilizados de diversas formas, e com unanimidade pelos entrevistados. Porém, como visto, em um campo social, neste caso os locais de trabalho de meus entrevistados, no qual em detrimento do capital econômico e cultural, um *habitus* discriminatório detém a primazia, os negros se veem diante de uma limitação incontestável, a pele negra, tendo assim que ressaltar cotidianamente suas qualidades. Já em outros campos, nos quais há a supremacia dos capitais anteriormente citados, somando-se a esses o esportivo, observa-se que os entrevistados tendem a usufruir das benesses suscitadas pelo *status* profissional. Falando sobre a temporada em Cascavel, cidade a qual Márcia acreditava ser constituída por uma população racialmente preconceituosa, a mesma relata que:

quando eu fui pra lá o pessoal já falava que o pessoal lá [daquela cidade] era muito racista, mas eu não senti isso talvez porque foi a época que eu estava no auge da minha carreira, então eu saía pra treinar e todo mundo fazia “tchauzinho”, mas eu nunca tive problema com isso, nem lá em Cascavel (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

No que tange as experiências vivenciadas quando do acesso a bens e serviço, Vagner destaca que:

Aqui (Londrina) quando eu vou fazer o cadastro para comprar eles dizem: “o senhor professor da UEL”, ai já, porque sabe que nos temos um bom salário, relativamente pela media geral, então nunca houve problema [racial], aqui em londrina (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Questionado sobre o motivo pelo qual José acredita não ter sofrido maior número de manifestações de preconceito, o mesmo argumenta que:

Olha, eu acredito que os negros que estão numa situação econômica mais difícil, que precisam de um serviço público do hospital público pra um filho, de uma escola pública, alguma coisa assim, eles vão sofrer mais do que um negro que tem uma condição social um pouco melhor e que possa pagar pelo o que o estado oferece de graça ai pros outros. Eu acredito que quem não tem dinheiro, e alem de não ter dinheiro é negro deve sofrer mais do que eu sofri ai na trajetória da minha vida, porque meus pais nunca foram ricos mas sempre puderam me dar escola particular, um médico particular, então eu acho que não sofri tanto o impacto preconceito (José, 26 anos, advogado e administrador).

Observam-se aqui os relatos de uma realidade social ambivalente, na qual o racismo se “esconde” quando menos se percebe. Ora, segundo Simmel a metrópole sempre fora o lugar da economia monetária, por sua vez, o dinheiro é o maestro das trocas realizadas na esfera econômica. O dinheiro resume todas as características, os coloridos, as peculiaridades, em apenas uma única sentença: quanto? Tudo é resumido no valor, mas não um valor pautado em sentimento e relações emocionais, muito pelo contrário, as trocas efetuadas a partir do dinheiro afirmam a individualidade, ou seja, a intelectualidade, surgida com a metrópole (SIMMEL, 2005)⁹¹.

Contudo, oposta a esta realidade, na qual os diferentes capitais, sobretudo o econômico, relegam prestígio aos entrevistados, amenizando, por conseguinte, em alguns momentos do cotidiano o sentimento de inferiorização racial,

⁹¹ SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana, nº 11, ano 2, p. 577 – 591, 2005.

há momentos nos quais, sem a oportunidade de ressaltar o capital - ou capitais – que detêm, esses se encontram “desarmados”, imersos em uma realidade social que tende a julgá-los, em particular, por seus traços negros. Assim Celso explica que:

Nunca me senti discriminado no trabalho não, mas na sociedade de uma maneira geral, várias vezes eu já senti [...] teve situações de chegar ao restaurante, aí como eu tava com roupa mais assim, não social, aí a pessoa, o garçom, já veio e me tratou diferente, talvez se eu tivesse com traje, mais aceito, que eles exigem lá, tipo terno e gravata, ele teria tido uma outra postura (Celso, 26 anos, policial federal aposentado e atleta).

Verifica-se no depoimento acima, um sentimento dicotômico que faz com que o negro, representado aqui por Celso, não consiga, por vezes, distinguir se a manifestação do preconceito recebido foi racial ou social. Com efeito, diante a complexidade das relações humanas – por vezes incompreensível - negros e brancos se vêem inseridos num contexto social onde há a prevalência da razão econômica, negando-se assim a discriminação racial.

Ora, tomados por um imaginário coletivo no qual aos negros cabe o trabalho braçal e artístico e aos brancos o trabalho técnico e a racionalidade, a sociedade brasileira, tendo assimilado acriticamente os padrões europeus de civilidade, se vê a “beira de um ataque esquizofrênico” frente a uma realidade social na qual o negro desempenha papéis sociais – eurocentricamente – designados à população branca – explícitos, sobretudo, no acúmulo de capital econômico (MUNANGA, 2008, FERNANDES, 2008).

Compreende-se, portanto, que o racismo, manifesto pela discriminação racial se dá, sobretudo, de forma descaracterizada, guiado por uma ideologia na qual o branco é o detentor da normalidade, bem como dos privilégios sociais. Em consequência, influenciados por este prisma ideológico, os diferentes indivíduos tendem a estar, consciente e/ou inconscientemente, atentos aos traços que possam ligar uma pessoa a um estereótipo branco - obtentor da legitimidade - e, por conseguinte, autenticá-lo. Como visto, alguns fatores aproximam os negros do estereótipo da superioridade branca, todavia, diante da ausência de tais traços esses são vistos e tratados com inferioridade nas relações sociais do dia-a-dia. É esta rede de relações invisíveis que se transveste com os diferentes “trajes”

socialmente tecidos. Estes, por sua vez, perpassam desde o nascer, a vida dos indivíduos.

4.6 NEGRO DESDE CRIANÇA: A TRAJETÓRIA ESCOLAR

A trajetória escolar, juntamente com a de âmbito familiar, por serem instituições que acalentam os indivíduos ainda em tenra idade, são as primeiras a deixar suas marcas sociais, por vezes indelévels, nos diferentes sujeitos. Com efeito, crianças em idade escolar, mesmo sem um apurado entendimento das nuances sociais têm, em seu repertório, discursos por vezes inconscientes, que já as permitem afetar aos demais sujeitos e, por conseguinte, serem afetadas com tamanha potencialidade nas complexidades da rede social humana.

Assim, questionados sobre a percepção ou não de discriminação racial em suas respectivas trajetórias educacionais – do ensino fundamental ao fim de curso superior - todos os entrevistados disseram terem passado por algum episódio de discriminação, sobretudo, no ensino básico – compreendido do ensino fundamental ao médio. José, único dentre os demais que teve a possibilidade de cursar o ensino fundamental e médio em colégio particular, é a exceção, afirmando que nunca se sentiu discriminado. Assim, explica que:

acho que na infância não [se sentiu discriminado], na infância estudei num colégio que eu era o único negro da sala, no Instituto de Educação Infante Juvenil em Londrina, um colégio tradicional e pequeno, foram às mesmas quatorze pessoas durante quatorze anos, então eu era o único negro, mas nunca senti nem um tipo de preconceito, e eu cresci junto com as crianças, desde o maternal, e depois no ensino fundamental fui pra um colégio maior, tinha poucos negros mas também não senti nem tipo de preconceito (Jose, 26 anos Advogado e empresário)

Compreende-se pelo depoimento acima, que José, que já admitiu ter sido racialmente discriminado em determinados contextos sociais, acredita que tal fato não tenha ocorrido durante sua trajetória escolar. Isso, segundo ele, se deve a realidade de ter convivido, desde o ensino fundamental, com os mesmo colegas por um grande período; além de se constituírem em um pequeno grupo, o que por seu turno os aproxima ainda mais.

Desprovidos de outros argumentos, munidos apenas deste que o entrevistado nos relatou, poderíamos nos referenciar na célebre frase de Nelson Mandela, pronunciada em seu discurso de posse da presidência da república da África do Sul: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Ora, estando desde tão pequenos acostumadas com aquele que era o único negro do colégio, podemos acreditar que não havia porquê discriminá-lo, todavia, não podemos, erroneamente, acreditar que tais crianças, hoje adultas, não o fizeram de modo consciente. As professoras Rosa Margarida de Carvalho Rocha e Azoilda Loretto da Trindade, no livro *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006), explicam que “não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de coisificação dos povos africanos” (2006: 56)⁹², apreendidos, sobretudo, através dos professores e dos livros didáticos usados durante a trajetória escolar⁹³.

Já a realidade encontrada por Maria, Márcia, Vagner e Celso, nas escolas nas quais estudaram foi bem diferente. Estudantes do ensino público, em escolas periféricas do Paraná e do Rio Grande do Norte, as experiências de discriminação racial foram desde cedo vivenciadas e sentidas, fazendo com que cada qual, a sua maneira, articulasse estratégias defensivas específicas para com o racismo, a fim da manutenção de suas relações sociais. Todavia, tem-se a percepção de que no ensino superior o sentimento de discriminação foi mais ameno, fazendo com que as estratégias de defesa contra a limitação dos laços sociais pelo racismo se modificassem, vejamos os depoimentos:

Na época de criança eu acho que sofri um pouco de preconceito, eles (crianças) tiravam uma onda por causa da cor e tal, mas já na universidade eu não tive problema nenhum, não sei se porque eu sou atleta ou porque eu sou uma pessoa bacana e todo mundo vai com a minha cara, então eu nunca tive problema racial dentro da universidade, nunca tive esse problema, nunca

⁹² ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho e TRINDADE, Azoilda Loretto da. *O ensino e o anti-racismo*. In: *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

⁹³ Esta realidade começa a mudar devido ao estabelecimento da lei 10.639/03, que institucionaliza o conteúdo programático do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, objetivando o resgate histórico da contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil, nas escolas públicas e privadas de todo o país.

me senti rejeitada nunca tive esse problema (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Olha é assim, o que acontece comigo é o seguinte, eu não sou assim muito encucada com essas coisas de discriminação sabe, mas a gente sofre discriminação dos outros, a gente percebe, talvez hoje eu fique imaginando que o pior não é nem só por parte de alunos, às vezes a gente percebe até por parte de professores também (Maria, 53 anos, editora).

Há sim, isso aí eu sempre senti e sinto até hoje, até lá no nordeste eu sentia uma e outra discriminação. Por exemplo, nas férias eu estava em Natal com meus primos, e minha mãe é que era negra, digo era porque já faleceu, fez dois anos agora, e meu pai que é neto de franceses, então eu estava com meus primos em Natal, todos claros e com cabelos ruivos, e fomos à panificadora e daí me perguntaram se eu era o novo doméstico que eles tinham contratado (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

um pouco de preconceito talvez no ginásio, mas aí já era quando eu estudava no Marcelino Champagnat, que é um colégio mais central. Ali sim, já era meio que visto como um aluno de periferia, talvez também por ser moreno, negro, então já, mas aí entrava o esporte, eu sempre fui muito ativo, tanto que o atletismo veio daquela época (Celso, 51 anos, policial federal aposentado).

Verifica-se a presença do racismo negro como um fator limitante as satisfações pessoais por meio da restrição a uma melhor sociabilidade de nossos entrevistados, bem como estratégias – elemento intrínseco a vida social da população ao longo de sua história no país – a fim de um melhor convívio social. A análise dos relatos nos permite concluir que no ambiente escolar, a discriminação racial vivenciada pelos entrevistados não se explicita apenas pelos colegas estudantes, mas também por professores e funcionários da instituição. Outra percepção é a de que, com exceção de Vagner, que diante a questão respondeu prontamente: “Há sim, isso aí eu sempre senti e sinto até hoje”, Maria, Márcia e Celso tiveram certa dificuldade em explicitarem o sentimento de discriminação. Todavia, diante da incerteza do racismo, Maria se diz não muito “encucada”, daí o racismo passar por vezes de forma despercebida para essa; já Márcia vê a discriminação racial sofrida na infância como uma brincadeira de mau gosto, que já não ocorre mais, em particular, devido a seu êxito profissional, no período em que

cursava o ensino superior, porém tendo vivenciado de forma mais contundente durante sua infância; e Celso, ciente da realidade racial a qual estava inserido, se utiliza do prestígio do esporte, a fim de contrabalancear seu desprestígio sociorracial. Desta forma, através de suas respectivas estratégias, conseguiram manter suas relações sociais, que mesmo fragilizadas, garantia ao menos o mínimo necessário ao seu bem-estar individual.

A dificuldade que os entrevistados têm em diagnosticar objetivamente o racismo e a discriminação racial não lhes é particular, mas compartilhada por imensa maioria da população brasileira, que quando não a sofre, a pratica. O problema, é que por estar tão arraigada no tecido social a manifestação de preconceito racial é por vezes sentida e praticada na dimensão subjetiva, daí a dificuldade de sua constatação objetiva.

Incorporada ao *habitus* nacional o racismo é comumente escamoteado por outros fatores sociais, em particular, pelo de classe. A psicóloga social Iray Carone nos adverte que “por mais que a ciência venha a demonstrar que “raça” é uma construção social e ideológica quando se trata da espécie humana, ainda não será fácil desmistificá-la no plano do cotidiano social” (CARONE; BENTO, 2012: 23).

É essa atmosfera social, constituída por dimensões objetivas/sociais e subjetivas/individuais, habitualmente incompreendida pelos indivíduos, que os leva à alienação de suas próprias convicções, fazendo com que se contradigam constantemente no cotidiano. Iray Carone nos esclarece que esta realidade se deve ao fato de que:

O racismo, a despeito de todas as leis antidiscriminatórias e da norma politicamente correta da indesejabilidade do preconceito na convivência social apenas sofreu transformações formais de expressão. Não é posto nem é dito, mas pressuposto nas representações que exaltam a individualidade e a neutralidade racial do branco – a branquitude – reduzindo o negro a uma coletividade racializada pela intensificação artificial da visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais. As consequências são inevitáveis: a neutralidade de cor/raça protege o indivíduo branco do preconceito e da discriminação raciais na mesma medida em que a visibilidade aumentada do negro o torna um alvo preferencial de descargas de frustrações impostas pela vida social (CARONE; BENTO, 2012: 23).

Com efeito, a trajetória individual da criança negra, neste caso nossos entrevistados, se vê permeada, inexoravelmente, pelo racismo, que tende, continuamente a mantê-los em uma posição social de inferioridade. É justamente com a finalidade de se furtarem a esse “lugar apropriado”, no qual a subalternização do negro é vista com naturalidade, que Maria, Vagner e Celso, respectivamente nos explicam quais os mecanismos por eles utilizados:

naquele tempo, decorrente de toda a minha trajetória, a gente percebe algumas coisas [discriminação racial] e eu falo que no Brasil, não é declarado [o racismo], então você percebe. Apesar de que isso daí [discriminação] nunca me fez parar daquilo que eu me propus a fazer, dos objetivos, das metas que eu tinha traçado pra eu alcançar, nunca me fez parar, não foi impedimento sabe, nunca me fizeram parar, mas a gente percebe certa discriminação assim em algumas etapas (Maria, 53 anos, Editora).

eu sempre fui ativo, eu sempre fui, sempre me envolvi com o grêmio estudantil naquela época, nesse caso jornalzinho, a gente também sempre fez esporte, eu fui atleta nos jogos da primavera porque eu era atleta. Fazia atletismo. Então como eu tinha uma vida muito intensa sempre na escola e na universidade, então assim o sacrifício sempre foi de você, pra não sofrer isso [racismo] (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Quanto à questão racial, de cor, não sofri muito, até porque eu sempre fui muito criativo, desenhava, então participava de bastante coisas legais, cultural, os cartazes era eu que desenhava pra escola (Celso, 51 anos, policial federal aposentado).

Vemos desta forma, que as estratégias individuais foram imprescindíveis ao êxito pessoal dos entrevistados, que mesmo sem as ferramentas teóricas e metodológicas das ciências sociais e/ou da psicologia têm a consciência de que “nascer negro ou mulato no Brasil normalmente significa nascer em famílias de baixo status. As probabilidades de fugir às limitações ligadas a uma posição social baixa são consideravelmente menores para os não-brancos que para os brancos da mesma origem social” (HASENBALG, 1979: 220).

Todavia, com uma renda econômica que os permite se distanciar dos bolsões de pobreza, nos quais está inserida grande parte da população negra,

os entrevistados se veem em uma realidade na qual, devido ao fato de serem negros, são por vezes tidos como exceção. Esta situação lhes proporciona uma realidade dicotômica, diante da visualização das duas faces de um mesmo Brasil, um designado aos brancos e outro aos negros.

CAPITULO V

TERRITÓRIOS CONSOLIDADOS: UMA SOCIABILIDADE FRAGILIZADA

5.1 SEMPRE UMA EXCEÇÃO: O ENTORNO SOCIAL CONSTITUÍDO POR BRANCOS

É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo
velho Nada do que não era antes quando não
somos Mutantes...

Caetano Veloso

Ao longo das entrevistas, foi se elucidando uma realidade na qual todos os entrevistados eram comumente os únicos negros nos espaços sociais por eles ocupados no dia-a-dia. O fato de serem uma exceção em tais espaços é lembrado de forma explícita, sobretudo, pelos demais membros que os constituem, em sua maioria brancos. O desempenho de funções ou o usufruto de bens e serviços comumente designados a pessoas brancas é, por vezes, recebido com surpresa, tanto por brancos, como por negros, daí o surgimento de uma realidade dicotômica, explicitada nos depoimentos dos entrevistados.

Falando sobre o início de sua carreira, no ensino básico, Vagner nos ajuda a exemplificar tal realidade:

uma vez, quando eu dava aula no colégio Castaldi, no segundo grau, teve uma menina do segundo ano, que chegou em mim e falou: “professor o senhor foi o primeiro professor de cor que eu tive” (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado)

Verifica-se que mesmo com os significativos avanços sociais obtidos pela população negra - sobretudo, após a segunda metade do século XX - alguns postos de trabalho continuam a serem ocupados de forma quase exclusiva pela população branca. Tais postos se caracterizam, em grande parte, pela exigência de ensino superior e qualificações extracurriculares, esses por sua vez disponibilizados pelo acúmulo de capital cultural, não acessado a contento pelos negros brasileiros

devido às limitações sociais impostas pelas particularidades sócio-históricas mencionadas no capítulo II.

Ainda sobre essa questão, Márcia expressa sua surpresa, porque ao chegar a sua casa, para fazer a entrevista, após agendamento prévio por telefone, ela constatou que o entrevistador é negro:

quando você chegou por exemplo, eu fiquei super feliz de ver que você era negro e que é um menino que tá lá estudando e ultrapassando a própria história, isso pra mim é extremamente importante (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Negros universitários constituem uma nova realidade no Brasil. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2012, divulgada pelo IBGE, em 2001 a população negra universitária era representada por 10,2% do total de estudantes, em 2011 esse índice triplicou, chegando a 35,8%. Ora, a realidade acadêmica vivenciada por Márcia era caracterizada pelo entorno branco, contudo, devido aos esforços coletivos e individuais dos negros brasileiros essa realidade vem mudando, ainda que de forma lenta, sobretudo, na última década, daí a surpresa e a expressão de felicidade da entrevistada que, acostumada a dar entrevistas, sempre às concedeu a pessoas brancas, maior contingente dos pesquisadores e principais portadoras de títulos acadêmicos.

Falando sobre suas amizades, no cotidiano universitário, realizado em uma instituição pública – UEL - Maria lembra que:

o que acontece, as minhas amizades não eram com negros, porque nem tinha negro, igual na faculdade mesmo, na minha classe eu era a única negra da turma, na época. Eu fiz a universidade, curso superior, eu era a única negra, então eu tinha amizade mesmo com os japoneses, com os da raça branca, eles eram meus amigos (Maria, 53 anos, editora).

Por meio das entrevistas percebeu-se que essa realidade cujo entorno se dá, sobretudo, por pessoas brancas, faz com que os entrevistados tenham que criar mecanismos contínuos de forma a “explicar” sua estada em tais ambientes - trabalho, universidade, clubes entre outros. Com efeito, ser uma exceção trás alguns dilemas, como explica Maria:

eu sou de muito fácil amizade e eu percebo assim com amigas [brancas] minhas mesmo, e elas dizem assim “ah! imagina”, só você que vê isso [racismo]. Eu por exemplo eu gosto muito das pessoas, mas eu percebo que as pessoas gostam de mim, da minha pessoa, então é diferente de gostar da minha pessoa e de gostar da raça negra, acredito que tem uma grande diferença (Maria, 53 anos, editora).

Verifica-se que o bem-estar de Maria se vê limitado por certa frustração em perceber que seus amigos a aceitam, mas não os seus iguais. A fim de manter uma boa sociabilidade, tendo ciência que o racismo pode limita-la, Márcia, ao falar sobre sua realidade de exceção em uma universidade pública – UEL – esclarece que:

não sei se porque eu sou atleta ou porque eu sou uma pessoa bacana e todo mundo vai com a minha cara então eu nunca tive problema racial dentro da universidade, nunca tive esse problema, nunca me senti rejeitada nunca tive esse problema (Márcia, 43 anos, atleta e professora)

Imersos numa estética social racista, que abarca negros e brancos, os indivíduos tecem suas redes sociais, por seu turno, influenciados por dimensões objetivas, subjetivas e simbólicas, que naturalizam as distintas alocações sociais de negros e brancos, cabendo aos primeiros as inferiores. Com efeito, o racismo e a discriminação se dão, subjazendo um modelo social no qual o negro, quando em ambientes de maior prestígio, é visto como anormal e/ou exótico. Sobre as influências das dimensões subjetivas e simbólicas, Bourdieu explica que estas detêm relevante poder em nosso cotidiano e nos esclarece que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (2012: 13-14).

A fim de exemplificar este conceito bourdiano, menciono o depoimento de Celso, que fala sobre sua trajetória, como uma exceção na polícia federal, vê como natural a ausência de negros nos quadros dessa instituição:

É um concurso difícil passar, então você vai ver sempre que em cada..., você pega uma turma de 600 alunos, por exemplo, você vai encontrar aí,

estourando uns 10 negros, por quê? Está cada dia mais difícil passar nesses concursos, são concursos extremamente elitizados, a maioria é pessoas burguesas mesmo, pessoas que muitos ali já passou em três, quatro concursos pra juízes, então hoje no Brasil os concursos só quem passa é quem teve um ensino extremamente de nível (Celso, 51 anos, policial federal aposentado)

Observa-se, através da fala de Celso, a legitimação de que a determinados espaços, cabem alguns indivíduos. Incorporando um discurso meritocrático, no qual o acesso se dá, sobretudo, por meio de uma educação de qualidade, a qual a população negra não tem acesso, Celso diz que a maioria dos profissionais que trabalham na mesma instituição que a sua, detêm bom nível educacional, e são, em sua maioria, pertencentes à classe média. Assim, devido aos fatores citados, 10 negros em um grupo constituído por 600 brancos, é visto por ele com naturalidade.

Tal naturalização não se faz exclusiva a nosso entrevistado, basta lembrar que quando da posse da presidência do Supremo Tribunal Federal, pelo então ministro Joaquim Barbosa, no dia 22 de novembro de 2012, o país aclamou esse homem negro, que de família pobre chegou ao mais alto posto do poder judiciário nacional.

Ora, tal aclamação, explicitada pela mídia televisiva e impressa, se deu pela a anormalidade que é ver um negro, em cargos privilegiados, que no Brasil são monopolizados pela classe média branca. Subjacente a esta constatação, se encontra o racismo, que escamoteado pelo discurso meritocrático - distinto por sua superficialidade - faz acreditar a população – negros e brancos – que o êxito, advém através do esforço pessoal.

Guiados por uma ideologia liberal - cuja premissa é a igualdade de faculdades entre os indivíduos - que prega a livre competição, a distinção dos espaços passa a ser vista com naturalidade. Assim, o senso comum ou acrítico justifica que o fato de os negros ocuparem espaços sociais inferiores não se deve ao tom de sua pele, mas sim pelas singularidades que constituem o sistema capitalista. Agindo de tal forma os diferentes atores acabam por legitimar uma conduta racista que inferioriza a população negra, “com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2012: 13-14).

Kabengele Munanga explica que esta realidade tende a se forjar devido ao fato de que

A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje numa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar o “passing” que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Esses por sua vez, interiorizam os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante (2008: 83).

Assim, o mesmo levanta a seguinte questão:

Se todos (salvo as minorias étnicas indígenas), negros mestiços, pardos – aspiram à brancura para fugir das barreiras raciais que impedem sua ascensão socioeconômica e política, como entender que possam construir uma identidade mestiça quando o ideal de todos é branquear cada vez mais para passar à categoria branca? (2008: 102).

Esta é a luta em que se pauta o movimento negro, por meio de seus militantes: a desconstrução desse imaginário racista que tende a orientar as práticas sociais de negros e brancos no Brasil. A análise dos depoimentos nos leva a constatação de que todos os entrevistados, de forma mais ou menos contundente, acreditam que os limites impostos pelo racismo, ao desenvolvimento pessoal, são passíveis de serem rompidos. Assim, por vezes, acreditam que o fato de serem uma exceção nos espaços sociais que constituem seus respectivos cotidiano, se deve ao êxito de suas lutas individuais, vendo assim tal desvio de regra social com certa naturalidade e disponível, mesmo que com maior dificuldade, àqueles negros que a buscarem.

Todavia, essa normalidade de se verem e serem vistos como exceções, lhes trás alguns percalços, sobretudo, quando o ambiente em que se é o exótico, não é transitório e de relações menos profundas, como no trabalho, no clube, na universidade, etc., mas sim o local onde se vive e mora.

5.2 UM LUGAR AO SOL: O DIA-A-DIA NO BAIRRO

Quanto mais ascende, mais o negro incomoda (2012: 52).

Maria Aparecida. S. Bento

Os bairros habitados pelos entrevistados têm como principal peculiaridade o alto prestígio social no meio londrinense. Providos de boa infraestrutura urbana e em locais de rápido acesso a bens e serviços estes são economicamente valorizados em Londrina, daí o valor social agregado. Maria reside no Jardim Claudia, Márcia e Celso no Jardim Maringá, José e Vagner no Centro da cidade.

A residência em tais bairros causa relevante conforto e melhor qualidade de vida, como relatam todos os entrevistados:

Eu acho este bairro perfeito, acho que Deus me escolheu pra viver aqui do jeito que eu preciso, porque eu saio no portão do condomínio e eu estou a 50 metros do meu local de treino, eu treino todos os dias de manhã, eu preciso de uma padaria, tem perto. Eu preciso de farmácia, tem perto. Lojas, enfim, é tudo muito próximo, inclusive é próximo do shopping. E com relação aos vizinhos também é muito bom, eu moro, como eu já disse, aqui há 21 anos e nunca tive o menor problema com vizinho nenhum, e eu acho todos ótimos, sinto que eles também gostam de mim (Márcia, 43 anos, atleta e professora)

O bairro atual, eu acho aqui, um bairro assim até de elite, um bairro que cresceu muito, quando eu mudei pra cá, ninguém acreditaria o que era isto aqui. Eu mudei e não tinha nenhum telefone público aí na frente, quando eu mudei, eu não tinha telefone então era uma dificuldade muito grande, quando o filho ficava doente..., mas hoje cresceu muito então aqui virou um bairro de elite (Maria, 53 anos, editora).

Ah, eu gosto muito dali, principalmente não só do bairro, mas também do ponto do bairro ali, é um ponto que tem bastante acesso (José, 26 anos, advogado e empresário).

bom é centro né? E a gente foi pra lá por problemas de segurança, a última casa lá foi em seis meses quatro tentativas de assalto, e como tem muitas vezes de eu dar curso fora, passo o dia inteiro fora. Aqui por exemplo, a gente

trabalha e as coisas ficam sozinhas em casa então, tem comodidade, é tranquilo (Valter, 60 anos, professor universitário aposentado).

ah, é que é um bairro central né? Eu gosto. Na verdade eu escolhi aqui por causa do Igapó⁹⁴, porque eu gosto de correr, gosto de fazer minha prática esportiva, até o meu primeiro trabalho de fotografia, o livro que eu lancei, foi em homenagem ao lago Igapó, então a minha escolha de vim morar aqui foi justamente por causa do Igapó. (Celso, 53 anos, policial federal aposentado).

Como vimos, há um consenso sobre os benefícios da infraestrutura disponibilizada pela localização dos bairros, bem como do usufruto dessas. A média de anos de residência nas referidas regiões é de 18 anos, logo, o conhecimento sobre o entorno é bastante profundo, por parte de todos os entrevistados.

Questionados sobre o sentimento de racismo ou discriminação racial por parte de vizinhos, ou por pessoas que circulam no bairro, Márcia, José e Celso disseram não terem tido nenhum tipo de problema quanto à cor de suas peles nos bairros em que habitam. Não obstante, Maria e Vagner disseram já os terem experienciado, vejamos:

Olha, aqui eu encontrei muita dificuldade porque quando eu mudei eu não tinha carro, e a gente não tinha horário de ônibus e você vê que até hoje é difícil pegar ônibus pra UEL, e a gente sente assim também uma certa discriminação de ta morando em um bairro melhor, por conta da cor mesmo, acontece... (Maria, 60 anos, editora).

Olha, aqui como nos outros bairros, procuramos fazer amizade com os vizinhos, conversando no elevador, mas nós encontramos pessoas que sempre viram a cara, né?, Dentro do elevador mesmo não te cumprimentam e gente força a barra, “bom dia como vai o senhor”, puxa conversa, e procura sempre atender bem, mas a gente sempre percebe um algo assim (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

⁹⁴ Lago artificial construído em 1959. Localizado nas proximidades do centro londrinense, se estende da zona oeste até a zona sul de Londrina. É atualmente um dos principais cartões postais da cidade e também uma área de lazer compartilhada por seus moradores e populações de outros bairros da cidade.

Verificam-se, em ambas as falas o reconhecimento do racismo, que neste contexto resulta na limitação da sociabilidade, ou seja, no simples prazer em se estabelecer laços sociais e assim satisfazer uma premissa básica dos seres humanos, o estar com o outro. Ora, as relações sociais, constituídas por relações formais e informais, é condição *sine qua non* ao desenvolvimento psíquico e social dos indivíduos. Uma simples e descompromissada conversa trás consigo uma elevada gama de elementos subjetivos, por conseguinte, a conversa é apontada, Simmel (1983); e Baechler (1995), como uma das principais constituintes da psiquê humana. Assim, ao limitar a troca de informações - desde as mais simples, até as mais complexas - o racismo tende a barrar o desenvolvimento individual dos negros, no presente caso, o de Maria e de Vagner.

Por outro lado, mesmo afirmando não terem sido vitimados pelo racismo em seus respectivos bairros, Márcia, José e Celso nos relataram vivências, que são, por sua vez, suscetíveis de análise. Antes, porém, Wieviorka nos lembra de que “as causas do racismo são camufladas, não detectáveis aparentemente, enquanto seus efeitos são tangíveis” (1998; 32), com efeito, esse pode ser praticado de diversas formas. Falando sobre o dia-a-dia, no condomínio vertical em que reside, Márcia relata o motivo de um conflito banal, segundo a mesma:

É uma razão bem engraçada, na época morávamos aqui no condomínio, eu e meu técnico, ele morava em uma “república” com outros atletas, e a síndica invocou que a gente chegava do treino e ficava se alongando, “ficava se expondo” ali, que as pessoas passavam, que aquilo não ficava bem, e isso acabou gerando um mal estar entre a turma de atletas e a síndica. Acho que foi assim o único contratempo que eu vivi aqui, e na época a síndica não era a atual, era uma outra senhora que hoje por sinal é muito minha amiga. Mas foi um descontento na hora (Márcia, 43 anos atleta e professora).

Os atletas aos quais Márcia se referiu eram também negros, segundo a entrevistada a síndica não gostava que os atletas ficassem “expostos” em áreas comuns do prédio, mesmo estes sendo moradores do condomínio. Questionada sobre a atitude tomada, mediante a manifestação da síndica, Márcia

nos disse que os atletas passaram a se alongar em outros espaços que não aquele, como por exemplo, no interior de seus apartamentos.

Verifica-se que diante do não questionamento, seguido da mudança de espaços para a realização dos alongamentos, não há a possibilidade de se apurar o real motivo, resultante de tal restrição. Todavia, o fato de os atletas terem acatado ao pedido da síndica, os privou de um tempo maior de sociabilidade, visto que aquele momento após o treino, era tido como um momento de distração e de prazer para os atletas.

Falando sobre um conflito vivenciado no condomínio em que reside, José nos relata o motivo que o ocasionou:

Tive um conflito com o síndico. Na época eu fiz uma reforma, mas coisa normal, fiz uma reforma lá de uns cinco meses e acho que eu acabei incomodando um pouco os vizinhos (José, 26 anos, advogado e empresário).

Após esse relato, questionei José sobre as circunstancia da obra, se a mesma havia sido comunicada ao síndico, e se ela se enquadrava nas normas do condomínio. José me respondeu que, os pedreiros cumpriam o horário estipulado pelo prédio, que resíduos eram despachados nos locais corretos, enfim, que tudo estava conforme o estipulado pelos condôminos. Questionado sobre a atitude tomada, José nos disse que adiantou a obra, deixando de fora algumas etapas do acabamento. Verifica-se, portanto, que diante da “necessidade” de se agilizar a reforma, José se viu impedido de concluir algumas melhorias em seu apartamento, não por limitações materiais, mas sim para se furtar ao conflito com os vizinhos.

Em ambos os casos, no de Márcia, e também no de José, não se pode objetivamente constatar a presença do racismo e/ou da discriminação racial. Tal impossibilidade se deve, sobretudo, ao fato de ambos terem se eximido, e não terem questionado a validade das restrições impostas.

No Brasil, independente da região, estar em um território priorizado pelas políticas urbanas pode ser facilmente compreendido como estar em um espaço economicamente elitizado (SANTOS, 2007). Por sua vez, a literatura sobre as relações raciais nos mostra que ao longo da história, os melhores territórios foram designados e/ou apropriados pela população branca (HASENBALG, 1979;

FERNANDES, 1972). Com efeito, podemos inferir que no âmbito do imaginário social Márcia e José, estão em um território pouco acolhedor, suas estadas em tal espaço são vistas com anormalidade, logo, não causar incômodo aos “autóctones” é a premissa básica.

Questionados sobre o sentimento de pertencimento aos bairros em que moram, todos disseram se sentir pertencentes a eles, fazendo inclusive parte de suas respectivas histórias. Tal questionamento se estendeu aos filhos e cônjuges dos entrevistados, que segundo esses últimos, gostam e também se sentem pertencentes ao bairro, sendo o filho de Maria a exceção, como nos explica a mesma:

ele não gosta muito, acho que ele se sente um pouco discriminado, apesar de ter sido criado aqui, porque ele veio pra cá com um ano e dez meses (Maria, 53 anos, editora)

O filho de Maria tem atualmente 23 anos. Segundo a mesma, Marcos nasceu e cresceu no bairro; tem amigos tanto no condomínio como na região em que mora. Não obstante, devido à discriminação racial vivida, Maria acredita, mesmo sem ter indagado ao filho, que o mesmo não gosta do bairro. Ela nos fala sobre um episódio no qual Marcos, segundo a mesma, foi vítima de discriminação racial:

na idade dele, aqui tem muita área, então ele utiliza a churrasqueira, eles utilizam as quadras e a gente percebe [o racismo], eu percebi uma época que era por parte da síndica, ai eu tive que ter uma conversa bem séria com ela. Não era a mesma síndica que é hoje, porque a molecada faz bagunça, churrasco, e tudo que acontecia, diziam que a culpa era dele, até eu dar um basta mesmo com ela, porque houve caso assim de falar “porque foi o fulano, foi Marcos” e muitas vezes falavam que era coisas que era ele, e ele nem aqui estava, as vezes estava na casa da minha irmã, então assim a gente percebe que principalmente por causa da cor (Maria, 53 anos, editora).

O trecho acima nos ajuda a exprimir as complexidades que envolvem o racismo. A análise da fala de Maria, não nos permite, de forma objetiva,

inferir que de fato seu filho foi racialmente discriminado, todavia, sua vivência empírica naquele meio - no qual reside há 21 anos – lhe fornece os subsídios necessários para tal afirmação.

No que tange a vivência no bairro, os questioneei sobre o que mais, e menos gostam naquele espaço, analisemos as respostas:

O que eu mais gosto, é a possibilidade de poder correr, da prática esportiva, obvio que está relacionado à minha profissão, e a gente tem esse espaço gostoso pra fazer isso, e o que eu menos gosto, talvez o que eu menos goste seja da velocidade dos carros que passam aqui na rua que é travessia da gente pra chegar até o lago (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

O que eu menos gosto, é realmente essa evolução que teve, a evolução que teve de uma certa forma é bom pra gente, mas de outra forma as pessoas são assim é, diferentes, né? Diferentes com a gente porque como é um bairro de elite, então as pessoas são diferentes, se acham num nível diferente, não porque na realidade o nível meu é muito diferente, mas é praticamente pela cor mesmo (Maria, 53 anos, editora).

O que eu menos gosto é uma coisa que seria impossível de acabar, que é o barulho, né? Sempre tem algum prédio sendo construído, alguma coisa, assim, é um bairro movimentado por ser centro isso me incomoda um pouco de vez em quando, dia de jogo, essas coisas. E o que eu mais gosto, essa facilidade pra tudo, restaurantes próximos, tudo o que eu faço é próximo dali, eu trabalho próximo dali, vou ao clube que é próximo dali, não ando muito, não preciso andar tanto de carro (José, 26 anos, advogado e empresário).

Bom, a gente gosta da paisagem, das pessoas. O que eu não gosto é o desrespeito em relação ao barulho, muito ruído, até no condomínio, né? Não só nosso mesmo, como também nos próximos ali (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Os relatos acima nos permitem lançar mão de três questões, seguidas de suas respectivas análises. A questão urbana aparece em todas as respostas, por serem bairros socialmente prestigiados, nos quais os bens de consumo e o lazer se encontram em maior variedade, a movimentação de pessoas devido a busca desses é maior que em outras áreas e/ou regiões da cidade, o que

por sua vez, gera certa insatisfação aos entrevistados. Contudo, como já visto, foi esse mesmo ambiente que os atraiu a tais bairros.

Outra questão está no fato de que anteriormente José havia dito que a reforma em seu apartamento causou certo incomodo aos vizinhos. Todavia, o mesmo agora nos lembra que pelo fato de aquela ser uma área extremamente urbana, “sempre tem algum prédio sendo construído, alguma coisa assim, é um bairro movimentado por ser centro”. Compreende-se, portanto, que o barulho alheio, é compreendido tanto por José como pelos demais condôminos, como algo natural, já o “barulho” de José, é recebido e naturalizado como de maior incômodo.

Por fim, Maria nos relata que mesmo gostando da boa infraestrutura urbana do bairro, o desenvolvimento e a elitização posterior causaram sérias limitações às suas relações cotidianas, devido às manifestações do racismo, por parte de seus novos vizinhos.

Vimos como o racismo e/ou a discriminação racial, afetam de forma ímpar o dia-a-dia de todos os entrevistados. O fato de serem exceções nos bairros nos quais residem faz com que sejam por vezes vistos como “intrusos”, em consequência, suas sociabilidades são severamente afetadas, e seu bem-estar restringido.

Márcia, Celso, Maria e José contabilizam um vizinho negro cada, sendo que Márcia e Celso – vizinhos - apontaram um ao outro como único vizinho negro; Maria nos diz que em seu condomínio, além dela e do filho, mora um rapaz, ao qual a mesma avalia como sendo negro, todavia, este é um estudante universitário, estando apenas de passagem; José tem como único vizinho negro, o pai, já que sua mãe é branca. Vagner é o único que não conta com outro morador negro no condomínio no qual reside. Como veremos, esse déficit de pares negros é o que, paradoxalmente, os levam a saírem de seus respectivos bairros, em busca de lazer, propiciado, sobretudo, pelas antigas amizades.

5.3 AMIGOS NEGROS, COLEGAS BRANCOS: A MANUTENÇÃO DE LAÇOS FRÁGEIS, A FIM DE MELHOR BEM-ESTAR

O fato de a mobilidade social atingir, de forma contundente, apenas uma pequena parcela da população negra faz com que estes se vejam sozinhos,

quando em espaços socialmente prestigiados. Isso ocorre porque habitualmente a ascensão socioeconômica se dá de forma individual, não abarcando amigos e familiares, apenas cônjuges e filhos (SILVA, 2006; FIGUEIREDO, 1999⁹⁵).

Segundo Baechler, uma pesquisa sobre a sociabilidade francesa, realizada entre os anos de 1982 e 1983 revelou que há uma “presença mais marcante de amigos durante a juventude, de colegas durante a idade madura, dos parentes, durante a velhice” (1995: 79). A análise das entrevistas nos demonstra que tal pesquisa, mesmo após três décadas de sua realização e se remetendo à França, se faz atual, ao menos no contexto dos negros moradores de Londrina.

Ao longo das entrevistas, verificou-se que o cotidiano é permeado por relações sociais um tanto quanto superficiais, sobretudo, nos ambientes de trabalho, local no qual os entrevistados passam em média 40 horas por semana. Não se pode constatar que isso se deva ao fato de que em tais ambientes os colegas negros são ínfimos, visto que Márcia e Vagner são os únicos a terem companheiros negros no trabalho, todavia, as relações com esses não se mostraram diferentes, em sua superficialidade, das existentes com os demais colegas brancos.

Ainda sobre os colegas negros no trabalho, Márcia relata que tem um maior número deles. A mesma acredita que tal motivo se deva ao fato de que por “ser atleta, existe um contingente elevado de negros que também são atletas, então eu tenho muitos colegas negros e também muitos colegas brancos” (Márcia, 43 anos, atleta e professora). Já Vagner, como anteriormente dito, em um grupo de 40 professores, tem duas colegas negras, os demais são brancos.

O mesmo ocorreu durante a infância de todos os entrevistados, o número de colegas brancos era maior que o de colegas negros, todavia, durante a infância as relações sociais se mostraram mais profundas, o que por sua vez, permitiu uma maior duração de seus laços.

Porém, a ascensão social de Márcia, Maria, Celso e Vagner, se deu já em idade adulta, assim, a mudança de bairro, bem como de outros ambientes sociais, se deram simultaneamente àquela. Esta nova realidade os privou, como constatado nas entrevistas, da presença de amigos e parentes, que em sua maioria continuaram a habitar e a frequentar os mesmos territórios. Isso faz com que os

⁹⁵ FIGUEIREDO, Ângela. *Velhas e Novas “Elites Negras”*. In. MAIO, M. C. & BÔAS, G. V. (Org.) *Ideais de Modernidade e Sociologia no Brasil. Ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999. pp. 109-124.

momentos de lazer dos entrevistados se deem, com maior frequência em bairros periféricos, àqueles nos quais os amigos de infância e os parentes estão presentes. Vejamos os depoimentos:

eu não paro muito aqui, então eu saio de manhã pra trabalhar chego aqui já a noite praticamente, porque quando eu saio também é pra ir pra casa dos meus parentes, meus irmãos, tenho um irmão que mora aqui perto, mas a maioria mora nos cinco conjuntos e um no Santa Rita⁹⁶, então na realidade eu não fico muito aqui no final de semana né? Dificilmente eu passo aqui (Márcia, 53 anos, editora).

Olha, eu tenho amigos de todos os tipos. Como eu sempre joguei bola, então a minha amizade, assim, no grosso mesmo, era maioria negra, a negrada que a gente chama. Porque eu joguei e jogo, e é uma turma legal, é a turma do parque Ouro Branco⁹⁷. A gente chama eles de negada porque são todos da mesma família, que tem 5 ou 6 irmãos, ai o time todo era praticamente assim, eu talvez seria o mais claro (risos). Então vem dessa época assim, da época de infância, amizade do esporte. São pessoas mais negras mesmo, porque futebol né? Eu já disputei futebol amador na periferia, você vai num time hoje no mínimo deve ter cinco ou seis jogadores que são negros, né?. (Celso, 51 anos, policial federal aposentado).

Infere-se que a saída do bairro, em busca de lazer, se deve ao fato de que aqueles com quem se tem maior afinidade são pessoas com as quais as relações foram constituídas no passado, e mesmo diante do bom convívio com os vizinhos, os pares do passado são tidos como os mais qualificados para se compartilhar os momentos de prazer. Compreende-se desta forma, que mesmo diante da partilha de um território comum, e por um longo período, os laços sociais entre os entrevistados e seus vizinhos são ainda frágeis, não proporcionando assim a mesma satisfação individual de prazer que tinham com amigos e colegas de outrora. Márcia e Vagner relataram que têm poucos colegas no entorno, bem como amigos, sendo os colegas de trabalho, por vezes, também os vizinhos. Já os parentes residem em cidades próximas a Londrina, Jataizinho e Bandeirantes,

⁹⁶ Bairros periféricos e marginalizados, localizadas, respectivamente, nas regiões norte e oeste da cidade.

⁹⁷ Bairro localizado na região sul da cidade, próximo ao Jardim União da Vitória.

respectivamente, assim o deslocamento destes se dá, sobretudo, para estas cidades.

Dentre os entrevistados, José é o único a ter outros elementos da família, que não o cônjuge ou os filhos, residindo no mesmo bairro que o seu. Estes parentes se compõem pelos tios de José, irmãos de sua mãe. Como já dito de início, a mãe de José é branca, logo, os tios também o são. Com efeito, José e o pai são as únicas exceções no bairro em que moram. Todavia, diferentemente do pai, o entrevistado nasceu naquela região, assim, seus amigos de infância, período no qual as relações de amizade foram mais profundas, se fazem presente até a atualidade, isso explica o porquê de esse ser o único entre os entrevistados a não sair de seu respectivo bairro, em busca de momentos de lazer com os amigos mais íntimos.

Ainda sobre este entorno, no qual há a prevalência de amigos e colegas brancos, os questionei, se acreditavam que a cor da pele pode influenciar nas relações pessoais, obteve-se assim, as seguintes respostas:

Eu acredito que influencia, acho que está relacionado ao tipo de relacionamento, por exemplo, é uma questão de mera preferência mas existem rapazes negros que gostam de namorar e se casam com moças brancas e existe o inverso também, com relação à menina negra que prefere namorar com um cara negro porque acha que não vai se dar bem com um cara branco e tal, eu acredito que quando é assim a pessoa tem que ter essa sensibilidade e seguir o que ela deseja pra não ter um problema no futuro (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Não, de maneira nenhuma, ah, não sei se a recíproca é verdadeira, da minha parte não, mas algumas pessoas eu acredito que ainda tenham esse tipo de preconceito, e dificuldade de relação inter-racial (José, 26 anos, advogado e empresário).

É claro, eu sou testemunha, até hoje muitas vezes eu to no supermercado e tendo uma pessoa clara e eu, as pessoas se dirigem a mim como se fosse funcionário, a gente sente, né? (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Verifica-se nos depoimentos acima, a compreensão de que as relações pessoais podem de fato ser influenciadas pela cor da pele. Como visto, José e Celso se atêm à presença do racismo, através da dificuldade que algumas pessoas têm em aceitar relações inter-raciais e pela inferiorização do negro em espaços sociais. Já Márcia não fala em racismo, preconceito ou discriminação racial, mas sim em preferência estética, umas das máscaras da qual o racismo se transveste (RAMOS, 1957).

Constata-se, portanto, uma realidade na qual as relações cotidianas - fora do ambiente familiar - se dão, majoritariamente, de forma superficial. Assim, solicitei em um segundo momento, que eles falassem sobre a vida social, bem como dos momentos de lazer longe de parentes e amigos residentes nos bairros periféricos, vejamos os depoimentos:

A minha vida social é bem tranquila, primeiro porque eu sou atleta e nunca fui muito de ficar exposta, de ficar em bar até altas horas, porque no outro dia tem que acordar cedo, tem que treinar, tem competição, enfim. Mas eu vou a clube, vou a festas de família, e é uma vida assim agradável, do meu ponto de vista (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

No final de semana é mais na casa dos parentes, né? Ou pra igreja, eu não saio muito, às vezes quando a gente, quando eu saio assim, é só quando tem alguma festividade mesmo, ou lá do trabalho, ou algum aniversário de amigo, eu normalmente não frequento barzinho, é bem difícil (Maria, 53 anos, editora).

Eu pessoalmente sempre fui folclorista, sempre gostei dessa coisa de cultura, de participar, de ler, e por ai vai (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Eu viajo muito, estou sempre viajando, quase todo mês eu faço umas duas, três viagens. E eu moro aqui e em Cornélio⁹⁸, porque eu tenho a minha namorada que mora em Cornélio, eu tenho praticamente duas residências. Então eu mantenho essa vida assim, de duas casas praticamente (Celso, 51 anos, policial federal aposentado).

Minha vida social é cercada de alguns grupos de amigos. Eu pratico esporte, tênis que eu jogo todos os dias, ai tem um grupo de amigos lá do tênis que

⁹⁸ Cornélio Procópio, cidade localizada a 70 km de Londrina.

normalmente, todo final de semana a gente se reúne, tem sempre um torneio um churrasco alguma coisa e é entre amigos bons, legais, que eu me dou muito bem. Daí tem um grupo de amigos aí da área profissional, são meus sócios que também são da família, alguns advogados amigos aí que a gente faz, algumas parcerias. Daí tem um grupo dos amigos da segunda feira do pôquer, que a gente joga um “poquerzinho” e já é um grupo assim de várias profissões que se junta ali pra jogar um baralhinho, bastante heterogêneo, e a gente só se reúne, só se vê de segunda-feira, depois no resto da semana a gente quase não se cruza. Então tem grupos assim de amigos (José, 26 anos, advogado e empresário).

Verifica-se em particular, nos depoimentos de Márcia, Maria e Vagner, que suas respectivas vidas sociais se restringem, em grande parte, aos ambientes de trabalho e familiar. Assim, a limitação da sociabilidade nesses, pode ser tido como um elemento ímpar que tende a afetar, sobretudo, às subjetividades individuais dos entrevistados, visto que do ponto de vista objetivo/material, têm um cotidiano a contento (SIMMEL, 1983; BAECHLER, 1995). Já Celso e José têm uma vida social mais dinâmica, o que por sua vez lhes permite uma maior possibilidade de ampliar os laços de sociabilidade, ampliando assim as satisfações individuais.

Por fim, buscando uma resposta mais individual - uma vez que estávamos imersos em questões sobre o entorno branco e as relações sociais - os questioneei novamente sobre a cor dos amigos/colegas mais próximos, independente dos ambientes sociais; e se eles acreditavam que a cor teve influência em suas relações pessoais. Seguem as respostas:

São brancas. Eu acredito que ainda existam sim, pessoas que façam restrições a terem amigos negros, acredito que ainda exista, mas não acredito que vá existir por muito tempo, mas de mim para com as outras pessoas eu busco valorizar a pessoa e não a cor dela, e assim quando eu tenho a oportunidade de me relacionar e de criar um laço de amizade com uma pessoa negra eu priorizo isso. E eu acho muito importante estar em contato com pessoas da minha cor, porque eu gosto, eu gosto da minha cor e gosto das pessoas da minha cor, e assim eu vibro muito quando vejo uma pessoa negra sendo bem sucedida, uma pessoa negra correndo atrás, quando você chegou, por exemplo, eu fiquei superfeliz de ver que você era negro e que é um menino que ta lá estudando e ultrapassando a própria

história isso pra mim é extremamente importante (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Negros, bastante negros, esses amigos são amigos construídos de longa data. É, vai depender de cada um, tem pessoas que por uma formação aí totalmente errônea, de família, acaba discriminando o outro, é claro que ela, de repente, ela não vai se abrir tanto, querer uma amizade com pessoas negras, e vice-versa (Celso, 51 anos, policial federal aposentado).

Os excertos acima nos mostram que Márcia e Celso, entrevistados cujos depoimentos ao longo das entrevistas tiveram maior ambiguidade - no sentido de crerem em uma discriminação que gira em torno tanto do fator social, como do racial – explicitam suas percepções de que o racismo pode, de fato, limitar as perspectivas e as satisfações individuais, bem como a sociabilidade dos negros.

Esta limitação, imposta pelo racismo, avança também, como veremos, ao campo das relações afetivas. A cor da pele é também um dos fatores “julgados” no mercado matrimonial (VALLE SILVA, 1992⁹⁹; BERQUO, 1988¹⁰⁰).

5.4 RACISMO E AFETO: AS RELAÇÕES AFETIVAS

Durante a realização das entrevistas, uma das questões abordadas foi o relacionamento afetivo, notadamente para analisar a influência do racismo na seleção afetiva do parceiro ou da parceira. Entre os homens, os relacionamentos ocorrem com mulheres brancas, o namorado de Márcia é negro, e Maria é viúva, mas nos relatou que o marido era negro. Questionados sobre a existência de preferência de cor de pele para as relações afetivas, os homens disseram não terem, alegando já terem tido relacionamentos anteriores com mulheres negras, brancas e asiáticas. Já entre as mulheres, Maria e Márcia disseram preferir se relacionarem com homens negros.

Indagados sobre o sentimento de racismo ou discriminação racial em suas respectivas trajetórias afetiva, todos disseram não terem vivenciado-a, Vagner é a exceção, e nos explica como se deu tal sentimento:

⁹⁹ VALLE SILVA, Nelson do. *Aspectos demográficos dos grupos raciais*. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 23, p. 07-15, 1992.

¹⁰⁰ BERQUÓ, Elza S. “*Demografia da desigualdade: algumas considerações sobre os negros no Brasil*”. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, v. 3, n. 6, Brasília, Anais, 1988, p. 89-110.

Assim, se eu estou num grupo, isso era no tempo de solteiro, e fica que você anda com a turma e na minha turma sempre tinha gente de cor diferente, tanto no nordeste como aqui no sul e realmente você vai num grupo de mocinhas a maioria procura o “clarinho”, a gente nota, a gente que paquera e a gente vê que a pessoa não está nem aí pra você, mas gente vê que um “clarinho” é mais bem aceito, isso as vezes acontece. Como hoje abolição da escravatura, então quer dizer, hoje tem a lei, mas não reeducou a sociedade em aceitá-lo, então até hoje. Tanto que eu li hoje na Folha de Londrina¹⁰¹ um professor dizendo que todas as festividades que faz nas escolas, são sobre a abolição da escravatura de modo que, de uma linguagem discriminativa, como se o negro fosse dessa categoria sabe, não foi um fato nacionalista nem assim histórico, pelo contrário, sempre coitadinho e outras coisas mais, você não vê que não é assim uma homenagem ao negro (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Para Vagner, no mercado matrimonial, a preferência das mulheres se dá pelos homens brancos, caracterizados pela superioridade frente aos homens negros. O entrevistado tem a leitura de que isso se deve ao fato de que após a abolição da escravatura a sociedade não veio a se reeducar, passando assim a naturalizar a inferioridade da população negra e fazendo com que seus membros sejam vistos socialmente como indivíduos que são dignos de compaixão, logo, não merecedores de pretensões afetivas por parte do gênero feminino. Verifica-se desta forma, como Vagner, por meio da vivência empírica e seu conhecimento sobre os dados históricos acerca da população negra, orchestra sua visão de mundo, a fim de lidar com as limites de satisfação pessoal, imposto pelo racismo.

Ainda sobre as relações afetivas, solicitei que falassem sobre algum episódio que os tivesse marcado, em suas afetividades, Márcia nos disponibilizou dois episódios, vejamos:

Vou contar até um episódio bem interessante, eu sempre gostei de rapazes negros, namorei negros, me casei com um negro e fiquei viúva, namoro com outro rapaz negro, mas a minha irmã é casada com um rapaz branco, descendente de italiano, sei lá do quê, e uma vez a gente se desentendeu, eu

¹⁰¹ Jornal impresso, distribuído em Londrina e cidades vizinhas.

e o meu cunhado, não sei por que razão, não me lembro, e ele me chamou de “negra nojenta”, alguma coisa assim, e eu vim embora muito ofendida, muito chateada mesmo. Mas no dia seguinte a minha irmã me ligou e falou “vem almoçar aqui em casa”, aí eu pensei bem na hora assim de imediato e disse “to indo”, e eu tinha fechado o pau com o cunhado no dia anterior, e fui e ele me tratou bem e me pediu desculpas que ele tava meio alterado e tal, e aquilo ficou por isto mesmo, mas creio eu que houve uma conversa entre eles na minha ausência, depois do papo comigo, e alguma coisa ficou muito mal nessa história, porque se eu era uma negra nojenta, ele tinha casado com uma também, porque ela é minha irmã, então eu acredito... Se eu já não tinha preferência por rapazes brancos a partir daquele dia a minha pouca preferência aumento bastante. Eu acho bonito, por exemplo, os descendentes de um casal de cores diferentes, meus sobrinhos, por exemplo, eu acho eles lindos, maravilhosos, essa miscigenação, essa mistura, e não tenho nada contra, eu acho bonito não tenho nada contra, mas não pra mim, pra mim não serve, não da certo (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Creio valer a pena a lembrança de que diante de um desentendimento no cotidiano entre brancos e negros normalmente a ofensa tende a se dirigir a raça/cor, por parte desses primeiros a esses segundos, explicitando assim uma das facetas do racismo. O segundo episódio, está relacionado também ao âmbito familiar, todavia, protagonizado pelo pai de Márcia:

Quase tive um namorado branco, mas não cheguei a namorá-lo, meu pai deu uma esculhambada no moleque e acabou com a minha festa, acho que esse episódio foi o que mais me marcou. Quando eu disse que quase namorei um rapaz branco, a gente era da mesma igreja, éramos bastante ativos e tal e a gente tava meio que apaixonado, aí o meu pai era muito ciumento, o meu pai não interferiu por ele ser branco, o meu pai interferiu por que ele interferia em todo mundo que se aproximasse das filhas dele, e acabou, não rolou, mas eu não tenho nem uma objeção contra as pessoas namorarem e casarem com pessoas de cor diferente, eu não faria isso pra mim, às vezes as pessoas podem até pensar assim, “ah então você é preconceituosa”, não é preconceito é uma questão de gosto. Todos os meus namorados foram negros, e foram poucos (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

Verifica-se, que embora Márcia tenha se apaixonado e tenha sido correspondida por um homem branco, segunda a mesma, a escolha da manutenção deste relacionamento não coube a ela, ou mesmo ao pretendente a namorado, mas sim ao pai, que por ciúmes não permitiu o namoro. O fato é que, este foi o único relacionamento que Márcia teve com um homem branco, os demais, como dito, se deram com homens negros, sem a objeção do pai. Falando sobre a sociabilidade de negros e mulatos, Carlos Hasenbalg elucida que:

No Brasil contemporâneo, pelo menos, os negros e mulatos em geral reduzem suas aspirações e deliberadamente limitam sua competição com os brancos simplesmente para evitarem ser lembrados “de seus lugares” e sofrerem a humilhação pessoal implícita em incidentes discriminatórios. De fato, evitar a discriminação parece constituir a principal causa da técnica de socialização utilizada pelos pais não-brancos para ajustarem aspirações subjetivas às possibilidades objetivas e protegerem seus filhos de frustrações futuras (1979: 200).

A leitura dos episódios vivenciados por Márcia nos ajuda a exprimir as teses de Hasenbalg. No primeiro, o relacionamento da irmã com um homem, com bem lembra Márcia, descendente de italianos, fez com que a irmã passasse por uma humilhação pessoal implícita, já que não foi alvo direto da discriminação. Já no segundo, a intervenção do pai foi um fator decisivo para que Márcia, a exemplo da irmã, não viesse a ter “frustrações futuras”, o que por sua vez fez com que a mesma passasse a se relacionar preferencialmente com homens negros, mesmo se simpatizando com homens brancos e com sua prole mestiça.

Ainda sobre a intervenção da família e do racismo nas relações afetivas, Vagner relata que:

Eu não sei se é a cor, mas o que tem é a questão cultural da família. Veja o meu caso, eu quando conheci a minha mulher, a família dela não queria a gente junto, então foi um bafafá, porque lá em Porto União¹⁰², local onde 99% das pessoas são claras, deu muito problema, assim, até no dia do casamento tinha uma tia dela que disse, “ela vai casar com esse nego vagabundo”, então

¹⁰² Cidade paranaense localizado ao sul do estado.

você vê a cor, o problema é a questão cultural da família (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

No caso de Vagner, a interferência familiar veio do lado contrário, ou seja, da família branca, demonstrando-se assim a complexidade do racismo à brasileira, que arraigado à cultura nacional acaba também por vitimar, por vezes, àqueles - neste caso a cônica de Vagner – que rompem com o *habitus* racista. Todavia, contrário a Márcia, esse obteve êxito, se casando com a companheira escolhida.

Como visto, as limitações objetivas e subjetivas que caracterizam o racismo perpassam as mais diversas instâncias sociais. Seus efeitos, por vezes invisibilizado pelo autômato cotidiano, causam sérias consequências, não vistas a olho nu, mas sentidas, contundentemente, pela população negra. O fato é que, também nesse sentido, mercado matrimonial, os negros se vêm em desvantagem em relação à população branca. A idade média do casamento para negros é maior que para a população branca. As mulheres pretas e pardas têm menos possibilidades de escolhas dos companheiros, além de serem as que em maior número permanecem mais tempo celibatárias, este é um dado constatado de forma empírica, todavia corroborado por Berquó (1988).

À guisa de conclusão solicitou-se, como fim de entrevista, que falassem sobre o que pensam sobre as relações raciais e sobre o racismo no Brasil, vejamos os depoimentos:

Eu acho lamentável, eu sofro muito quando vejo discriminação, essa história de cotas que nós entraríamos aí em outro patamar da questão racial, eu não gosto dessa história de cotas acho que ficar arrumando vagas pra negros entrar na universidade, é diminuir a capacidade que o negro tem de assimilar conhecimento, acho que o que tem que acontecer é oportunizar conhecimento no mesmo patamar para todas as crianças, adolescente e jovens, e ai vai se chegar ao vestibular numa igualdade de conhecimento e por isso mesmo eu defendo que se tem que ter cota, então tenha pra pobre, gente que não conseguiu estudar em uma escola particular até por que as condições dos pais não permitiam, mas não só pro negro. Gosto dessa situação de o negro estar se sobressaindo, você vê negro na novela, gosto de

ver o negro bonito, sabe a gente vê pessoas maravilhosas na televisão, extremamente arrumada, andando pelas ruas, Londrina tem meninas negras lindas e isso me faz bem, me satisfaz sabe eu acho que isso confirma a paixão que eu tenho pela minha raça, evidente que todo mundo gosta de ver gente bonita, quando eu vejo uma moça branca bonita eu também acho maravilhoso, mas parece que sempre foi mais próximo deles ser bonito ser arrumado ter bom gosto e já de algum tempo pra cá isso tem sido próximo também da raça negra e isso é extremamente importante que sejamos bonitos, arrumados, estudados, inteligentes e capazes, isso que eu acho que é a grande busca (Márcia, 43 anos, atleta e professora).

A análise do depoimento de Márcia nos demonstra a perversidade do racismo à brasileira. Vejamos, a entrevistada começa sua fala expressando seus sentimentos diante da discriminação racial vivenciada pela população negra, deixando claro sua ciência sobre a opressão simbólica e material que o racismo impõe aos negros; em seguida, diz ser contra o sistema de cotas raciais para negros em universidades públicas, pois crê que negros e brancos têm as mesmas capacidades cognitivas, logo, são iguais sob este ponto de vista, acreditando assim que o ideal a se fazer é a instituição de cotas sociais, o que por sua vez tende a assimilar brancos e negros pobres, os mais oprimidos na sociedade de classes, segundo o pensamento marxista. Ora, podemos perceber que neste primeiro momento de sua fala, Márcia expressa a *priori* sua visão subjetiva/individual e logo após um prisma mais objetivo/social, contrapondo assim dois pontos de vista muito distintos e complexos – objeto eterno das ciências sociais – o que por sua vez tende a fazer com que sua fala seja um tanto quanto paradoxal, pelo fato de explicitar em seu depoimento que o sofrimento social - vivenciado por brancos e negros - a situação de pobreza, deve se sobrepor ao experienciado por esses últimos, e a ela própria, demonstrando-se assim uma das características ideológicas de nossa sociedade que faz crer aos negros que suas necessidades, tanto individuais quanto sociais, só podem ser satisfeitas após as dos brancos. Isso se deve, sobretudo, pela falta de conhecimento histórico das condições e da falta de oportunidades para o negro ao longo da história brasileira (FERNANDES, 1972; HASENBALG, 1979; E MUNANGA, 2008).

Já na segunda parte de sua fala, Márcia volta a expressar suas individualidades, e relata o quão prazeroso tem sido, para ela, ver que seus pares

negros têm se destacado positivamente em nossa sociedade. Todavia, é possível a percepção de que a entrevistada não se atem para o fato de que tais avanços se devem, sobretudo, pelo êxito que o movimento negro vem obtendo ao longo dos anos, expresso, em grande parte, pela instituição de políticas públicas, dentre elas as cotas raciais nas universidades públicas, da qual eu, que fui objeto de alegria e satisfação diante da constatação de Márcia, pelo jeito de ser, e das quais também me beneficiei.

Como veremos no relato a seguir, Celso corrobora a visão de Márcia, porém, explicita apenas seu prisma objetivo/social, deixando de lado sua visão mais subjetiva/individual, guiada pelos afetos, como visto em determinados momentos de sua entrevista, nos quais Celso expressou suas percepções diante da discriminação racial vivenciada.

Em primeiro lugar eu acho que não existe raça, eu defendo essa ideia! Infelizmente no nosso país nós temos uma questão social muito grande, muita pobreza, injustiça social, então independente de ser negro, japonês, mas se você pegar os japoneses, a maioria deles tiveram um outro nível educacional, mais você encontra japoneses também que são discriminados, brancos, os polacos, um monte de coisa. Então a questão nossa tá mais na questão da diferenciação econômica (Celso, 43 anos, policial federal aposentado).

Já a resposta de Maria sobre esta mesma questão foi a seguinte,

A questão racial, eu penso assim que tem muita coisa ainda pra ser mudada, há muita coisa a ser mudada nesse país. Eu acho que a discriminação, é uma discriminação mascarada, porque se você for fazer uma entrevista com qualquer outra pessoa, não precisa nem ser no meio político não, qualquer outra pessoa da raça branca, eles dizem que não existe discriminação, mas a gente que vive no meio, já tem a convivência, você percebe, a gente percebe isso e não vai deixar de existir, tanto que se você for analisar, dificilmente você vê um negro em linha de frente, na universidade não se pode tomar como base, mas se você for nos setores privados, bancos, lojas, etc. dificilmente você vê um negro em linha de frente, então se você for fazer uma análise mesmo você não vê um negro, agora porquê? Porque o negro não tem capacidade? Não, é justamente pela cor (Maria, 53 anos, editora).

Acredito que o depoimento de Maria fale por si mesmo, a entrevistada parte de sua vivência empírica para explicitar sua visão sobre racismo. Assim, a entrevistada conceitua de modo informal aquilo que os diferentes intelectuais das ciências humanas demonstram de forma científica, imprimindo assim uma maior legitimidade a este trabalho, ao se constituir por meio dos conhecimentos informal/empírico e formal/teórico. Vejamos a resposta de José,

Olha eu acredito que os negros que estão numa situação econômica mais difícil, que precisam de um serviço público, do hospital público pra um filho, de uma escola pública, alguma coisa assim, eles vão sofrer mais do que um negro que tem uma condição social um pouco melhor e que possa pagar pelo o que o estado oferece de graça aí pros outros. Eu acredito que quem não tem dinheiro, e além de não ter dinheiro é negro deve sofrer mais do que eu sofri aí na trajetória da minha vida, porque meus pais nunca foram ricos, mas sempre puderam me dar escola particular, um médico particular, então eu acho que não sofri tanto o impacto do preconceito, não posso dizer que não existe porque eu não tô lá pra assistir, mas eu acredito que exista sim (José, 26 anos, advogado e empresário).

José levanta aqui a questão que serviu de mote para este trabalho: o racismo negro, que independente de qualquer outra variável social atinge inexoravelmente a todos os negros. Em nossa sociedade capitalista, a situação econômica é tida como o principal marcador para a distinção dos indivíduos, contudo, como vimos o racismo não é barrado por valores monetários, apenas amenizado. Todavia, é importante ressaltar, que esta amenização é, sobretudo, social, visto que tende a deixar marcas profundas naqueles que a vivenciam. Vagner corrobora a afirmação de José,

Ela é mascara, é o caso do Pelé, quer dizer se o Pelé vier a Londrina ou a outro local em que ele é bem quisto, porque ele é o Pelé, quer dizer é um mito

do futebol e tem dinheiro. Se você for ver tantos outros tão bons quanto ele, realmente ele é um gênio, mas teve outros, que eu conheço do meu tempo aí, jogadores de futebol que também foram gênios negros, cadê? Ninguém sabe onde estão, nunca ninguém foi atrás de apoiá-los, saber qual o problema deles, quer dizer então, são vários artistas. Então pra mim, o dinheiro, ele ameniza, ele mascara um pouco, mas dentro da nossa sociedade a gente vê que ta encruada, mesmo a discriminação ao negro, a todos os seus descendentes etc., e a gente vê aí no dia-a-dia, no trabalho, né? (Vagner, 60 anos, professor universitário aposentado).

Por fim, a constatação dos limites que o racismo impõe a sociabilidade da população negra se exprime em todos os depoimentos de forma implícita ou explícita. Com maior ou menor dificuldade todos os entrevistados nos forneceram, mesmo que de forma inconsciente, elementos necessários para a compreensão de como o racismo, com todo o seu “subjetivismo” tende a minar os sonhos e desejos daqueles, que ao nascerem com a pele negra selam seu vínculo com a inferioridade social – que como vimos, vem sendo veementemente combatida ao longo do século, por militantes e acadêmicos que objetivam mudar esta dura realidade.

Considerações Finais

Para finalizar este percurso volto a fazer a pergunta apresentada por Kabengele Munanga (2008), já mencionada no capítulo IV deste trabalho:

Se todos (salvo as minorias étnicas indígenas), negros mestiços, pardos – aspiram à brancura para fugir das barreiras raciais que impedem sua ascensão socioeconômica e política, como entender que possam construir uma identidade mestiça quando o ideal de todos é branquear cada vez mais para passar à categoria branca? (p. 102).

Como vimos no decorrer deste trabalho o racismo e a discriminação racial são uma realidade intrínseca à nossa cultura, vivenciada pela população negra ao longo da história da sociedade brasileira. Mesmo passados 125 anos da ruptura com uma sociedade escravista, na qual os direitos objetivos e subjetivos – expressos respectivamente pelo direito constitucional e por valores morais – privilegiavam os descendentes de povos europeus, encontramos ainda em nossa época atual resquícios desse pensamento social arcaico. Todavia, diante dos significativos avanços socioeconômicos que a população negra vem obtendo ao longo dos anos, vimos que, mesmo com certa resistência, este imaginário popular que tende a inferiorizar os negros está se obliterando, devido, sobretudo, ao acesso aos mais diversos ambientes sociais, negado aos negros em um passado recente. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o período compreendido entre os anos de 2013 a 2022, é considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como a década internacional do afrodescendente. Busca-se com esta instituição o aprofundamento do debate sobre os direitos da população afrodescendente, em reconhecimento às mazelas do mundo ocidental para com os negros¹⁰³.

Há ainda muito que se avançar a fim de uma equidade entre negros e brancos em nosso país. A busca pelo avanço socioeconômico da população negra é *deveras* importante para o êxito dessa igualdade social, contudo, é importante lembrar que por si só esse não é capaz de extinguir o racismo, mas apenas atenua-lo. Assim, paralela à busca de um maior êxito

¹⁰³ Cf.: em <http://www.palmares.gov.br/2012/02/onu-prepara-decada-internacional-dos-povos-afrodescendentes/>. Visitado em 27/02/13.

objetivo/socioeconômico da população negra, verifica-se a necessidade de se explicitar os meandros pelos quais o racismo contra os negros se sustenta, para assim podermos romper com os resquícios deixados por uma cultura social racista, contidos no imaginário popular, principal constituidora do racismo à brasileira – caracterizado pela manifestação implícita, disfarçada e de difícil discussão.

Por fim, nos é cara a lembrança de que já nos vemos diante de uma realidade na qual os negros já podem assumir sua negritude, sem precisarem almejar a brancura a fim de se furtarem das limitações socioeconômicas, mesmo sendo este um fato restrito a poucos de nós negros. Contudo, não podemos deixar de vislumbrar esta realidade, melhor compreendida como uma conquista que vem se arquitetando desde o período escravista, a partir da resistência dos primeiros africanos que vieram forçosamente habitar estas terras que sempre nos foram tão inóspitas.

REFERENCIA

ALCÂNTARA, José. *O conceito de Sociabilidade em Georg Simmel*. Rev. Ciências Humanas - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005.

BAEHLER, Jean. *Grupos e Sociabilidade*. In: BOUDON, Raymond (Org). *Tratado de Sociologia*. Trad. por Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BECKER, Howard S. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*: Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2009.

BERQUÓ, Elza S. "*Demografia da desigualdade: algumas considerações sobre os negros no Brasil*". Encontro Nacional de Estudos Populacionais, v. 3, n. 6, Brasília, Anais, 1988, p. 89-110.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*: editora34. São Paulo, 2000.

CARDOSO, F. H; IANNI, O. "*Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional*". São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CARONE & M. A. BENTO (Orgs.). *Psicologia Social do Racismo*. 5º Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COULON, A. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papyrus, 1995.

DIWAN, Pietra. *Raça pura: Uma História da Eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

DORES, Júlia L. Pereira das. *Exclusão Social, políticas públicas e representações sociais na cidade de Londrina PR: um olhar sobre o assentamento urbano Jardim Maracanã*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2005.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora Edusp, 2001.

FIGUEIREDO, Ângela. *Velhas e Novas "Elites Negras"*. In: MAIO, M. C. & BÔAS, G. V. (Org.) *Ideais de Modernidade e Sociologia no Brasil. Ensaio sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: BRASIL. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

HASENBALG, Carlos A. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes. (Ed. Documenta, 1969). 1991a.

MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade. Novas bases epistemológicas para enfrentar o racismo*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007.

MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1989.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (3ª. ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ORTIZ, Renato. *A procura de uma sociologia da prática*. In: BOURDIEU, Pierre. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PAIXÃO, Marcelo & CARVANO, Luiz (orgs) – *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2007-2008*. Rio de Janeiro, 2008.

PARK, Robert E. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano* (1916). In: VELHO, Guilherme Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Trad. de Sérgio Magalhães Santeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

PASTORE, José & SILVA, Nelson do Valle. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Macron Books, 2000.

PAULO, Folha de São. *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

RAMOS, Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1957.

REIS, Cláudia. *O movimento negro e a relação classe / raça*, São Paulo: Rev. Espaço Acadêmico, n.40, 2004.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho e TRINDADE, Azoilda Loretto da. *O ensino e o anti-racismo*. In: *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Editora Nobel, 2007.

SILVA, Maria Nilza da. *Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo*. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares - Ministério da Cultura, 2004.

SILVANO, Filomena. *Antropologia do Espaço*. 2º Ed, Lisboa: Ed. Celta, 2007.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

_____. *A metrópole e a vida mental*. Em VELHO, Otávio G. (org), *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1979 (1902).

_____. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana, nº 11, ano 2, p. 577 – 591, 2005.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro (1870-1930) (1ª ed.)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOARES, G. A. D. *Sociedade e Política o Brasil*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.

SOUZA, N. S. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TODOROV, T *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (1993).

THOMAS, William I. *O problema da personalidade no ambiente urbano*. Tradução de Mário A. Eufrazio e Paulo Henrique Pereira. Rev. Plural; Sociologia, USP, S.Paulo, 8: 145-156, 2º sem. 2001.

VALLADARES, L. D. *A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório*. Caderno CRH. Salvador, v. 3, n. 58, p.35-49, 2010.

VALLE SILVA, Nelson do. *Aspectos demográficos dos grupos raciais.*, Rio de Janeiro: Ver. Estudos Afro-Asiáticos v. 23, p. 07-15, 1992.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.
_____. *O racismo – Uma introdução*, tradução: Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2007.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida* (1938). In: VELHO, Guilherme Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Trad. de Marina Corrêa Theuherz. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.